



Romney Anderson Lemos de Lima

“Venham ouvir o Museu do Ipiranga...”: Um estudo sobre a divulgação da história e do museu em um programa de rádio (1951-1953)

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social da Cultura pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientadora: Dr^a. Juçara da Silva Barbosa de Mello

Rio de Janeiro
Agosto de 2023



Romney Anderson Lemos de Lima

“Venham ouvir o Museu do Ipiranga...”: Um estudo sobre a divulgação da história e do museu em um programa de rádio (1951-1953)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª Drª. Juçara da Silva Barbosa de Mello
Orientadora
Departamento de História - PUC-Rio

Profª Drª. Angela Maria de Castro Gomes
UNIRIO

Profª Drª Larissa Rosa Correa
PUC-Rio

Profº Dr. Paulo César Garcez Marins
USP - Museu Paulista

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Romney Anderson Lemos de Lima

Graduou-se em Bacharel e Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004. Concluiu a Especialização em História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Pretos Novos e Universidade Santa Úrsula em 2019.

Ficha Catalográfica

Lima, Romney Anderson Lemos

“Venham ouvir o Museu do Ipiranga...”: Um estudo sobre a divulgação da história e do museu em um programa de rádio (1951-1953) / Romney Anderson Lemos de Lima; orientadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. - Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2023.

v., 129 f.: il. ; 29,7 cm

1. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História.

Inclui referências bibliográficas.

1. História - Teses. 2. História Social da Cultura - Teses. 3 - Museus. 4. Ensino de História. 5. História do Rádio. 6. São Paulo.

I. Mello, Juçara da Silva Barbosa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para minha mãe Zuila Lemos (*in memoriam*), que viveu seus últimos dias ao meu lado enquanto eu escrevia os últimos parágrafos deste trabalho.

Agradecimentos

Sou muito grato a todas as pessoas que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

A minha companheira Aline Montenegro, grande incentivadora desde sempre. Não tenho palavras para descrever todo seu apoio e parceria. Esta dissertação é para você.

A minha querida amiga Juçara da Silva Barbosa de Mello, pela brilhante orientação, pela paciência e por sempre acreditar em mim e nos resultados desta pesquisa.

A Gilberto Vieira, grande amigo e compadre, pelo apoio constante e sugestões para a melhoria das pesquisas.

Ao jornalista Bruno Micheletti, onde seu trabalho sobre Osvaldo Moles e o rádio de São Paulo, foram fundamentais para a conclusão desta dissertação.

As amigas Carina Martins, Iamara Vianna, Lúcia Garcia, Isabel Lenzi, Inês Gouveia e Luciana Corrêa, por me incentivarem e acreditarem na realização deste trabalho.

Ao amigo e querido jornalista Cláudio Figueiredo pela pronta ajuda na tradução do resumo.

Aos amigos do grupo História Através da Música, André Mendes, Gustavo Arthidoro, Valdir Ribeiro, Pedro Castro, Cláudio Mendes, Vítor Kruter, Alana Mendonça e André Dinis, onde toda essa história começou.

A Izi Ferro pelas pesquisas feitas na USP no começo da escrita deste trabalho.

Ao Serviço de Documentação Histórica e Iconografia do Museu Paulista, nos nomes da servidora Anna Laura e do servidor Ricardo.

Ao jornalista Milton Parron do Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes, por me ceder os áudios do programa, embrião das primeiras leituras.

A família de Osvaldo Moles, nos nomes da sobrinha-neta Beatriz Savonitti e seus filhos Gabriel Savonitti e Pedro Savonitti, que me concederam acesso à documentação, entre roteiros, fotos, cartas e matérias de jornais.

A jornalista Carla Bigatto da Band News, por intermediar minha conversa junto ao CEDOM da Rádio Bandeirantes.

Telma Maria Murari, da Gestão e Difusão do Acervo da Unicamp.

Imensa gratidão aos meus familiares que sempre acreditaram nos meus estudos. Meu irmão Roosevelt Lima, minha sogra Nilzeth Montenegro, meu pai Francisco Lima, que se estivesse vivo estaria ouvindo sem parar os *jingles* do programa e a minha irmã, Catarina Lima, que mesmo do outro plano, sei que vibra muito por mim.

A PUC-Rio, em especial ao Departamento de História, sob a coordenação do Prof. João de Azevedo e Dias Duarte e da secretária Débora Marques, sempre prestativa nas nossas dúvidas e anseios.

As professoras Angela de Castro Gomes e Larissa Rosa Correa e o professor Paulo Garcez, pela leitura atenta e crítica deste trabalho, as duas primeiras desde a qualificação.

Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Lima, Romney Anderson Lemos de Lima; Mello, Juçara da Silva Barbosa (orientadora). **“Venham ouvir o Museu do Ipiranga...”: Um estudo sobre a divulgação da história e do museu em um programa de rádio (1951-1953)**. Rio de Janeiro, 2023. 129 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O propósito desta dissertação é analisar o programa de rádio *Museu do Ipiranga*, produzido por Osvaldo Moles e veiculado pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, entre 1951 e 1953. Nesse sentido, procura-se identificar os conceitos de história e museu produzidos e divulgados no programa, bem como compreender as metodologias de ensino e divulgação. Para isso, faço uma “descrição densa” dos áudios e roteiros do *trailer* e do programa de estreia, buscando também, perceber a comunicação que se buscava estabelecer com os ouvintes. Além disso, procurei entender a trajetória, as redes de sociabilidade e a categoria de intelectual-mediador de Osvaldo Moles e seu interesse por programas como *Museu do Ipiranga*, haja vista não ser um programa de apelo mercadológico. O papel de Sérgio Buarque de Holanda na produção do programa e sua contribuição, não só como historiador, mas também como diretor do Museu Paulista à época, também é objeto de estudo deste trabalho. Para finalizar, foram estudadas a projeção, a repercussão e a recepção do programa em outras mídias, como os jornais, e nos índices de audiência, no sentido de avaliar o impacto do programa *Museu do Ipiranga*.

Palavra-chave

Rádio; Museu do Ipiranga; Intelectuais-mediadores; Ensino de História, Osvaldo Moles, Sérgio Buarque de Holanda.

Abstract

Lima, Romney Anderson Lemos de Lima; Mello, Juçara da Silva Barbosa (supervisor). **“Come listen to the Museu do Ipiranga...”: A study on the dissemination of history and the museum in a radio show (1951-1953)**. Rio de Janeiro, 2023. xx p. Master’s Dissertation - Department of History. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this dissertation is to analyze the radio show *Museu do Ipiranga*, produced by Osvaldo Moles and broadcast by Rádio Bandeirantes, between 1951 and 1953, in São Paulo. In this sense, it seeks to identify the concepts of history and museum articulated, practiced, and disseminated in the program, as well as understand the teaching and dissemination methodologies. For this, I make a “dense description” of the audios and scripts of the trailer and the debut program, also seeking to understand the communication that the producer attempted to establish with the listeners. In addition, I sought to understand the trajectory, the networks of sociability and the role of intellectual-mediator played by Osvaldo Moles as well as his interest in programs such as *Museu do Ipiranga*, since it is not a program of marketing appeal. The role of Sérgio Buarque de Holanda in the production of the program and his contribution, not only as a historian, but also as director of the Museu Paulista at the time, is also the object of study of this work. Finally, the projection, the repercussion and the reception of the program in other media, such as newspapers, and the ratings, were studied in order to evaluate the impact of the *Museu do Ipiranga* program.

Keywords

Radio; Ipiranga Museum; Intellectual-mediators; History Teaching, Osvaldo Moles, Sérgio Buarque de Holanda

Sumário

Introdução.....	12
Capítulo 1 – Um museu para se ouvir: análise de roteiros e áudios.....	19
1.1 - “Qualquer coisa de notável”.....	19
1.2 - E agora uma pausa na programação para os nossos patrocinadores.....	22
1.3 - A pré-estreia - “Eu tô te explicando, pra te confundir, eu tô te confundindo, pra te esclarecer”.....	27
1.4 - A estreia - Agora é pra valer!!!.....	39
1.5 - A repercussão e considerações finais.....	50
Capítulo 2 – Museu e Ensino de História nas ondas do rádio.....	52
2.1 - É um monumento, é um museu ou são os dois?.....	52
2.2 - “Um museu deve ser, antes de tudo, casa de educação”: A gestão de Sérgio Buarque de Holanda no Museu Paulista nos anos 40 e 50.....	60
2.3 - Conceitos de História e Museu produzidos e divulgados no programa.....	63
2.4 - “Ensino e alegria” em outros programas de rádio.....	67
2.4.1 - Walter Benjamin e suas crianças - cultura, história, política, economia, tecnologia..... numa produção radiofônica.....	68
2.4.2 - No Ceará, um intelectual vira vovô para falar com as crianças.....	70
2.4.3 - As curiosidades do Almirante.....	72
2.4.4 - Um museu para professores.....	74
2.4.5 - As “pílulas” de conhecimento de Viriato Corrêa.....	76
2.5 - Conclusão.....	78
Capítulo 3 - Osvaldo Moles: a trajetória de um homem do rádio.....	82
3.1 - “O rádio é o jornal de quem não sabe ler”.....	82
3.2 - “O malabarista da máquina de escrever”.....	88
3.2.1 - Introdução.....	88
3.2.2 - O começo nos jornais.....	89
3.2.3 - “Em ondas médias, em ondas curtas e frequência modulada pra você se lembrar de mim”: a chegada de Moles no rádio.....	97
3.2.4 - Moles e Adoniran Barbosa se encontram na “Maior”.....	98
3.2.5 - “Se a rádio não toca a música que você quer ouvir, é muito simples é só trocar a estação”: Moles vai para a “Mais popular emissora paulista”.....	101
3.2.6 - “Você não vale nada mais eu gosto de você” : “A TV nasceu morta!”..	104
3.3 - “Se alguém perguntar por mim, diz que fui por aí”.....	107
3.3.1 - Moles como um “intelectual-mediador”.....	107
3.3.2 - As redes de sociabilidades de Osvaldo Moles.....	110
Conclusão.....	117
Fontes.....	120
Referências Bibliográficas.....	121
Lista de anexos.....	126

Lista de figuras

- Figura 01 - Destillaria Ypiranga: Cognac Velho
- Figura 02 - Fábrica de Licores e Xaropes Ypiranga: Aniz.
- Figura 03 - *Jornal de Notícias*, 05/08/51. p. 04
- Figura 04 - *Diário da Noite*, 03/04/52. p. 09
- Figura 05 - O Elephante. São Paulo, Julho de 1920.
- Figura 06 - Catálogo mostrando parte dos rótulos da antiga Destilaria Ypiranga.
- Figura 07 - Grupo Titulares do Ritmo. *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro, 1954.
- Figura 08 - Osvaldo Moles com algumas atrizes do programa *Museu Ipiranga*.
- Figura 09 - Sala da exposição Ethnographia brasileira. 1937.
- Figura 10 - Visitas da sala B8 - objetos históricos.
- Figura 11 - Edifício-monumento do Ipiranga. Guilherme Gaensly. Década de 1890.
- Figura 12 - Planta baixa Museu Paulista.
- Figura 13 - Esculturas dos bandeirantes Fernão Dias e Raposo Tavares. Pinturas *Ciclo da caça ao índio e Retirada do Cabo de São Roque*.
- Figura 14 - *Príncipe D. Pedro e Jorge Avilez a bordo da fragata União* (1922) e *Sessão das Cortes de Lisboa* (1922). Oscar Pereira da Silva
- Figura 15 - Imagem *Independência ou Morte!* 1888. Pedro Américo.
- Figura 16 - Sala B9 - sala dedicada aos objetos doados de Santos Dumont.
- Figura 17 - Auditório da Rádio Nacional nos anos 50. Acervo/Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
- Figura 18 - Almirante ouvindo o “repente” de um violeiro nortista durante um desafio e ladeado pelos concorrentes ao programa
- Figura 19 - Gravação no estúdio da Rádio Nacional do programa *Curiosidades Musicais* em 20/06/1938.
- Figura 20 - Capa do livro *História do Brasil para crianças* de Viriato Corrêa.
- Figura 21 - Capa do *Guia Oficial da Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922*.
- Figura 22 - *Gazeta de São Paulo*, 04/12/33. p. 5
- Figura 23 - Capa do jornal *Correio Paulistano*, 25 de janeiro de 1936.
- Figura 24 - O casal Anita Ramos e Osvaldo Moles.
- Figura 25 - Capa de comemoração do 81º aniversário do jornal *Correio Paulistano*.
- Figura 26 - *Jornal Correio Paulistano*, 26/01/37.
- Figura 27 - *Revista do Rádio*, 17/02/53.
- Figura 28 - Osvaldo Moles é o primeiro em pé da esquerda para direita
- Figura 29 - Adoniran Barbosa como *Charutinho*, um tipo criado por Osvaldo Moles.

Figura 30 - Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa.

Figura 31- O polêmico cartaz de divulgação do programa *Casa da sogra*,

Figura 32 - Acervo pessoal de Beatriz Savonitti.

Figura 33 - Propaganda de divulgação da Rádio Bandeirantes sobre a contratação da Osvaldo Moles.

Figura 34 - Nota da família no obituário do Jornal Estado de São Paulo.

Figura 35 - Jornal Folha da Manhã, 03 de fevereiro de 1953.

Figura 36 - “Os escritores e o candidato”. Jornal Folha da Manhã, 15/03/53.

Figura 37 - Estatueta em bronze esculpida por Victor Brecheret, entregue a produção do filme *Simão, o Caolho*.

Introdução

Um dos sons de toda minha infância e juventude, foi o chiado do rádio. As ondas curtas e médias das rádios AM e FM, eram parte integrante da nossa família ao ponto de estranhar quando se fazia o silêncio em casa.

Esse som, normalmente, partia do rádio de pilha Motoradio preto ou de um Gradiente com toca-fita que ligava na tomada ambos do meu pai, um ouvinte voraz dos programas de rádio. Me lembro de ouvir, logo de manhã cedo me arrumando para ir para escola, o *Show do Antonio Carlos* na Rádio Globo, sem entender porque a astróloga Zora Yonora dizia que o verde era a cor da sorte naquele dia se você fosse do signo de escorpião e o seu número era o 27. Como também não entendia meu pai bradar: “Carneiro. Bom palpite!”, que tempos depois foi descobrir se tratar de uma frase obrigatória de se dizer aos apostadores no jogo do bicho, que mesmo ilegal, era uma tradição nos subúrbios do Rio de Janeiro.

À noite, ouvia com ele *A turma da Impecável Maré Mansa*, um programa de humor, que imitava o programa de televisão *A Praça é Nossa!*. O programa era sem graça, mas eu ouvia quase sempre. Só deixava de ouvir quando tinha futebol, que diferente de hoje, só tinha às quartas e domingos.

Ouvir jogos no rádio é um hábito que tenho até hoje. Me lembro de insistentemente tentar ouvir jogos do meu time, o Corinthians, morando no Rio de Janeiro. Era um sacrifício, pois dificilmente conseguia pegar as estações paulistas e quando conseguia tinha que dividir o som com cultos evangélicos que interferiam na narração, me fazendo, por diversas vezes, confundir um grito de gol com um amém de um pastor.

Na adolescência pude comprar meu próprio rádio portátil que levava ao Maracanã para poder ouvir a emoção que vinha da *latinha*, como diziam os narradores e perceber que havia dois jogos, o que eu assistia *in loco* e o narrado. Claro que o jogo narrado era muito mais emocionante do que eu assistia ao vivo, seja no estádio, seja na *caixinha*, outra expressão dos narradores ao se referirem à televisão e que eu copiava esse e outros bordões, seja tentando jogar futebol de botão, seja futebol na rua com os amigos.

Também ao lado do meu pai, pude conhecer alguns amigos seus que trabalhavam no rádio. Me lembro de ir na madrugada na Rádio Globo na rua do Russel, na Glória e ser apresentado a personagens importantes da história do rádio no Brasil, como Washington Rodrigues “o Apolinho”, Hilton Abi-Rihan, Alberto Brandão e José Carlos Araújo, o “verdadeiro garotinho” e essas vozes, que faziam parte do meu imaginário, ganharam corpo e eu estranhava, pois não tinham nada a ver com o que eu imaginava que eles fossem. Coisa do rádio!!!

O tempo passou e eu nunca mais larguei o rádio. Em 2013, estava fazendo uma pesquisa sobre a Rádio Nacional para um espetáculo que eu fazia parte, “O Rádio nas Ondas da História”, quando me deparei lendo a biografia do Adoniran Barbosa do jornalista Celso Campos Jr.

O nome mais citado pelo autor, além do próprio biografado, foi de Osvaldo Moles. E, ao longo da leitura, Campos Jr. citou alguns programas produzidos por Moles, entre eles, um de nome bem curioso e que me chamou a atenção: *Museu do Ipiranga*. Muita pouca coisa foi escrita sobre o programa. Sublinhei o nome, marquei a página e combinei comigo mesmo que assim que terminasse a temporada do espetáculo eu iria procurar saber mais sobre o Moles e o seu programa. Bem, a promessa foi cumprida em parte. A temporada terminou em seis meses e eu voltei ao livro quase três anos depois.

Depois de procurar na internet sobre o programa e não encontrar praticamente nada a respeito, entrei em contato com a Rádio Bandeirantes, mais especificamente no Centro de Documentação e Memória, coordenado pelo jornalista Milton Parron. Uns 10 dias depois, chegou na minha caixa de email 6 áudios do programa. E se o nome já chamava a atenção, os áudios que se revelavam para mim me deixam cada vez mais inquieto.

A primeira pessoa que mostrei os áudios foi a minha companheira Aline Montenegro, à época historiadora do Museu Histórico Nacional. Ela imediatamente me disse que eu tinha acabado de descobrir o tema do meu mestrado. Como “santa de casa não faz milagre”, não levei adiante a profecia dela.

Em dezembro de 2019, a professora Juçara me convidou para ser professor convidado da disciplina Ensino de História e Música que ela ministraria na PUC-Rio. Obviamente que aceitei, afinal já tinha uma experiência pedagógica de quase 20 anos de ensino de história através da música.. As aulas começaram em março de 2020, e após duas semanas de aula, a pandemia da Covid-19 paralisou o Brasil. Cerca de 15

dias depois as aulas passaram a ser on-line e nos vimos em um imenso desafio, trabalhar exclusivamente com ensino à distância sem ter a menor ideia de quando a normalidade seria estabelecida.

Já encaminhando para o final do curso, em junho de 2020, a professora Juçara sentenciou: “E aí, Romney e aquele programa de rádio que você tanto fala, não vai fazer o mestrado sobre ele? Olhe, as inscrições para o mestrado começam em julho aqui na PUC. Se inscreva que serei sua orientadora”. Só pude falar: “Tá bom. Muito obrigado pela confiança. Vou escrever o projeto”. Como responderia não a uma orientação da Juçara? Assim fiz...

Peço desculpas aos leitores, por introduzir esta dissertação como uma espécie de “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006), articulando o sentido da minha pesquisa com memórias afetivas da presença do rádio em minha vida. Entretanto, esse relato compartilhado aqui funciona pra mim como um “objeto gerador” - pegando emprestado um conceito de Francisco Régis Lopes Ramos, inspirado na palavra geradora de Paulo Freire (RAMOS, 2004) - para os questionamentos mobilizados neste trabalho. O objetivo foi alimentar minha curiosidade sobre um programa de rádio da década de 1950 que articula humor, poesia, teatro e música para ensinar história e outras ciências em tom de curiosidades aos ouvintes, bem os moldes de uma metodologia pedagógica que muito aprecio e que costumo lançar em minhas aulas.

Museu do Ipiranga, um monumento nas ondas do rádio

Em 21 de junho de 1951 fazia sua estréia na Rádio Bandeirantes de São Paulo, o programa *Museu do Ipiranga*. Ficou no ar até 1953, sempre às quintas-feiras às 20:30, ocupando o horário nobre na rádio. O programa tinha a duração de aproximadamente 30 minutos e contava com a produção do radialista Osvaldo Moles e com a supervisão do historiador Sérgio Buarque de Holanda, então diretor do Museu Paulista.

Venham ouvir o Museu do Ipiranga onde há História, Filosofia, onde há Teatro, Ideologia, onde há divertimento e alegria... Antropologia, Filosofia, Egiptologia, Geologia, Anatomia, Patologia, Poesia e Astronomia... Venham todos ao Museu do Ipiranga onde há História, Filosofia, Antropologia, Astronomia, Ideologia, onde há ensinamento e alegria.....

Com esta vinheta, a orquestra do maestro Benjamin Silva Araujo junto com o grupo *Titulares do Ritmo* iniciavam o programa, na Rádio Bandeirantes, prefixo PRH-9, conhecida como a "mais popular". Convidavam assim, os ouvintes a fazerem uma visita ao “retrato radiofônico” do Museu Paulista, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga – um dos mais conhecidos museus do Brasil.

Com a intenção de instruir o público com informações sobre história e outras ciências, o programa fazia parte de um amplo conjunto de programas criados por Moles, que entendia o rádio, também, como um instrumento de educação. Entre os programas por ele produzidos dentro dessa linha, cito “Grandes processos da História” (1946), “História da Literatura Brasileira” (1952-1954), “Histórias do Brasil” (1954) e “História das malocas (de 1955 a 1965), além de alguns livros de crônicas da cidade de São Paulo, como “Piquenique classe C”, pela Boa Leitura Editora e “Lotação para o sonho”, pela Livraria Martins Editora.

Segundo Amara Rocha, esse tipo de atração não era comum nas rádios no Brasil:

Em 1949, a maior parte das transmissões era dedicada a programas de música. Em segundo lugar, vinham os textos de propaganda comercial, seguidos dos noticiários, transmissão de esportes e jornalismo esportivo. Os programas de auditório e as representações teatrais também se destacavam (ROCHA, 2007, p. 114)”.

Ao ter acesso aos áudios dos programas e aos roteiros, conseguidos junto ao Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes e à família de Osvaldo Moles, respectivamente, foi possível analisar o programa *Museu do Ipiranga* pela chave do conceito de História Pública, pois o programa se utiliza de artifícios, próprios da linguagem radiofônica, para entreter o público, tanto de homens como de mulheres e das mais diversas faixas etárias.

O programa *Museu do Ipiranga*, procurava dialogar com as diversas Ciências Humanas, conforme a vinheta de abertura já sinaliza. Apesar de cada vez mais as rádios apostarem em programas com expectativas de grandes audiências, sobravam alguns espaços para outros tipos de programação e nesse sentido, a atuação

de Osvaldo Moles foi primordial para atrair patrocinadores, reunir o elenco e os músicos, e colocar na grade da rádio programas educativos.

Nesse sentido, o rádio cumpre muito bem a função de ser instrumento de agregar pessoas no seu entorno. Segundo Dunaway:

O rádio se originou do falar e do ouvir, o primeiro meio de transmissão existente. A reunião de grandes famílias e até de andares inteiros de edifícios em torno do rádio refletia uma cultura anterior do recontar comunal da história. Mas existe uma diferença importante entre o rádio e outras formas de difusão midiática: o rádio não é um meio explícito. Ele - e particularmente o documentário de rádio - requer que o ouvinte participe na construção das imagens mentais a se extrair dele (DUNAWAY, 2016, p. 165).

Essa construção das imagens mentais citadas por Dunaway, está presente no programa, através das músicas escritas pelo maestro Benjamin Silva Araújo e do roteiro escrito por Osvaldo Moles e das representações teatrais, com os principais atores e atrizes do *casting* da rádio.

Os programas eram feitos ao vivo no auditório e se utilizavam da música e das representações teatrais, em especial as de humor, linguagens já consolidadas no rádio. A divulgação de histórias divertia os ouvintes e a plateia presente no auditório, ao mesmo tempo em que o convidava a conhecer o Museu Paulista, mesmo que fosse uma visita “radiofônica”.

É com base nessa visita “radiofônica” dos ouvintes que se percebe a ideia de que o rádio poderia divulgar o museu como espaço de conhecimento. Um lugar onde os visitantes, em contato com os objetos ou apenas no passeio, como acontece em outros roteiros do programa, adquirem conhecimento histórico sobre diferentes temas, como o tempo, os festejos juninos, a literatura, a história da água na cidade de São Paulo, entre outros.

No “museu radiofônico” as pessoas eram convidadas, pela voz do “Cicerone”, um dos personagens do programa, a circular pelos salões imaginários do *Museu do Ipiranga* e aprendiam pela “Voz da História” e pelos personagens dos radioatores. O conhecimento era divulgado com base na articulação com o divertimento – cabendo aqui ressaltar que o rádio já se consolidara como um veículo de diversão e lazer e que vários intelectuais e produtores estavam atentos para o potencial deste veículo de comunicação para aliar o saber com o lúdico, a exemplo

do que acreditava Roquette Pinto, que falarei dele no capítulo 3, na época das primeiras transmissões radiofônicas do Brasil.

O fato de uma rádio comercial, como a Bandeirantes, ter aceitado que um programa fora dos padrões de audiência ficasse em sua grade em um horário nobre (que corresponde entre 19 e 22 horas), demonstra a importância do produtor Osvaldo Moles no alto escalão da emissora paulista. Contratado a peso de ouro, Moles já era tido como um dos mais importantes “homens de rádio” da cidade de São Paulo e isso facilitava muito na hora de conseguir patrocinador para os seus programas.

Preocupado em criar um programa de história que pudesse atrair o grande público, Moles se utilizou da estratégia de abordar temas que não estavam no rol dos chamados clássicos. Esperava, dessa forma, que o público fosse atraído pela curiosidade dos temas, que seriam explicados utilizando-se de toda dramatização e orquestração.

Assim, com o objetivo de analisar o programa em seu formato, conteúdo e estratégias para atingir o público com “ensinamento e alegria”, a dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, busquei realizar uma descrição densa dos dois primeiros roteiros, o *trailer* e o programa de estreia, assim como dois fragmentos de áudios conseguidos no acervo da família e no Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes, respectivamente. Tanto nesses roteiros, como nos áudios, foi possível compreender a proposta do programa, a importância do patrocinador, de que forma os temas abordados são narrados e o tempo de duração de cada programa. Além disso, como a imprensa repercutiu a estreia e os demais programas e de que forma os periódicos entendiam os trabalhos do produtor Osvaldo Moles.

Já no segundo capítulo, a proposta foi aprofundar as pesquisas sobre os conceitos de história e museu que eram partilhados no programa, articulando-os com uma breve história do Museu do Ipiranga, nas gestões dos seus três primeiros diretores. Interessou-me a relação do museu com a cidade de São Paulo, a importância da supervisão do historiador Sérgio Buarque de Holanda, bem como a comunicação que se buscava estabelecer com os ouvintes, no sentido de despertar o interesse pela história, pelos museus e, principalmente, pelo Museu do Ipiranga.

E para finalizar, o terceiro capítulo tem como objetivo principal analisar a rede de sociabilidades do Osvaldo Moles e de que forma essa rede constituiu sua trajetória, desde redações dos jornais e chegando aos auditórios das rádios, no

sentido de compreender seu interesse por programas como *Museu do Ipiranga*, haja vista não ser um programa de apelo mercadológico, e sua inserção nos meios radiofônico e intelectual. Além disso, discutir as ações desse produtor enquanto intelectual mediador, que, na trilha de Angela de Castro Gomes (2016) pode ser compreendido como o intelectual que atua na divulgação de conhecimento para um público amplo e diversificado, lançando mão de veículos de comunicação, como periódicos de grande circulação, rádio, televisão, cinema e páginas da *internet*.

Em resumo, falamos da divulgação da história e das concepções de museu e ensino, por meio do rádio. Osvaldo Moles, produtor cultural integrado a uma rede de sociabilidade de intelectuais comprometidos com a produção historiográfica, como o historiador Sérgio Buarque de Holanda, encontrou no programa “Museu do Ipiranga” uma forma de divulgar a história de forma a despertar o interesse dos ouvintes por ela, aportando em linguagem simples e formato lúdico.

Esse tipo de produção sustentava-se em redes de sociabilidades tecidas pelo seu agente, que vão desde uma autoridade para cancelar os programas, no caso de Moles, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, até contatos no campo midiático e com patrocinadores.

Capítulo 1 – Um museu para se ouvir: análise de roteiros e áudios.

1.1 - “Qualquer coisa de notável”

Foi assim que a *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro, no dia 20/02/51 se referiu a Osvaldo Moles. O adjetivo pode até soar exagero, mas o texto rasgou elogios a ele:

Moles mantém sempre um ritmo ascensional na sua magnífica produção, conseguindo, por isso mesmo, um cartaz perante os ouvintes, como raramente se tem notícia por estes lados (...). Moles é qualquer coisa de notável, em matéria de realizações radiofônicas¹.

O ano de 1950 foi muito importante para Osvaldo Moles. Tinha se consolidado como um dos homens mais importantes do rádio de São Paulo, em especial da maior emissora do estado: a Rádio Record. Indicado para os principais prêmios do rádio paulista de 1950, entre eles o “Prêmio Roquete Pinto”², Moles queria aproveitar esse “cartaz” com o público, para introduzir novos programas.

Porém, no dia 04 de fevereiro de 1951, o *Jornal de Notícias*, na sua coluna de artes, divulga o que ninguém imaginava: a saída de Moles da PRB-9, prefixo pelo qual a rádio Record também era conhecida:

quando divulgaram que o conhecido <broadcaster> Osvaldo Moles estava prestes a deixar a Record, muita gente chegou a duvidar que isso acontecesse...Mas, por esta ou aquela razão, a história não deu certo e Moles desligou-se de verdade da ‘Maior’³.

Poucas semanas depois Moles troca de escritório, deixa os estúdios da Record na rua Quintino Bocaiúva, na Praça da Sé e vai para bem pertinho, na Rua Líbero Badaró, onde ficava a Rádio Bandeirantes, como também informou o *Jornal*

¹ REVISTA DO RÁDIO, Ano IV, Nº 76, 20 de fevereiro de 1951, p. 37. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=3710>. Acesso em 01/03/2023.

² Moles ganha como melhor Redator Humorístico, melhor Programador e melhor Redator Dramático. CORREIO PAULISTANO, Ano XCVII, Nº 29.062, 05 de janeiro de 1951, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br & pagfis=4677. Acesso em 01/03/23.

³ JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano V, Nº 1467, 04 de fevereiro de 1951, p.7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16148>. Acesso em 01/03/23.

de *Notícias* no dia 22 de fevereiro de 1951: “Oswaldo Moles que assinou contrato de dois anos com a Bandeirantes, adiou sua estreia para o dia 08 de março”⁴. Aliás, a sua saída da Rádio Record e sua chegada na Bandeirantes, foi amplamente divulgada pela imprensa.

No dia 23 de fevereiro de 1951, Mário Júlio, colunista de artes do *Jornal de Notícias* de São Paulo, relatou uma visita à Rádio Bandeirantes a convite de Oswaldo Moles. No texto ele cita que Moles estava disposto a contar algumas novidades a respeito da programação que irá desenvolver na rádio:

Os programas que vamos lançar são rigorosamente novos. Não nos ateremos aos modelos deixados para traz, na poeira do passado. As fórmulas radiofônicas devem ser estudadas para que os ouvintes contem com um espetáculo agradável e proveitoso⁵.

Neste capítulo, vamos analisar dois roteiros: o do trailer de apresentação e o do programa de estreia. A escolha do trailer, um programa mais curto que aconteceu duas semanas antes da estreia, se dá pela preocupação de Moles em explicar ao “amigo ouvinte” o que vai ser o *Museu do Ipiranga*, esse produto completamente novo, conforme ele afirmou ao colunista Mário Júlio. Já o programa de estreia, foi escolhido pelo fato de ter a maior quantidade de fragmentos de áudios, tornando possível entender a dinâmica da produção, como a entrada do *jingle* do patrocinador ao longo do programa, as entradas da Orquestra e do grupo Titulares do Ritmo e as mais variadas interpretações dos atores, além de Moles explicar o motivo da escolha do título do programa, que não foi apenas por causa de um dos produtos do patrocinador.

Aliás, os roteiros e os áudios do programa a serem analisados, foram respectivamente conseguidos no acervo da família do Oswaldo Moles⁶ e no Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes, sob o comando do jornalista

⁴JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano V, Nº 1481, 22 de fevereiro de 1951, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16332>. Acesso em 01/03/23.

⁵JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano V, Nº 1482, 23 de fevereiro de 1951, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&pasta=ano%20195&pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=16344>. Acesso em 01/03/2023.

⁶ A sobrinha neta Beatriz Moles Savonitti, junto com seus dois filhos, Pedro Moles Savonitti e Gabriel Moles Savonitti, guardam um importante acervo do Oswaldo Moles, entre roteiros de diversos programas, fotografias, cartas e troféus.

Milton Parron. Tanto nesses roteiros, como nos áudios é possível compreender a proposta do programa, alguns temas abordados e o tempo de duração de cada um⁷.

Os 11 roteiros analisados, indicam que o programa não tinha a responsabilidade de ser fiel às exposições e coleções do Museu Paulista, mas que, mesmo assim, procuravam incentivar os ouvintes a visitar o Palácio do Ipiranga. Cabe ressaltar que os anos de 1951 e 1952 bateram recorde de visitantes, conforme os relatórios de atividades: 329.892 e 388.278, respectivamente. Ainda segundo o relatório de 1951:

O total de visitantes por ano pode ser considerado dos mais altos entre estabelecimentos do gênero e não é superado presentemente por nenhum outro Museu brasileiro.⁸

E essa informação também foi noticiada pelo *Diário da Noite*, no dia 16 de junho de 1951, às vésperas da estreia do programa: “visitaram o Museu Paulista em maio cerca de 32.027, sendo que no mesmo mês do ano anterior, esse número foi de 18.804” e finaliza: “Tendo em vista os números citados, coloca-se o Museu do Ipiranga entre os estabelecimentos do gênero mais visitados de todo o país”⁹.

Não é possível afirmar que houve associação entre o aumento de visitantes, com o início do programa ou, até mesmo da apresentação do *trailer* ou das possíveis chamadas ao longo da programação, embora seja bastante razoável supor que sim. Nesse sentido, é válido ressaltar que ter uma relação de uma instituição com a credibilidade do Museu do Ipiranga, com uma das rádios mais populares do estado e tendo a produção do mais premiado “homem do rádio” do início da década de 1950, em São Paulo, que transitava e dialogava com diversas classes sociais, pode dar samba, ou melhor, pode render boas histórias.

E para finalizar a introdução deste capítulo, explico que a descrição dos dois roteiros propostos, têm como base o livro *A Interpretação das Culturas*, de Clifford Geertz, mais especificamente o capítulo chamado “Uma Descrição Densa - Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura”, em que o autor destaca que:

⁷ Ao todo a família guarda 11 roteiros completos do programa e a Rádio Bandeirantes, possui 6 fragmentos dos áudios com aproximadamente 5 minutos de duração cada um, sendo 3 do primeiro programa, 2 de outro programa que não conseguimos identificar e 1 de outro programa também não identificado.

⁸ Arquivo Permanente do Museu Paulista - Fundo do Museu Paulista. Relatório de atividades de 1951. p. 07

⁹ DIÁRIO DA NOITE, Ano XXVII, Nº 8123, 16 de junho de 1951, p.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22museu%20do%20ipiranga%22&pagfis=21269>. Acesso em 01/03/23.

O homem é um amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e as suas análises; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 1973, p.15).

Ao me debruçar nos dois roteiros propostos neste trabalho, me deparo com uma escrita interpretativa, que se faz necessário entender a noção da prática etnográfica, para daí sim tentar "ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado." (GEERTZ, 1973, p. 20)

1.2 - E agora uma pausa na programação para os nossos patrocinadores

Em 1932, o compositor Antônio Nássara criou o primeiro *jingle* do rádio para uma padaria no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro: “seu padeiro não esqueça, tenha sempre na lembrança, o melhor pão é o da Padaria Bragança” (MOREIRA, 1991, p. 23).

A década de 30 foi marcada por uma importante mudança na programação das rádios: a entrada dos patrocinadores. Em 1932, Getúlio Vargas, através do Decreto-Lei 21.111 no artigo 73, determina:

Durante a execução dos programas é permitida a propaganda comercial, por meio de dissertações proferidas de maneira concisa, clara e conveniente à apreciação dos ouvintes¹⁰.

Para aumentar a exploração comercial do rádio, que crescia a cada ano, o governo brasileiro passou a distribuir concessões de canais a grupos particulares, copiando o modelo norte-americano de radiodifusão. Somado a isso, o aumento na produção e, conseqüentemente, o barateamento de aparelhos de rádio, fazia com que

¹⁰ Acervo da Câmara Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html#:~:text=Aprova%20o%20regulamento%20para%20a,que%20lhe%20confere%20os%20arts.> Acesso em 13/04/23.

as famílias criassem um novo hábito: se reunirem para ouvirem os programas de rádio.

Dessa forma, a partir dos anos 30, muitas fábricas começaram a investir em propagandas de rádio, inclusive dando nome aos programas, como por exemplo o *Programa Sul América*, da Rádio Record, que era patrocinado pela fábrica de conserva Sul América (TOTA, 1990, P. 87).

Duas décadas depois, já nos anos 50 em São Paulo, o número de aparelhos de rádio chega a 40.000, existindo 12 estações de rádio e 3 de televisão para uma população de quase 3.000.000 de pessoas (PETRONE, 1955, p. 168). Um amplo mercado em pleno crescimento e que atraía cada vez mais as fábricas para dentro das emissoras, influenciando e modificando as programações.

O *Museu do Ipiranga*, era patrocinado pelo Conhaque Ipiranga da Fábrica de Licores e Xaropes Ypiranga do senhor Victorino Ferreira da Costa, que também patrocinava transmissões de jogos de futebol e shows de artistas internacionais, pela própria Rádio Bandeirantes.

Victorino foi um imigrante português que chegou ao Rio de Janeiro em 1875 e se mudou com a família para São Paulo em 1893. Em 1905, criou a Destilaria Ypiranga na região do Brás, e começou a produzir diversas bebidas alcoólicas, como o vinagre Castelo, Licores, Conhaques, Gins e o Vermute Elephante, assim como a Caninha Elephante.

Aliás, em 1918, o animal acabou se tornando a marca registrada dos seus produtos e rendeu até um jornal publicitário chamado “O Elephante” (“órgão de propaganda da DESTILLARIA YPIRANGA”), onde, entre uma propaganda e outra dos seus produtos, textos bem-humorados divertiam os leitores.

Cabe ressaltar, que o rótulo da bebida Aniz, é o único rótulo que ao invés da presença do “elephante”, está o Edifício Monumental do Museu do Ipiranga ao centro, tendo do seu lado esquerdo, dentro de uma moeda, uma mulher com os seios de fora ao lado de uma fábrica e escrito indústria nacional e do lado direito, também dentro de uma moeda, um busto de uma mulher ao lado do Caduceu de Hermes¹¹ e escrito fabricação artificial. Sobre o Edifício do Museu do Ipiranga, como veremos no capítulo dois Museu e Ensino de História nas ondas do rádio, ele foi projetado

¹¹ Um dos símbolos da medicina. Muitas organizações médicas utilizam o símbolo de um bastão alado com duas cobras enroladas como símbolo da medicina. Tal símbolo trata-se do Caduceu do Deus grego Hermes (Mercúrio para os romanos), mensageiro dos deuses, inventor dos encantamentos, condutor dos mortos e protetor dos mercadores e ladrões.

pelo arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915) e aberto ao público em 1895 para se tornar o símbolo de uma nação independente. Inicialmente abrigou as coleções de ciências naturais, história e artes. Conforme escreveu Adriana de Freitas Acosta Baldin: “Possivelmente, essa era a construção mais importante em curso no Brasil no final do século XIX”¹²

Após a morte de Victorino Ferreira da Costa em 1961, a Destilaria Ypiranga passou por uma grave crise, sendo comprada por um grupo da cidade de Jundiá, que passou a fabricar apenas o Vinagre Castelo. Em 2020, nas comemorações dos 115 anos da fundação da Destilaria Ypiranga, a fábrica do Vinagre Castelo, lançou um catálogo chamado “115 anos de sabor”, contando a trajetória do seu fundador até os dias de hoje.



Figura 01 - Destilaria Ypiranga: Cognac Velho¹³

¹² BALDIN, Adriana de Freitas Acosta. *A construção do edifício-monumento: materiais e técnicas construtivas*. In: Para entender o museu - coleção Museu do Ipiranga 2022. EdUSP. p. 36

¹³ Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=88570. Acesso em 02/03/23.



Figura 02 - Fábrica de Licores e Xaropes Ypiranga: Aniz.¹⁴

Em colaboração com o
JORNAL DE NOTÍCIAS
 A BANDEIRANTES IRRADIARÁ HOJE,
 A PARTIR DAS 14,45 hs.:

de CAMPINAS:
"PONTE PRETA vs. PALMEIRAS"
 Reportagem de EDSON LEITE

de PACAEMBU:
"CORINTIANS vs. PORT. DE DESPORTOS"
 Reportagem de BRUNO SOBRINHO

de EUA JAVARÉ:
"IPIRANGA vs. NACIONAL"
 Reportagem de ELIO PRIGLI

Patrocínio de:

ESNARD & CIA.
 ANTUNES DE ARREU LTDA.
 EMP. BRAS. DE TERRENOS LTDA.
 CHAEROS FULGOS
CONHAQUE IPIRANGA
 OLIVEIRA & CIA.

Radio Bandeirantes
 830 Kcs. — «A mais popular emissora paulista»

Figura 03 - *Jornal de Notícias*, 05/08/51. p. 04

¹⁴ Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=89650. Acesso em 02/03/23. O rótulo do anis é o único rótulo das bebidas da Destilaria Ypiranga que tem o Edifício do Museu do Ipiranga, os demais usam o elefante.

... e a saudade é portuguesa!
 HOJE, pela ultima vez, cantará
MARIA DE LOURDES
 ... a voz mais popular de Portugal!
 Encerrando uma grande temporada que teve
 o alto patrocínio de
CAFE SELETO e CONHAQUE IPIRANGA
 na

Record
 UMA DAS EMISSORAS UNIDAS



Figura 04 - *Diário da Noite*, 03/04/52. p. 09

O ELEPHANTE

Telephone: 379 Braz
 Victorino Ferreira da Costa

ORGÃO DE PROPAGANDA DA
 DESTILLARIA YPIRANGA

ESCRITORIO:
 Rua Sta. Cruz da Figueira, 41-B

ANNO IV S. Paulo, Julho de 1920 NUM. 33

AVISO

Sendo a nossa publicação desti-
 nada exclusivamente à propaganda
 dos artigos de nossa casa, e para
 distribuição gratuita, pedimos às
 pessoas que queiram recebê-la men-
 sualmente, o favor de não-o commu-
 nicarem que serão imediatamente
 atendidas.

NOVA LISTA

Chamamos a atenção dos nossos
 freguezes, e dos Srs. consumidores,
 apreciadores de bebidas finas, para
 a nova lista que inserimos neste nu-
 mero, acrescida de 14 novas produ-

ESPECIAL CANNINHA
 DO
 ENGARRAFADA
 POR



Figura 05 - O Elephante. São Paulo, Julho de 1920. Imagem retirada do Catálogo do Vinagre Castelo, 2020¹⁵.

¹⁵ Disponível em:

<https://docplayer.com.br/211694030-115-anos-de-sabor-diretoria-marcelo-cereser-maria-da-gloria-mart-inasso-prandini.html>. Acesso em 02/03/23.



Figura 06 - Catálogo mostrando parte dos rótulos da antiga Destilateria Ypiranga. Imagem retirada do Catálogo do Vinagre Castelo, 2020¹⁶.

1.3 - A pré-estreia - “Eu tô te explicando, pra te confundir, eu tô te confundindo, pra te esclarecer”¹⁷

Na quinta-feira, dia 07 de junho de 1951, no nobre horário das 20:30, foi ao ar pela Rádio Bandeirantes - “a mais popular emissora paulista”- o trailer do programa *Museu do Ipiranga*. Seu objetivo era apresentar a nova produção de Osvaldo Moles com o patrocínio do Conhaque Ipiranga da Fábrica de Licores e Xaropes Ypiranga

O trailer conta com 5 atores do *casting* da rádio, são eles: Amaro César que se divide entre a voz do público, do apresentador e a do diretor do Museu do Ipiranga, Dárcio que faz o narrador, José Moura, a voz do público, de personagens e do bibliotecário - sempre explicando curiosidades da literatura universal, Rogério faz o cicerone e também a voz do público e Maria Estela Barros, uma das principais atrizes da rádio, é “A Voz da História”, esclarecendo qualquer assunto abordado no programa, sendo ela a autoridade para responder e dar explicações aos ouvintes, reafirmando a História como uma ciência em que predomina a verdade e razão em detrimento da ignorância.

¹⁶ Disponível em:

<https://docplayer.com.br/211694030-115-anos-de-sabor-diretoria-marcelo-cereser-maria-da-gloria-martinasso-prandini.html>. Acesso em 02/03/23.

¹⁷ Refrão da canção *Tô de Elton Medeiros e Tom Zé* do disco estudando o samba, 1976. Tom Zé. Gravadora Continental.

O roteiro possui 7 páginas datilografadas, o que dá a concluir que o trailer de apresentação teve aproximadamente de 10 a 15 minutos de duração. Apesar do trailer anunciar a estreia no dia 14 de junho: “Não se esqueça: na próxima quinta-feira - às oito e meia da noite, ouça MUSEU DO IPIRANGA - um programa OSVALDO MOLES - para o CONHAQUE IPIRANGA”, o programa só foi ao ar na quinta-feira seguinte, dia 21. O programa era semanal e tinha um clima de rádio-teatro, já que o programa era feito ao vivo no auditório. Além de contar com os atores que participaram do trailer, contava também com outros atores e atrizes do primeiro escalão da rádio, entre eles, Lucilia Freire, Gessy Fonseca, Aramis de La Torre e Adrian Hercílio, além da Orquestra da rádio, comandada do maestro Benjamin Silva Araújo e do grupo Titulares do Ritmo, famoso grupo vocal mineiro, composto por 6 homens cegos e que fez muito sucesso nas rádios paulistas, com harmonizações e vocalizações de artistas como Ernesto Nazareth, Tom Jobim, Ary Barroso, Assis Valente, Garoto, Edu Lobo, Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil¹⁸.



Figura 07 - Grupo Titulares do Ritmo. *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro, p. 46. ano de 1954. Edição 229. Acesso em 28/02/23.

¹⁸ Disponível em:

<https://jornal.usp.br/cultura/titulares-do-ritmo-marcar-am-a-historia-da-musica-brasileira/>. Acesso em: 02/03/23.



Figura 08 - Osvaldo Moles com algumas atrizes do programa *Museu Ipiranga*. Da esquerda para direita: Maria Estela Barros, Saula Maria, Dulcemar Vieira e Luzia.¹⁹

O trailer tem início com o *jingle* do Conhaque Ipiranga, um delicioso baião que relaciona a popular bebida com o famoso grito “Independência ou Morte!”, supostamente proferido por D. Pedro I em 1822, às margens do Riacho Ipiranga que cortava a região de São Paulo e, que mais tarde, daria nome ao bairro e onde também se localiza o monumental edifício do Museu do Ipiranga, erguido em 1894 e que abriga o famoso quadro de Pedro Américo, finalizado em 1888, *Independência ou Morte* fonte de inspiração para o *jingle*.

A letra do patrocinador, além de anunciar seu produto, faz relação com o fato histórico de 1822. Começa com um instrumental e uma voz feminina começa a cantar: “*quando chegar no balcão, no inverno ou no verão, dê o grito de Ipiranga no conhaque sempre bom, o conhaque Ipiranga...*” o instrumental continua de fundo e daí entra o locutor com uma voz bem postada, típica dos locutores de rádio: “*Sim!!! Quando chegar ao balcão dê um grito de Ipiranga. Exija conhaque Ipiranga que é um verdadeiro monumento. Conhaque Ipiranga*”. Volta o coro: “*Dê o grito de*

¹⁹ REVISTA DO RÁDIO, Ano VIII, Nº 285, 26 de fevereiro de 1955, p. 40. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=14736>. Acesso em 14/04/23.

Ipiranga, o conhaque sempre bom, sempre bom, sempre bom...” e o refrão repete até terminar o jingle, com a duração de 40 segundos.

Em seguida, Amaro César apresenta: “Meus senhores e minhas senhoras...vão soar as pancadinhas de Molière²⁰, para apresentar um novo programa da Rádio Bandeirantes...”. O contrarregista então bate no chão três vezes e a Orquestra do Maestro Benjamin Silva Araújo prepara o ouvinte para o primeiro contato com o programa.

Na primeira parte do trailer, Moles procura explicar que o programa é uma novidade nas rádios de São Paulo, assim como tinha dito ao amigo Mario Julio do *Jornal de Notícias*. Para isso, ele se utiliza de um recurso que vai se tornar comum no início dos seus programas, o de contar uma história para explicar o tema. No caso da apresentação em questão, ele cita o Conselheiro Acácio, personagem do livro *O Primo Basílio*, do escritor português Eça de Queirós. Mais uma vez, vale frisar, que a tal personagem virou uma expressão corriqueira na primeira metade do século XX, tanto no Brasil como em Portugal: Acaciano²¹.

A fala inicial do narrador, demonstra que a tal expressão é bastante conhecida dos ouvintes: “Conhecem o Conselheiro Acácio?...Claro que sim!...Pois bem o Conselheiro Acácio nesta altura de um programa de rádio, diria...”. Um outro ator, dessa vez o Moura, dá vida ao Conselheiro e emenda com voz solene e chata (conforme descrição do roteiro): “Há sempre uma primeira vez em tudo!...O texto volta para o narrador, que se utiliza de uma outra expressão popular: “gosto de estopa”, para explicar que a mesmice do rádio dará lugar para o novo programa: “Por isso, por causa dessa fatalidade cotidiana que tem gosto de estopa, aqui estamos nós para informar que...”. O cicerone, interpretado pelo rádio-ator Rogério entoia a voz: “NA PRÓXIMA QUINTA FEIRA - às 20:30 horas, O CONHAQUE IPIRANGA apresentará o MUSEU DO IPIRANGA !”.

José Moura volta dizendo: “Talvez tenhamos encontrado uma fórmula nova de fazer programa. E a fórmula é esta: Três nomes se juntam para o lançamento do MUSEU DO IPIRANGA...o rádio-ator Amaro, então, complementa: “CONHAQUE IPIRANGA - RÁDIO BANDEIRANTES - OSVALDO MOLES”. Pronto!!! O

²⁰ As pancadas de Molière eram batidas com batutas ou pedaços de madeira no chão do teatro para acalmar a plateia e avisar que o espetáculo vai começar. Nos dias de hoje, foi substituído por companhias. <https://www.jornaldeteatro.com.br/destaques/408-moliere-teatro.html>

²¹ Segundo o dicionário Aulete digital, Acaciano, lembra o palavreado sentencioso e oco, mas de tom grave e presumido, do Conselheiro Acácio, personagem de *O primo Basílio*, de Eça de Queirós.

programa oficialmente apresenta seu patrocinador, a rádio de transmissão e o produtor responsável por toda a equipe. Está lançado ao público o mais novo programa da Rádio Bandeirantes.

Falta agora explicar ao ouvinte o que vai ter nesta nova fórmula de fazer programas de rádio. E para isso, nas próximas 5 páginas do roteiro de apresentação, Moles escreve uma série de temas, personagens e curiosidades históricas, tudo isso para mostrar a diversidade do programa, procurando ser fiel ao *jingle* de abertura: *onde há História, Filosofia, Teatro, Antropologia, Egíptologia, Geologia, Anatomia, Patologia, Poesia e Astronomia, onde há ensinamento e alegria.....*”

A ideia de “ensinamento e alegria”, vai ao encontro do que Moles acreditava ser o principal papel das rádios, ou seja, não ser apenas um instrumento de divertimento. Esta ideia se alinha aos defensores do rádio como um instrumento de educação, como por exemplo a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgard Roquette-Pinto em 1923, que transmitia aulas de francês, português, geografia, história do Brasil, higiene, silvicultura, química, história natural e física, além de transmissões de concertos e espetáculos teatrais. (FEDERICO, 1982. In: ANDRELO, 2012, p. 141). A proposta educativa da Rádio Sociedade era elevar o nível educacional dos indivíduos, com a intenção de criar uma radiodifusão escolar. (ANDRELO, 2012, p. 141)

Importante ressaltar, que em cada apresentação de um tema, há uma interferência do público, interpretado pelo ator José Moura, que questiona se é só isso que o programa vai apresentar ou, como veremos mais adiante, se o programa não terá graça, nem concurso ou atrativos populares, itens obrigatórios nos programas de auditório nos anos 50. Aliás, vale ressaltar, que Moles tinha uma certa “bronca” dos auditórios nos programas de rádio. Na *Revista do Rádio*, do dia 23/9/52, quando perguntado “O auditório prejudica o rádio?”, ele responde da seguinte forma: “Prejudica, sim. Desde que o rádio abriu seus auditórios, por uma razão de ter de dar satisfações ao mesmo, as audições baixaram muito de nível. Se se fechasse o auditório, o rádio melhoraria muito”²². Na mesma matéria, sua opinião era compartilhada com outros importantes nomes do rádio paulistano, como Fernando Faro da rádio Cultura, Xisto Guzzi das Associadas e Luiz de Oliveira seu colega da rádio Bandeirantes.

²² REVISTA DO RÁDIO, Ano V, Nº 159, 23 de setembro de 1952, p. 47. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=8029>. Acesso em 01/03/23.

Moles vai organizar o restante da apresentação, sempre utilizando diálogos entre os atores, da seguinte forma: cultura popular, trazendo como exemplo as nações de maracatu e citando a legenda de como esta se apresenta no arquivo musical do *Museu do Ipiranga*: “música rítmica de sabor afro-brasileiro, que se encontra em Pernambuco”, para em seguida a Orquestra, junto com a cantora Mires de Oliveira, tocarem um maracatu dos paraibanos Jorge Tavares e Geraldo Medeiros, intitulado “Dance o Maracatu”: *já dancei, balancei, dancei baião e lundu. Vou dançar agora o maracatu. Com uma boa orquestra, que tenha batuque e gonguê, eu danço a noite inteirinha, maracatu com você. Vou dançar agora que é pra você ver.*

A canção convida o ouvinte a sair requebrando pela casa, devido ao seu ritmo dançante e sua letra curta e de refrão simples. O maracatu em questão é o Nação, oriundo dos terreiros de candomblé do Recife. A orquestra do maestro Benjamin Silva, usa e abusa dos metais para acompanhar os tambores do maracatu, enquanto a intérprete Mires de Oliveira canta repetidamente a canção, até terminar e outra atração ser apresentada. Vale ressaltar, que a letra da música fala de outros gêneros musicais populares, o baião e o lundu, o que pode ser um indicativo de um programa que busca alcançar a todos os públicos, já que no horário das 20:30, a maioria das famílias já está em casa, portanto, mulheres, homens e crianças poderiam ouvir o programa²³.

Novamente, a plateia interfere e quer saber se o programa será só um “museu musical”. Eis que o narrador, numa única frase une dois participantes do programa. Vejamos: “Não senhor. É falado, também. Você conhece, por exemplo, a história do conhaque? Pois então, nestes programas, você vai ouvir o diretor do Museu do Ipiranga...” Imediatamente, Amaro César, faz o papel do diretor da instituição, e começa a explicar sobre a bebida, enquanto sua voz vai para o fundo, como se fosse deixar com um “gostinho na boca”, ao não terminar a tal história do conhaque.

O narrador retoma a fala e, finalmente, cita a instituição Museu do Ipiranga, sem falar o nome do seu diretor, Sérgio Buarque de Holanda: “É assim que Amaro César - que vai figurar neste programa como o DIRETOR DO MUSEU - vai narrar rapidamente, num quadro de cinco minutos, quem foi o primeiro homem da história a destilar o conhaque...”. Todo esse suspense acerca da história do conhaque serviu de gancho, claro, para tocar pela segunda vez, o *jingle* do Conhaque Ipiranga, tendo

²³ Segundo Amara Rocha, à noite e aos domingos, o número de ouvintes homens era maior, já as mulheres ouviam mais rádio na parte da manhã. Em relação às crianças, cerca de 16%, segundo o IBOPE, costumava ouvir rádio para passar o tempo livre. (ROCHA, 2007)

como texto introdutório a tradição da Fábrica de Licores e Xaropes Ypiranga, que aparece de forma definitiva no produto do patrocinador..... E solta a vinheta contrarregra!!!

Depois do maracatu e da história do conhaque, narrada pelo diretor do Museu do Ipiranga, é a vez da música clássica, através de um inusitado encontro entre o maestro brasileiro Carlos Gomes e a sua fonte de inspiração e compositor Giuseppe Verdi, em Milão, na Itália. Moles narra que certa vez Gomes apresentou o segundo ato, intitulado “A canção do aventureiro” parte da sua mais famosa obra "Il Guarany", e eis que Verdi, deslumbrado com a ópera do brasileiro, diz: “Este rapaz começa, por onde eu termino”. Imediatamente, Dárcio, o narrador, chama o cantor Airton Farias e a Orquestra do programa, para cantar e tocar o trecho da famosa ópera.

Ainda não satisfeito com a quantidade de possibilidades do programa, a “plateia”, na voz do Moura, retruca, após a apresentação da Orquestra: “Mas é nisso que se resume esse programa do conhaque Ipiranga?”, eis que uma nova e importante personagem aparece, Maria Estela Barros, a única voz feminina do trailer: “Não senhor...” Neste momento, a atriz é apresentada como uma das “vozes mais destacadas do *cast* da Bandeirantes e que vai ter uma participação chave na condução do programa como a Voz da História, segundo o narrador: “Quando você quiser algum esclarecimento sobre a Guerra dos Farrapos ou a dos cem anos ou sobre quem foi Muzzio Schevole...” A “plateia”, novamente interrompe e pergunta: “Quem é Muzzio Schevole?”.

A seguir, a Voz da História faz uma breve explicação do romano Muzzio Schevole, que ficou famoso por sacrificar a mão direita em prol da República Romana, sendo a origem da expressão “colocar a mão no fogo”. Quase que cortando a explicação da A Voz da História, uma personagem, para ilustrar o significado da expressão, fala com erros propositais de português: “Aquela muié?...Tu é besta...Ela não é dessas...É....bão.....Eu num boto a mão no fogo por ela, não.”.

O humor aparece aqui pela primeira vez presente em uma encenação, utilizado como recurso pedagógico familiarizando o ouvinte, de uma situação do cotidiano para melhor explicar um conceito criado em determinado momento histórico. Abrir mão do humor, não é uma tarefa das mais fáceis, dado que esse gênero é bastante importante para a sustentação de um programa com a proposta de

ser inovador, segundo o próprio Moles²⁴. Daí, a complicada equação de unir informação, música e ainda ser engraçado, sem apelar para os “besteiróis” típicos dos programas de humor nas rádios do Brasil.

Chegando na metade do trailer, uma atração musical muda o ambiente do programa. O cicerone chama a cantora Maria D’Ávila e a Orquestra para mais uma atração musical. Dessa vez, um bolero dos anos 40 dos argentinos Vicente Catton e Don Rudy chamado Perdonar. Um clima romântico começa a tomar conta do auditório e da casa do “amigo ouvinte”, principalmente quando a Orquestra ataca a introdução, para em seguida Maria D’Ávila fazer o coração mais duro amolecer com os primeiros versos: “Perdonar é vencer a distância, que separa duas almas vibrantes que sofrem de amor...”. Como todo bolero, ou você dança ou chora ou os dois.

Terminada a inusitada apresentação, o narrador volta a lembrar do dia e da hora da estreia e, novamente, chama o *jingle* do patrocinador e o clima romântico é abruptamente interrompido pelo baião anunciando a “bebida que é um verdadeiro monumento”.

Continuando a apresentação, o “público” aparece mais uma vez, para fazer perguntas. Não satisfeito em saber que o *Museu do Ipiranga* vai ter número musical, histórias contadas pelo diretor do Museu, a Voz da História que vai esclarecer qualquer coisa que ele quiser saber e a participação luxuosa da Orquestra e de diversos cantores tocando músicas populares e clássicas, ele ainda pergunta se vai ter mais coisas ou vai ficar restrito somente a essas atrações.

Moles, então, continua mostrando as mais variadas possibilidades do programa. Neste segundo momento do trailer, logo após o “público” indagar se vai ter mais atrações, ele cita “histórias pitorescas” e usa como exemplo, que o programa explicará como nascem, crescem, vivem e morrem as lagartixas. É o que ele vai chamar de História Natural, para em seguida falar de “folklore” e, finalmente, apresentar o Maestro Benjamin Silva de Araújo, como o responsável por toda parte musical do programa.

Apresentado o Maestro, o Diretor do Museu, personagem de Amaro César, faz a introdução das canções ouvidas por Lampião e dá a deixa para a Voz da História, interpretada por Maria Estela, continuar a história: “Muié Rendeira, ficou

²⁴ Para Lia Calabre, os programas humorísticos junto com as radionovelas e os programas de auditório, lideravam o gosto do público. (CALABRE, 2002)

sendo o hino oficial dos cangaceiros de Lampião, quando estes invadiam uma cidade.” E pergunta se o público quer ouvir.

Para deixar com um gostinho na boca e interrompendo o raciocínio da Voz da História, entra o Narrador e diz: “Na próxima quinta-feira ela estará aqui, na voz dos Titulares do Ritmo”. Insistente, a Voz da História finaliza: “E me perdoem se vou dar mais explicações. Essa canção foi recolhida por Mário de Andrade e consta do seu livro de canções folclóricas do Brasil”²⁵.

A escolha de uma obra que foi registrada por Mário de Andrade, pode ter tido a interferência de Sérgio Buarque de Holanda, já que nos anos 20, o jovem intelectual possuía uma relação próxima com os chamados modernistas, entre eles, Mário de Andrade (CARVALHO, 2011, p.2).

Sérgio Buarque de Holanda, definiu assim o modernismo:

[...] acima de tudo, a quebra do formalismo das velhas tradições. Em estudos de folclore, os modernistas dirigiram sua atenção para o interior do Brasil, longe das cidades europeizadas. Tornando os negros o objeto de sua arte, eles declararam que não somente os brancos eram brasileiros. Eu trouxe estas preocupações para dentro do meu trabalho histórico, bem como para todos os demais. Raízes do Brasil foi uma tentativa de fazer algo novo, para quebrar com a glorificação patriótica dos heróis do passado, para ser crítico (HOLANDA, 1987, p. 108, Apud CARVALHO, 2011, p.2).

Outra possibilidade da citação ao Mário de Andrade e a inclusão de uma das canções coletadas e registradas por ele, é a aproximação de Moles com alguns modernistas, entre eles Sérgio Milliet e Jamil Almanur Haddad, que fizeram a supervisão do programa História da Literatura Brasileira, que foi ao ar em agosto de 1952. (MICHELETTI, 2015:175).

Sem tocar a canção “Muié Rendeira”, o programa segue com o Cicerone fazendo um convite ao ouvinte: “E ouçam agora os Titulares do Ritmo, os mesmos que vão trazer à tona essa canção de Lampeão, cantando, neste momento, "PARÁ PAROU”, um baião de Victor Simão e David Nasser,

A canção Pará Parou, na verdade não foi escrita por David Nasser, famoso compositor e parceiro de letristas como Herivelto Martins, Alcyr Pires Vermelho,

²⁵ Em 1938, Mário de Andrade, então chefe do Departamento de Cultura de São Paulo, percorreu as regiões Norte e Nordeste do Brasil, com a intenção de registrar as manifestações culturais. Fonte: <https://acervocsp.art.br/missao-de-pesquisas-folcloricas-de-mario-de-andrade/>

Haroldo Lobo e Wilson Batista, e sim pelo advogado, compositor e produtor de rádio e televisão, o paulista David Raw, autor da sugestiva - e atual - música Falso Patriota, também em parceria com Victor Simão, ou como ele assinava, Victor Simon. A canção fala das maravilhas do Estado do Pará: “Eu fui no Pará, parei. Eu vi seu olhar, fiquei. Quem vai ao Pará, parou. Tomou açaí, ficou...”²⁶.

Ao fim da apresentação dos Titulares do Ritmo, o narrador volta, novamente, a explicar o que será o programa *Museu do Ipiranga*. A Voz da História, se compromete em apresentar passagens dramáticas, românticas e pitorescas da História Universal, já o Diretor do Museu, apresenta algo inusitado: “Me comprometo a trazer para este programa, tudo que for interessante, em todos os setores da atividade do mundo - desde a maneira de almoçar das amebas até os preparativos que estão fazendo agora para a primeira viagem à Lua”.

Apesar de Moles pensar que o público estaria bastante interessado em saber sobre o que as amebas comem, cabe ressaltar que o Museu do Ipiranga, durante a gestão do seu primeiro diretor, Hermann Von Ihering, entre 1894 e 1916, foi um museu de ciências naturais, talvez daí venha a citação de Moles com a história das amebas:

O Museu Paulista foi, primordialmente, um museu de História Natural. Instalado, no entanto, em um monumento à Independência do Brasil, sempre teve também um forte vínculo com a “História Pátria”. Assim, em meio às vastas e principais coleções de espécimes naturais, formou-se uma coleção de “objetos históricos” (MORAES, 2008:203).

Somente na longeva gestão de Afonso Taunay (1917-1945), que o Museu do Ipiranga fortalece o caráter histórico do Museu, sem deixar de ser de História Nacional, como afirma Cecília Oliveira:

O fato de Ihering ser zoólogo não fez a instituição e seu diretor avessos aos acervos de caráter histórico. E se Taunay buscou transformar o Museu Paulista em um museu de história que obedecesse aos princípios e procedimentos historiográficos e estéticos de sua época, isto não quer dizer que tivesse se desvencilhado do imenso acervo de história natural que, em certa medida, fazia parte da história nacional, pois exprimia o ambiente no qual se dera a formação da “civilização brasileira” (OLIVEIRA, 2003:106).

²⁶ Um trecho da gravação dos Titulares do Ritmo, em março de 1951, se encontra na Biblioteca Digital Luso-brasileira. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/34644>. Acesso em 21/03/2023.

Como sugere o *jingle* de apresentação do programa, o *Museu do Ipiranga* vai procurar abordar diversas ciências, não se limitando a ser apenas um programa de História. Já quase finalizando o *trailer*, Moles ainda fala para o público que o programa também vai falar de livros, e para isso, um dos atores, o José Moura, fará o papel de Bibliotecário.

E para citar um exemplo de como a sua personagem vai participar do programa, o Bibliotecário pergunta para os ouvintes se eles sabem os nomes do personagens da famosa obra de Dostoiévski, Crime e Castigo, ou se conhecem o final de Dama das Camélias de Alexandre Dumas ou como Romeu e Julieta, tiveram o mais famoso diálogo de amor traduzido por Olavo Bilac.

Após essa sucessão de informações literárias que farão parte do programa, o “público” faz a pergunta mais esperada: “E graça? Esse programa não tem graça? Não tem concurso? Não tem atrativos efetivamente populares, ao gosto da maioria dos ouvintes?”. E o narrador afirma que sim e pede para o público interpretar a história que vem a seguir.

E eis que Moles escreve uma história recheada de antissemitismo. Vale a pena colocar todo o diálogo na íntegra.

A Voz da História dá início: “Diz a História que Marechal Floriano era um homem honesto. E que um dia recebeu uma visita”.

- Marechal é preciso mandar pagar aquele judeu...

- Como? Mas não se trata de uma operação financeira ilícita?

- Não. Ilícita, não. É um tanto ou quanto....suja. Mas não é ilícita.

- Quer dizer que eu tenho que despachar pelo pagamento, com aquelas sujeiras todas, com todo aquele exagero?

- É a lei que manda, Marechal

A Voz da História faz, então, a conclusão da tal história “engraçada”: “No dia seguinte, todos os jornais se assombravam diante do despacho do presidente da República. Ele escrevera assim no canto do requerimento: PAGUE-SE!....MAS QUE LADRÃO.²⁷

Não foi possível confirmar a veracidade desta história durante as pesquisas deste trabalho, porém associar o judeu ao comércio ou as práticas de enriquecimento ilegal, era bastante comum na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século

²⁷Trailer do programa *Museu do Ipiranga*. Data: 07/06/51. p.06.

XX, gerando anedotas que eram construídas com base numa imagem negativa dos judeus, reforçando o antissemitismo.

Natália dos Reis Cruz, no seu artigo *A imigração judaica no Brasil e o antissemitismo nos discursos das elites*, explica, em parte, como os judeus europeus eram vistos pelas classes mais ricas

Os judeus tornaram-se extremamente visíveis a ponto de causar aversão em parte da elite do período, principalmente porque se concentravam em bairros específicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, aliado ao fato de não estarem assimilados ou integrados à cultura nacional. Ainda por cima, os judeus diferenciavam-se dos demais imigrantes europeus no Brasil por se concentrarem em uma série de ocupações bastante visíveis, principalmente a atividade de mascate e o comércio de tecido, nas quais haviam obtido rápido sucesso. Seu enriquecimento crescente acendeu o racismo e o antissemitismo latentes na sociedade (CRUZ, 2009, p. 235).

Já encaminhando para o final do *trailer* de apresentação, mais uma vez o narrador fala dos atores envolvidos nesta grande produção, da direção de Osvaldo Moles e do patrocínio do conhaque Ipiranga. Novamente o *jingle* do conhaque é tocado, para em seguida a cantora Mires de Oliveira, junto da Orquestra, fazer a última apresentação musical.

Um samba de Waldir Azevedo e Risadinha do Pandeiro, chamado *Hoje, Amanhã e Depois*, de 1949. A Orquestra ataca a introdução em tom menor, já indicando ser uma canção triste, lembrando os tangos argentinos, para em seguida Mires de Oliveira soltar a voz: “Se é verdade que eu choro, pra que mentir. Se é verdade que eu sofro, pra que fingir. Esconder o que eu sinto por querer, todos sabem que feliz eu não sou. Aparentar felicidade pra que? Se a mesma me abandonou. Se te fiz algum mal, peço perdão. Se te fiz algum bem, foi de coração.”

Ao final da canção, o narrador mais uma vez confirma a estreia para a próxima quinta-feira às 20:30, cita os nomes de todos os atores e reitera a participação na supervisão do “Dr. Sérgio Buarque de Holanda, destacado nome das letras do Brasil e atual diretor do MUSEU DO IPIRANGA”. E pela quinta vez o *jingle* do Conhaque Ipiranga é tocado, finalizando a apresentação para os ouvintes do mais novo programa da Rádio Bandeirantes.

Uma leitura superficial do *trailer*, pode nos passar a sensação de um programa sem um gênero definido, o que pode ser um risco grande para a equipe

envolvida, já que os programas de rádio no Brasil eram bem definidos: humorísticos, rádio-novelas, noticiários, esportes e programas de música, por exemplo (ROCHA, 2007). O ouvinte sabia o que estava escutando, principalmente ao sintonizar uma rádio comercial, como era o caso da Rádio Bandeirantes.

No dia 19 de janeiro de 1950, alguns meses antes de deixar a Rádio Record e migrar para a Bandeirantes, Moles deu uma declaração explicando a importância das radionovelas: “Os que estão falando mal das novelas, não sabem que esse gênero de rádio-teatro dá mais instrução, mais divertimento e é mais atraente, do que por exemplo a enciclopédico [sic] universal de Jackson”²⁸.

Inspirado na fórmula de sucesso das novelas, a ousada ideia de um programa educativo-cultural, que cita diversas ciências, que fala de literatura, que narra histórias pitorescas e que leva o nome do principal museu de São Paulo, indica o prestígio e a credibilidade de Osvaldo Moles junto à emissora, aos comerciantes, pois patrocinam essas ideias, aos intelectuais, que apostam no rádio para popularização do conhecimento e ao público paulistano, produto final de toda uma cadeia de produção.

Até o lançamento do programa em junho de 1951, Moles já era o produtor mais reconhecido de São Paulo, tendo conquistado diversos prêmios por suas inéditas produções na Rádio Record. Seria a vez agora de conquistar ainda mais credibilidade na Rádio Bandeirantes?

1.4 - A estreia - Agora é pra valer!!!

O ano de 1951 foi de bastante produção para Moles. Recém-chegado na emissora e querendo fazer valer um dos mais altos salários do rádio paulistano, conforme afirmou a *Revista Manchete*, que aproveitou para rasgar elogios a ele: “Programador de recursos inesgotáveis, dono de um estilo personalíssimo e observador arguto da vida paulista”²⁹, ele emplacou 7 programas, sendo 4 de forma concomitante. São eles: Largo do Paissandu, às segundas-feiras às 20 horas, Sertões, às quarta-feiras às 20:30, Carroussel, às sexta-feiras às 20:30 e o *Museu do Ipiranga*,

²⁸ REVISTA DO RÁDIO. Ano III, Nº 67, 19 de dezembro de 1950. p. 45. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=3250>. Acesso em 28/03/23.

²⁹ REVISTA MANCHETE, Nº 194, 07 de janeiro de 1956, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=%22osvaldo%20moles%22&pas ta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=12864> Acesso: 22/03/2023.

conforme noticiou a *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro no dia 19/09/51³⁰, quando o programa completava 3 meses no ar.

A estreia do programa marcada para o dia 14 de junho, somente ocorreu uma semana depois, no dia 21. Dentre os principais jornais e revistas de grande circulação na cidade de São Paulo, a divulgação foi tímida. Se falava muito mais da trajetória do seu criador, do que propriamente do *debut* do *Museu do Ipiranga*.

Dois dias antes da estreia, a *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro, numa parte dedicada às programações das rádios de São Paulo, publicou uma nota dentro da coluna *Quer ouvir um bom programa?* e indicou o *Museu do Ipiranga*. Na página seguinte, a coluna *Ronda dos Prefixos*, escreve do novo programa de Osvaldo Moles: “Nele focaliza os acontecimentos do nosso passado histórico, apresentando sob a forma de radiofonização”³¹. Mais uma vez é dado ênfase na História como referência para os que ouviram e comentaram a respeito.

A descrição do roteiro a seguir, foi acompanhada de três fragmentos de áudios, cedidos pela Rádio Bandeirantes, que dão um total de 18 minutos, dos 30 de duração do programa. O roteiro que tive acesso possui 13 páginas datilografadas e que foram mimeografadas, sendo que a página 4 não estava de posse da família. Porém, por um dos trechos dos áudios é possível saber qual o assunto foi abordado e, desta forma, não há prejuízo na construção da descrição.

O Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes, não tem informação de quanto tempo durou ou de quantos programas foram ao ar. O que se sabe é que ele era semanal e com a duração de 30 minutos, conforme consta nos roteiros.

O que me foi informado é que o programa aconteceu entre 1952 e 1953. Essa informação não confere com as datas dos 11 roteiros conseguidos juntos à família do Moles. Todos eles foram datados entre junho e agosto de 1951, o que leva a entender que o programa ficou no ar entre junho de 1951 até dezembro de 1952 ou janeiro de 1953³², provavelmente sendo substituído por um outro programa do Osvaldo Moles,

³⁰ REVISTA DO RÁDIO, Ano IV, Nº 105, 11 de setembro de 1951, p. 47. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=5224>. Acesso em 22/03/23.

³¹ REVISTA DO RÁDIO, Ano IV, Nº 93, 19 de junho de 1951, p. 36. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20195&pesq=%22museu%20do%20ipiranga%22&pagfis=4593> e

REVISTA DO RÁDIO, Ano IV, Nº 93, 19 de junho de 1951, p. 37. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20195&pesq=%22museu%20do%20ipiranga%22&pagfis=4594>. Acesso em 23/03/23.

³² Em uma entrevista a *Revista do Rádio*, no dia 17/02/53, Moles afirma que teve que parar com o programa *Museu do Ipiranga*.

chamado “Nossa luta por uma escola de samba”, que foi ao ar no começo de 1953, de acordo com o Revista do Rádio no dia 05/05/53, edição 191³³.

Como diziam os antigos *speakers*, “sem mais delongas” vamos para a descrição do programa de estreia.

O cabeçalho do roteiro no canto esquerdo, nos passa as primeiras informações: “Quinta-feira, 21/06/1951. Hora: 20:30 - 21:00. Produtor: Osvaldo Moles. RÁDIO BANDEIRANTES.”

“PH-9 Rádio Bandeirantes de São Paulo, a mais popular emissora paulista transmitindo de seu auditório”. O anúncio inicial, já nos dá a pista de um programa feito ao vivo e com público presente.

Imediatamente, o *jingle* do Conhaque Ipiranga, aquele baiãozinho do “verdadeiro monumento” é tocado dando a deixa para a postada voz do locutor anunciar: “Neste momento, abrem-se as portas do MUSEU DO IPIRANGA - uma audição do CONHAQUE IPIRANGA - uma programação Osvaldo Moles e Benjamin Silva Araújo. Em seguida, a orquestra ataca a chamada do programa: “Venham ouvir o Museu do Ipiranga...”

O locutor aparece novamente, e dessa vez, para narrar uma história inusitada sobre o Papa Pio XI (1857-1939), que vai servir de mote para explicar ao público o motivo do nome do programa se chamar *Museu do Ipiranga*.

Narrador (Dárcio): O Papa Pio XI atendia com a paciência cristianíssima às solicitações dos artistas mais medíocres que...

Artista (Miranda): Vim aqui solicitar a especial graça de pintar um retrato de Vossa Santidade.

Papa Pio XI (Franco), com voz bem suave, responde: Pois não, meu filho. Nunca recusei isso a um artista.

Narrador: E posou. Um dia, dois, cinco, três meses. Mas o retrato era péssimo, mal feito e feio. Era quase monstruoso...

Artista: Quero que Vossa Majestade saiba que coloquei o máximo do meu gênio, da minha arte, da minha boa vontade quando pintei esse retrato.

Papa Pio XI responde: Acredito, meu filho, acredito...

Artista: E, pediria a Vossa Santidade, mais uma graça....Quero o autógrafo de Vossa Santidade.

Narrador: O Santo Papa empunhou o pincel e escreveu em letras bem grandes...

³³REVISTA DO RÁDIO, Ano VI, Nº 191, 05 de maio de 1953, p. 47. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pagfis=9734>. Acesso em 23/03/23

Papa Pio XI: Evangelho de S. João - Sexto - Vinte - Pio XI.

Narrador: Encantado, o pintor foi para a sua casa e abriu a Bíblia. Lá estava o Evangelho de São João, capítulo sexto, versículo vinte.

Papa Pio XI: Sou eu, sim. Não tendes medo!

Narrador: É claro que, neste momento em que apresentamos o primeiro programa Museu do Ipiranga, não vamos pintar retratos, nem usar do mau hábito de cuspir cultura. Apenas vamos botar todo nosso gênio, a nossa arte e boa vontade para fazer um bom programa que obedeça o título...E, de certo, o Museu do Ipiranga, aquele que repousa às margens plácidas do riacho, dirá, quando vir este retrato radiofônico:...

Museu do Ipiranga (Franco): Sou eu, sim.... Não tendes medo!³⁴

A última passagem do narrador, expressa bem o desejo de Moles com esse programa, e se valendo de uma linguagem bem popular afirma que o programa não vai usar o “mau hábito de cuspir cultura”, o que pode ser entendido como uma crítica aos programas direcionados a uma determinada classe social, que tenha acesso, com facilidade, ao conhecimento e a cultura.

No caso do *Museu do Ipiranga*, a intenção é que o conhecimento chegue a todas as camadas da sociedade, mesmo que seja necessário usar as mais variadas linguagens. Podemos concluir que a frase da passagem bíblica: Sou eu, sim. Não tendes medo!, tenha dois significados: primeiro, a de que tanto aquele monumental edifício “onde repousa às margens plácidas do riacho”, como seu homônimo programa de rádio, não fiquem restritos ao circuito de intelectuais e acadêmicos, afastando o conhecimento e o acesso à cultura, das demais classes sociais: “o Museu deve atrair público, além de especialistas” (BITTENCOURT, 2017, p.77) e, segundo, de incentivar práticas de incluir visitas a museus, em especial, do Ipiranga, nos seus roteiros de lazer, e dar valor a programas de rádio como esse, pois sem a audiência do público, fica financeiramente inviável produzir programas neste estilo: “Nos anos 50, o investimento publicitário no rádio chegou ao auge em termos percentuais, perfazendo 40% do total em 1950. A aproximação com a mídia impressa em conjunto é um indicativo importante para o reconhecimento do alcance do rádio” (ROCHA, 2007, p.82). Além disso, a ideia de um *retrato radiofônico*, talvez não seja de reproduzir o que há no Museu do Ipiranga, mas que o ouvinte

³⁴ Programa *Museu do Ipiranga*. 21/06/51. p. 01-02

identifique no programa o mesmo papel do museu: ensinar, contar histórias e divulgar conhecimento.

Em seguida a Orquestra faz uma passagem sinfônica, com uma melodia triste que nos leva para a Europa medieval. O narrador, dessa vez, chama o cicerone do museu: “E eis que o cicerone do *Museu do Ipiranga* nos leva agora para a primeira viagem...”.

O público, então, é convidado a um olhar imaginário como se estivesse dentro das galerias do edifício monumental. Aliás, esta estratégia vai ser recorrente em todos os programas. O passeio começa: “Olhem à direita! Seção de História Universal...”

A atriz Maria Estela, no papel da Voz da História, passa a contar um fato ocorrido com Lady Godiva. Após situar o ouvinte no tempo histórico, 1051 (no roteiro está escrito 1045) e no lugar, a cidade inglesa de Coventry, tem início uma representação de rádio-teatro, com a participação de 4 atores. Além da Voz da História, o Moura faz a personagem do povo, a atriz Arlete faz a própria Lady Godiva e o ator Adrian Hercílio interpreta o marido, Conde Chester.

A primeira parte da história, narra o apelo do povo à Lady Godiva, para que ela pedisse ao marido para abaixar os impostos. Ao ouvir a negativa, Lady Godiva implora, com uma voz angelical: “O povo é tão pobre...que não tem lágrimas para chorar! Por que mais impostos?”. O marido responde com uma voz cínica: “Já sei que se interessa tanto pelo povo. Mas quero ver a que ponto”. Uma pausa dramática, gera um enorme silêncio no auditório. E ele conclui: “Só há uma condição: se você sair à rua, completamente despida, sobre um cavalo branco e passear por toda a cidade”. A voz angelical, dá lugar a uma voz firme, e Lady Godiva responde: “Pois eu aceito o desafio!”.

A segunda parte, é a entrada da Voz da História, fazendo o desfecho: “A cidade foi avisada e no dia seguinte, ninguém abriu portas nem janelas. Lady Godiva fez seu passeio pela cidade vazia...e conseguiu a abolição dos impostos que esmagava o povo”. Após uma breve pausa, ela conclui: “Na cidade não esqueceram do sacrifício da jovem. E, até há pouco tempo, todos os anos havia uma procissão em homenagem a Lady Godiva”. No áudio há uma informação relevante narrada pela atriz que não consta no roteiro datilografado. A Voz da História nos brinda dizendo: “Uma exposição em Londres vai reproduzir um quadro de Lady Godiva, fazendo uma artista encarnar ao vivo, o passeio da bela lady pela cidade”.

A terceira e última parte, é a entrada do cicerone falando para o público se esta história acontecesse nos dias de hoje: “Se fosse agora...é possível que Lady Godiva saísse à rua como saiu...Mas no dia seguinte, todas as lojas de ferragens teriam vendido seus estoques de púas e verrumas³⁵!” E após as gargalhadas da plateia, ele conclui: “Não acham?”

Sem passagem musical para marcar o fim da história e o início da outra, o narrador passa para o próximo tema: a cidade de Paris.

Esta passagem do programa marca uma homenagem aos 2000 anos de existência da cidade. O narrador recorre a “Voz da História” para contar a fundação da “velha cidade sempre nova”, como um dos atores bradou, fazendo o papel de um parisiense. Para homenagear a cidade que é, conforme afirmou o narrador: “o vaporizador que perfuma o mundo”, o grupo Titulares do Ritmo, numa versão marcada por um impressionante jogo de vozes, cantam em francês uma canção do século XVIII, de compositor desconhecido, chamada “Auclair de lalune”.

Antes da execução do grupo, a canção é lida na língua portuguesa pela atriz Arlete: “ao clarão da lua / meu amigo pierrot / empreste-me tua pena / para escrever uma palavra / Minha vela está morta / não tenho mais fogo / Abra-me tua porta pelo amor de Deus”. Orquestra finaliza e nova história começa.

Para manter a promessa de que o programa teria humor, a próxima história a ser narrada, é baseada em uma matéria publicada em uma revista carioca, em meados do século XIX, durante o reinado de D. Pedro II.

Para que ganhe ainda mais o tom humorístico, Moles volta no tempo para falar da curiosa história do Imperador Calígula e do seu cavalo Incitatus, que foi promovido ao senado romano: “E, entre os legisladores, lá estava Incitatus pontificando em todas as reuniões do Senado”, dizia um trecho do roteiro arrancando risos da plateia.

Dito isto, e voltando para o período imperial, o narrador fala: “O Brasil nunca chegou a tanto...nunca tivemos cavalos no senado”. E se ouvem mais risos e continua: “Mas houve um Juiz de Paz que chegou a ser senador do Império. De acordo com o que nos narra a Revista Popular...”.

E a Voz da História completa: “...que se publicava no Rio de Janeiro, no ano de 1861...”

³⁵ púa e verruma, são ferramentas de perfuração.

O ator Aristides Lobo, fazendo o papel do tal Juiz de Paz, narra, cheio de exageros caricaturais, misturando sotaques do interior com erros de português e uma frustrada tentativa de um palavreado rebuscado, uma suposta sentença dada:

ao réu que deu quatro facadas na sua mulher, duas na veia *embelicada* que lhe fizeram sair o intestino para fora, outra na espinhela, ao que meu mano boticário chama de *relegião* espingarda, e outra embaixo da *omopata*, segundo disse o *lecenceado* Gonçalo que é quem *entrende* desses nomes franceses que na nossa terra nunca se usarão....³⁶

Toda a trágica cena narrada, é acompanhada de risos do auditório, devido à forma engraçada da interpretação, deixando em segundo plano a triste cena contada pelo Juiz de Paz, que também sentenciou o homem por ter raptado uma moça de família.

O cicerone Amaro, para concluir, pergunta para a Voz da História: “E esse Incitatus foi para o Senado?”. E a resposta: “Foi. Tornou-se esse juiz de direito figura influente em sua zona....e acabou senador do Império”.

Qualquer semelhança com os dias atuais, é mera coincidência.

A orquestra indica a passagem para a continuação do programa. Dessa vez, duas curtas histórias cujo os temas são: música e literatura. E novamente o cicerone apresenta: “No salão à esquerda um busto de Beethoven”. Um piano começa a tocar “Clair de Lune”, uma das mais conhecidas obras de Beethoven, que vai ficar de fundo, para contar uma passagem de muita pobreza na vida do famoso compositor, que chegou ao ponto de pedir dinheiro a um discípulo seu para poder pagar o aluguel, depois de perder o seu irmão. E a triste história é finalizada pela Voz da História: “Aí ficou um pedaço da alma do compositor da Sonata ao Luar”. O volume da bela canção volta a subir, até ser interrompida pelo narrador que continua o passeio pelo museu imaginário: “Mas o cicerone do Museu do Ipiranga já nos leva para outra secção...”

“Na estante da direita...um volume primeira edição autêntica das poesias de Campoamor”, a orquestra ataca uma canção que nos leva para a Espanha, terra do poeta. A Voz da História, então explica: “Ramón Campoamor, poeta espanhol, nasceu em 1817 e foi considerado como o mais suave dos líricos do mundo”. “Comparado a Camões e a Giacomo Leopardi”, completa o narrador Dárcio.

³⁶ Programa *Museu do Ipiranga*. 21/06/51. p. 05

Para apresentar ao ouvinte o poeta, uma breve história escrita por Campoamor é contada. Uma moça, viu seu amado ir embora da sua aldeia. Desesperada, ela vai à igreja pedir ao vigário que escreva uma carta para ela. O velho vigário, no alto da sua experiência, já tem ideia do que aconteceu e passa a escrever como se já conhecesse a história do casal. Ao final, a moça não satisfeita com o simples desfecho da história, começa a recitar um poema que deixa o Vigário impressionado pela qualidade das palavras da moça, e termina a história dessa forma: “Pois menina! Bravo amor! Que sacrificio! É só copiar, enfim! Pois não é preciso saber, para este ofício nem grego, nem latim!”.

Esse formato curto de contar histórias, será recorrente nos programas analisados. A busca por um equilíbrio entre narrações mais longas e mais curtas, mas sempre com a intenção de levar ao grande público, importantes nomes das artes no mundo, é uma das principais marcas do programa. O Jornal Folha da Noite, no seu caderno Suplemento no dia 01/10/52, chegou a chamar o Moles de o “poeta do povo”, devido as suas obras estarem impregnadas de lirismo e de ternura humana³⁷.

Após uma pausa para o Conhaque Ipiranga afirmar que é um verdadeiro monumento, o último bloco será dedicado às canções de Lampião, suas histórias, aos imigrantes do nordeste e às culturas de casamento em algumas civilizações.

“E o cicerone do MUSEU DO IPIRANGA continua a conduzir a gente pela mão, nesta viagem radiofônica...”. É dessa forma carinhosa, que o narrador chama o Amaro que apresenta o próximo tema: “Um pouco do folclore do Brasil! As canções de Lampião!”. Conforme anunciado no *trailer*, o programa de estreia vai contar, brevemente, a história do “Rei do Cangaço”, Virgulino Pereira da Silva (1898-1938).

Os Titulares do Ritmo começam a cantar um aboio³⁸, com o nome de Lampião: “É Lampa, é Lampa, é Lampa. É Virgulino...é Lampião!”. A sonoplastia cuida de emendar com barulhos de tiros e imediatamente, o narrador apresenta um texto marcado pelo senso comum acerca do cangaceiro: “O matador profissional dos sertões do Brasil, o bandoleiro e coiteiro, deixa atrás de si, sangue e cantiga. Até há pouco tempo, os sertões de São Paulo tinham, como ainda tem, aqueles indivíduos

³⁷ JORNAL FOLHA DA NOITE, 01 DE OUTUBRO DE 1952, P. 06. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=37859&keyword=%22osvaldo+moles%22&anchor=4709214&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=6dfc745b8295c079bc6a1508a0e2d251>. Acesso em 15/04/23

³⁸ Cantos dos vaqueiros para conduzir o gado.

que exerciam e exercem a profissão de matadores. Eles têm voz macia...falam gostoso e mole....assim....”.

Uma breve história é contada para comparar a “tranquilidade” dos matadores profissionais de São Paulo com a brabeza dos cangaceiros do Nordeste. Mais uma vez, nos deparamos com um diálogo recheado de estereótipos e, logo após a canção, mais um diálogo estereotipado sobre os imigrantes nordestinos, em especial o cearense.

Narrador (Dárcio): Os cangaceiros do Nordeste tem mais rompante, são mais ferozes, costumam roncar grosso mesmo. E este é o caso de Corisco, o tenente de Lampião que dizia...

Corisco (Lobo): (NORTISTA COMPLETAMENTE BANDIDO) - Eu nasci em Pedras Arta e a partera de mamãe usava revolve! Na minha família, quem não tem uma morte...tem duas!...Homi que réla a mão na minha cara...ô é barbero, ô defunto!...

A Voz da História (Estela): E a história nos conta que quando Lampião invadia uma cidade da caatinga, sempre fazia ao som de uma canção típica de autoria de alguém do seu bando. Essa canção tem gosto de ingenuidade e se chama MULHER RENDEIRA.³⁹

Dessa vez, a Orquestra se junta aos Titulares do Ritmo para cantarem a famosa canção que marcou diversas gerações: Olê, mulé rendera / Olê, mulérendá / Tu me ensina a fazê renda / Que eu te ensino a namorá.

O texto volta para a Voz da História que fala: “Aliás, todo nordestino é andejo, gosta de emigrar, de passear, de ver o mundo, principalmente o cearense”.

E duas histórias fictícias são contadas sobre a presença de cearenses no mundo. Uma na Rússia, quando, em São Petersburgo, o Barão de Santa’ Ana Neri, chamou um criado, achando que ele tinha cara de português, quando na verdade ele era cearense, que foi como embarcação para a Rússia e trabalhava em um hotel e uma outra história, narra o encontro do explorador Umberto Nobile, que ao chegar no Pólo Norte, encontrou um cearense de Aracati, todo enrolado em pele de foca. E ao perguntar o que ele fazia ali, eis que o cearense responde: “Eu tô trélando prá esquimó, dótô!”.

Quando Moles escreve que todo nordestino, em especial o cearense, gosta de emigrar e de passear, ele não levou em conta que as condições de migração da

³⁹ Programa Museu do Ipiranga. 21/06/51. p. 10

população nordestina são, na sua maioria, pelas precárias condições de acesso a itens básicos, à condição de penúria, à exclusão do acesso a terras férteis e ao teor violento do convívio com os proprietários rurais. (MOURA, 1997)

A partir dos anos 30, a migração de trabalhadores de outros estados brasileiros para São Paulo foi oficialmente estimulada. A década de 50 foi, provavelmente, o momento de maior movimento migratório de indivíduos vindos da região nordeste do país: “Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassava o de pessoas vindas do interior do estado. Os trabalhadores oriundos de estados nordestinos compunham a grande maioria dos recém-chegados e empregavam-se em massa nos variados ramos da indústria e serviços”⁴⁰.

Voltando ao programa, chegamos na última parte. Após a passagem musical, o narrador chama o cicerone para levar o público para uma outra seção: “À esquerda temos os símbolos do casamento usados pelos índios”. A orquestra toca rapidamente a marcha nupcial no ritmo de samba.

Era de se esperar que algum objeto dos povos originários fosse apresentado. Porém, o roteiro não só não faz nenhuma referência a algum objeto pertencente à coleção do Museu do Ipiranga, como conta uma história fictícia sobre uma tribo indígena, servindo de mote para falar dos rituais de casamento em outras civilizações.

A Voz da História (Estela): Os índios do planalto de Piratininga⁴¹, quando se casavam, costumavam, logo após a cerimônia, atirar três talos de mandioca na cabeça da esposa.

Índia (Saula): Às vezes criava galo, né? Mais é tão bão casá!...

No Guia da Seção Histórica do Museu Paulista de 1937, Affonso de Taunay apresenta parte do acervo de *Ethnographia brasilica*: “A partir da porta de entrada, tem os visitantes à direita e a darem sempre volta da sala acompanhando os armários laterais, até deixarem o cômodo, material procedente de índios da Guyana

⁴⁰ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Comunidade Operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966). Tese de doutorado. Unicamp, 2002.

⁴¹ Na época da Capitania de São Vicente, a cidade de São Paulo era chamada de Vila de São Paulo do Campo de Piratininga.

Brasileira, do Amazonas, do Brasil Central, de Mato-Grosso, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo”⁴².

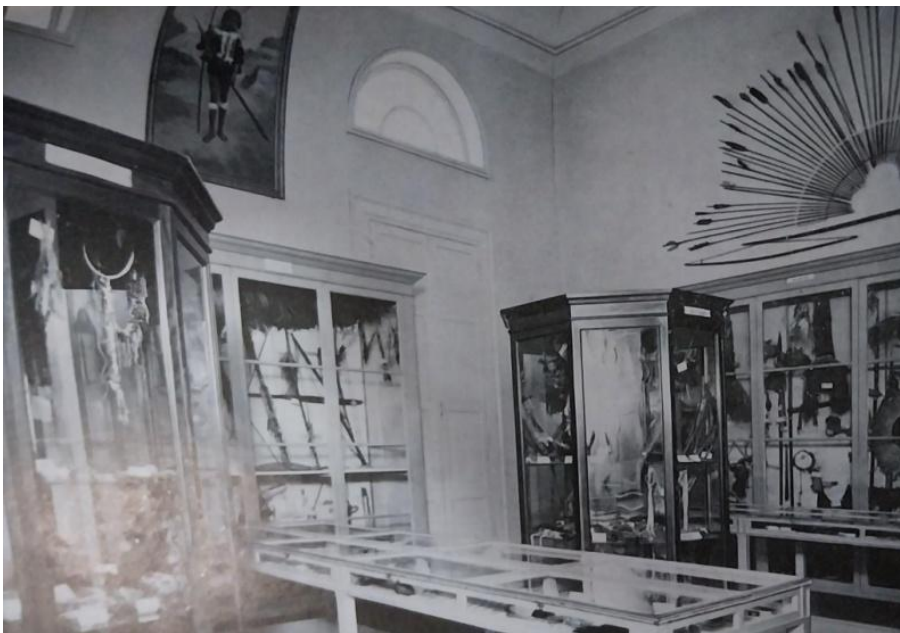


Figura 09 - Sala da exposição Ethonographia brasileira. 1937.

Os diálogos passam a pontuar sobre os rituais de casamento em outras civilizações, procurando dar um tom, ora de informação, ora de humor para o tema:

A Voz da História (Estela): Mas os romanos também derramavam três taças de vinho na cabeça de sua esposa, nas mesmas circunstâncias.

Narrador (Dárcio): Sendo que os romanos levavam casamento tão a sério que, o primeiro indivíduo a abandonar sua esposa teve seu nome registrado na história para todo o sempre - ESPÚRIO CALVINO. Daí a razão de se chamarem filhos espúrios aos filhos naturais.

Narrador (Dárcio): Em épocas remotas, os gregos diziam que o mais sábio de todos os gregos era Tales de Mileto, porque não tinha se casado. Entretanto, Sócrates, o desprezado Sócrates, se casou. E a respeito desse filósofo, dizem, um dia recebeu a visita de uma aluna que queria uma conversa muito particular....

Aluna (Arlete): Mestre, disse-me. Devo ou não devo casar?

Sócrates (Franco): Minha filha! É duro dar conselho! Se você não se casar...SE ARREPENDERÁ. Mas se se casar, TAMBÉM SE ARREPENDERÁ!⁴³

⁴² TAUNAY, Affonso de E. Guia da Secção Histórica do Museu Paulista. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1937.

⁴³ Programa Museu do Ipiranga. 21/06/51. p. 12

A Orquestra faz a passagem para a entrada do locutor que avisa: “Museu do Ipiranga é uma programação Osvaldo Moles para o Conhaque Ipiranga. Os Titulares do Ritmo, após o *jingle* do conhaque, tocam a vinheta e a Orquestra do Maestro Benjamim Silva Araújo faz o encerramento do primeiro programa *Museu do Ipiranga*.

Os demais programas analisados, seguem a mesma dinâmica do primeiro programa e os temas são os mais variados (ver nos anexos I e II, nas p. 126 e 127). Porém, dois pontos chamaram bastante a atenção: a presença de análises de obras literárias de escritores estrangeiros em todos os programas, assim como compositores de música clássica e dramaturgos estadunidenses e europeus e, em um dos programas, o *jingle* do conhaque Ipiranga, deixa de ser o baião que relaciona o Grito do Ipiranga com a bebida e passar a ser um *jingle* que assume que a bebida é para os homens. Uma voz feminina inicia a música: “moço escute aqui, o conhaque ipiranga está aqui”. Um coro masculino entoia: “O conhaque Ipiranga, o conhaque Ipiranga, o melhor que já bebi.”. Novamente a voz feminina afirma: “O homem forte, o homem de paladar exigente, o homem que prefere qualidade, sempre pede conhaque Ipiranga.” e a canção termina com o coro masculino: “O conhaque Ipiranga, o conhaque Ipiranga, o melhor que já bebi.”.⁴⁴

1.5 - A repercussão e considerações finais

Cerca de dois meses depois da estreia e com aproximadamente 10 programas já apresentados, o jornalista Justo de Abreu, na sua coluna Sintonizando, no dia 19/08/51 no *Jornal de Notícias*, fez um longo comentário elogioso do programa:

No naipe dessas audições adultas, está o *Museu do Ipiranga*, que vai para o ar todas às quintas-feiras. E aqui fica o testemunho da excelente qualidade do seu *script*, através do rapidíssimo comentário que farei do último programa que ouvi atentamente do início ao fim (...) Palavra que não vi nada que destoasse na última audição de *Museu do Ipiranga*, a não ser a presença de uma anedota originada de um concurso promovido por uma revista norte-americana. No mais tudo funcionou como peças perfeitamente ajustadas e isso no que diz respeito a intérpretes, cantores e narrador⁴⁵.

⁴⁴ Fragmento de áudio s/d.

⁴⁵ JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano VI, Nº 1631, 19 de agosto de 1951, p. 03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&pasta=ano%201951&pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=18300>. Acesso 31/03/2023.

Já o Jornal *O Governador*, na sua coluna Rádio Confusão, do dia 30/08/51, disse assim do programa:

Vale a pena ouvir...O *Museu do Ipiranga*, programa de Osvaldo Moles apresentado na Rádio Bandeirantes. Uma audição variada, diferente e caprichada, na qual torna partes cantores, músicos, atores e radioatrizes do elenco H-9. Se ainda não ouviu, leitor, procure ouvir *Museu do Ipiranga*. Vale a pena.⁴⁶

Além dos elogios da imprensa, ressaltando principalmente as qualidades dos programas do Osvaldo Moles, o próprio também ressaltou que o *Museu do Ipiranga* foi um dos seus melhores programas. Quando perguntado se na Bandeirantes ele fez algum programa de classe, Moles responde: “A Bandeirantes é uma estação de linha excepcional na sua programação. Conta com os melhores redatores de São Paulo. Aí está a chance (SIC) para grandes programas. Alguns como Museu do Ipiranga, que teve a colaboração do Sérgio Buarque de Holanda, tiveram de parar”⁴⁷.

Apesar da qualidade do programa e de toda a trajetória de Moles nas rádios de São Paulo, o programa não foi um sucesso de audiência, mas também não foi um fracasso. Segundo os dados do Ibope, no seu relatório de rádio na edição de agosto de 1951, e que mediu a audiência dos meses de junho e julho do mesmo ano (meses de estreia do programa), a média de ouvintes era entre 2,4% e 2,6%⁴⁸, colocando a rádio em 6º lugar, dentre as 12 avaliadas⁴⁹. A média de audiência entre julho de 1951 a dezembro de 1952, foi de 2,0% (Anexo III - audiência do programa nos anos de 1951 e 1952).

⁴⁶ JORNAL O GOVERNADOR, Ano XVIII, Nº 915, 30 de agosto de 1951, p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104795&pasta=ano%20195&pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=1148>. Acesso 31/03/2023.

⁴⁷ REVISTA DO RÁDIO, Ano VI, Nº 180, 17 de fevereiro de 1953, p. 47. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=9121>. Acesso 31/03/2023.

⁴⁸ Segundo o IBOPE, 47.754 visitas domiciliares foram feitas na capital, das quais 33.674 foram efetivas, de porta em porta pelo progresso de flagrante em todos os bairros da capital.

⁴⁹ IBOPE - Relatório de Rádio Nº 1. São Paulo. Edição de agosto de 1951.

Capítulo 2 – Museu e Ensino de História nas ondas do rádio

2.1 - É um monumento, é um museu ou são os dois?

No dia 12 de agosto de 2022, o jornalista Naief Haddad, assinou uma matéria na Folha de São Paulo mostrando que o governador do Estado de São Paulo, João Dória havia antecipado a reabertura do Museu do Ipiranga:

A reinauguração do Museu do Ipiranga vai acontecer no dia 06 de setembro, um dia antes da data do bicentenário da proclamação da independência do Brasil. O evento estava previsto para o dia 07, mas o governo estadual decidiu antecipá-lo para evitar que manifestações políticas prejudiquem a reabertura da instituição⁵⁰

Após quase uma década fechado, o Museu do Ipiranga foi reaberto ao público. Festejado com toda pompa e circunstância, teve uma semana de shows de artistas renomados, autoridades fizeram discursos, alguns foram vaiados, outros aplaudidos, e o público pôde, finalmente, voltar ao museu, onde muitos viveram a sua infância.

Criado para ser um Monumento à Independência, desejo de D. Pedro II para homenagear seu pai, D. Pedro I, e também desejo das elites cafeicultoras para celebrar São Paulo como berço da nação, o edifício teve sua obra iniciada em 1885, ainda sem saber ao certo qual seria sua função: “Em 03 de abril de 1881, ficou conhecida a proposta de um edifício, de autoria do italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (...) Porém, somente depois de construído é que foi dado ao edifício-monumento uma função determinada: seria um museu de história natural” (BALDIN, 2022, p. 38).

Dez anos depois, em 1895, quando já não existia mais o Império e a República era uma criança de apenas 6 anos, o Museu Paulista, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga, era inaugurado no dia 07 de setembro como um museu de história natural, tendo à frente da direção o zoólogo alemão Hermann von Ihering (1894-1916).

⁵⁰ JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, Ano 102, Nº 34;099, 12 de agosto de 2022, p. 30. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=50001&keyword=%22museu+do+ipiranga%22&anchor=6461113&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=95da7315189ce88648ad906d8d948674>. Acesso em 01/06/23.

O presidente do Estado de São Paulo, Bernardino de Campos, através do decreto nº 249 de julho de 1894, meses antes da abertura do museu ao público, determinou que:

O Museu Paulista tem por fim estudar a historia natural America do Sul e em particular do Brazil, cujas produções naturaes erá colligir, classificando-as pelos methodos mais acceitos nos musêus scientificos modernos e conservando-as, acompanhadas de indicações, quando possível, explicativas, ao alcance dos entendidos e do publico.⁵¹

Mais adiante, o decreto reforça o caráter histórico do edificio-monumento, abrigando coleções e documentos relativos ao movimento de 1822 e espaços dedicados aos grandes brasileiros, já falecidos, com relevantes serviços prestados ao país:

(...) haverá no Musêu uma secção destinada á Historia Nacional e especialmente dedicada a colleccionar e archivar documentos relativos ao periodo de nossa independencia politica (...). Nas galerias e logares apropriados do edificio serão collocadas as estatuas, bustos ou retratos a oleo de cidadãos brasileiros que, em qualquer ramo de actividade, tenham prestado incontestaveis serviços á Pátria e mereçam do Estado a consagração de suas obras ou feitos e a perpetuação de sua memoria⁵².

Apesar do decreto estabelecer um espaço dedicado à história nacional, as poucas e desorganizadas salas contrastavam com as coleções de história natural, classificadas e ordenadas, facilitando o entendimento por parte dos visitantes. Os acervos de História ficavam em salas de difícil acesso e suas coleções colocadas como objetos de curiosidades e expostas aleatoriamente, sem qualquer tipo de classificação, conforme a imagem abaixo. (BREFE, 2022, p. 88) .

⁵¹ Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto-249-26.07.1894.html>. Acesso em 01/06/23

⁵² Idem.



Figura 10 - Visitas da sala B8 - objetos históricos. (BREFE, 2022, p.89)

Já as coleções de História Natural, eram constantemente renovadas e eram objetos de estudos com publicações anuais na Revista do Museu Paulista. Segundo os historiadores Solange Ferraz de Lima e Rodrigo Silva:

Os museus de história natural consolidaram-se no século 19 como centros muito atuantes de pesquisa nos campos da ciências naturais (estudos da fauna e flora), da arqueologia e etnologia (...) é nesse contexto que são criados no Brasil os três primeiros museus públicos voltados para a pesquisa no campo da história natural - o Museu Nacional⁵³ (1818), o Museu Goeldi⁵⁴ (1866) e o Museu Paulista (1893) (FERRAZ e LIMA, 2022, p. 15).

⁵³ O Museu Nacional está localizado na cidade do Rio de Janeiro.

⁵⁴ O Museu Goeldi está localizado na cidade de Belém do Pará.



Figura 11 - Edifício-monumento do Ipiranga. Guilherme Gaensly. Década de 1890. (MARINS, 2022, p. 51)

Ao longo dos 22 anos da gestão de Ihering, as salas de exposição do Museu Paulista eram divididas em três partes, conforme a imagem abaixo. Do lado direito, na Ala Oeste, ficavam as salas dedicadas a zoologia, mineralogia, paleontologia, etnografia e antropologia e, por fim, numismática. Do lado esquerdo, na Ala Leste, as salas eram dedicadas às coleções de aves, anfíbios, peixes e insetos. E na Ala Central, três salas (B8, B9 e B17), dedicadas a objetos históricos, (GROLA, 2022, p. 80)

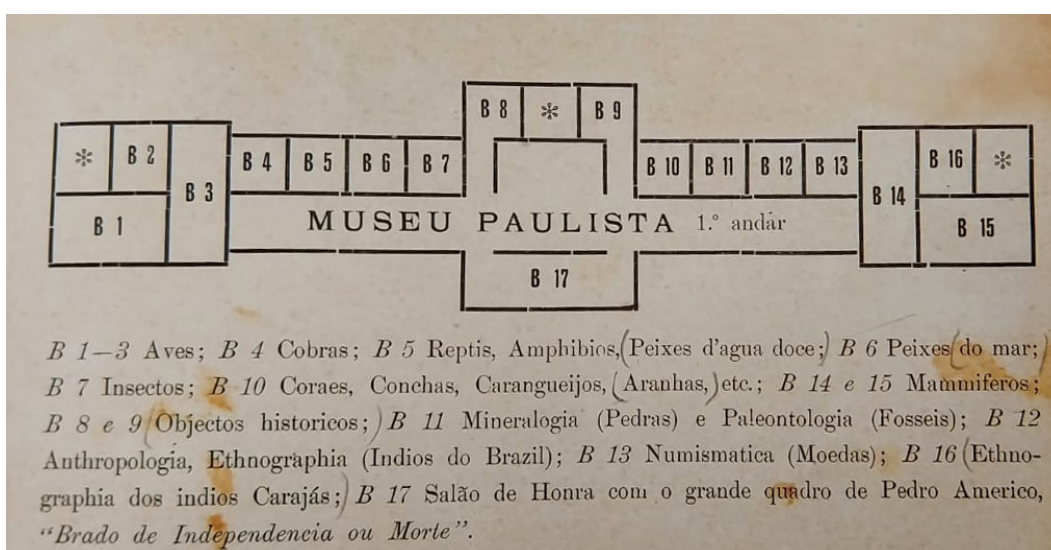


Figura 12 - planta baixa Museu Paulista. (GROLA, 2022, p.81)

Esse cenário muda com a chegada, em 1917, do engenheiro/historiador Afonso d' Escragnolle Taunay⁵⁵ que assumiu a direção do Museu do Ipiranga com o objetivo de preparar a instituição para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil em 1922 e organizar um museu histórico “para reconstrução da história nacional do ponto de vista de São Paulo” (BREFE, 2022, p, 88).

Além disso, consolidou uma visão particular da História do Brasil, manifestada não só nas exposições que realizou, como também nas coleções formadas e na sua própria produção historiográfica como bem lembrou a historiadora Cecília Helena de Salles Oliveira:

A despeito do museu projetado por Ihering inspirar-se nitidamente em seus congêneres norte-americanos, e apesar de Taunay procurar em museus europeus, particularmente franceses, suas fontes de referência, havia entre eles um aspecto em comum: a preocupação em relação à dimensão pedagógica e “civilizatória” do Museu que dirigiram, quer no sentido de interpretá-lo como local destinado à “instrução pública” e à formação de “cidadãos”(OLIVEIRA, 2002/2003, p. 106).

Sem deixar de lado a importante contribuição de Hermann von Ihering com a história natural, apesar de na sua gestão ter adquirido objetos ligados à temática histórica e até de obras de arte (GARCEZ, 2017, p. 164), Taunay transformou o Museu do Ipiranga em um museu de história, consolidando, tanto nas exposições, quanto nas coleções, um olhar pacífico sobre a História do Brasil. Segundo o historiador Paulo Garcez:

Taunay optara, para esses numerosos chegantes e para os antigos paulistas de muitas origens, por uma história que lançava para o futuro um sentido de conciliação e acomodação. Nesse sentido, pode-se nele reconhecer um pioneiro dos discursos patrimoniais que enaltecem o caráter pacífico e sintético do brasileiro, tão evocado nas políticas culturais das ditaduras varguista e dos anos de chumbo (GARCEZ, 2017, p. 159).

⁵⁵ Afonso d' Escragnolle Taunay, foi formado em engenharia na Escola Politécnica de São Paulo, além de ter lecionado por lá por mais de 20 anos. Em 1911, se tornou membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

Esculturas como as dos bandeirantes Fernão Dias Paes Leme e Raposo Tavares, feitas por Luigi Brizzolara e expostas em 1922, que mostravam a exploração de metais preciosos e a captura de indígenas. As pinturas de Henrique Bernardelli, o *Ciclo da caça ao índio* (1925) e a *Retirada do Cabo de São Roque* (1927), que reforçavam a ideia dos bandeirantes como heróis, mesmo sem nenhuma referência a resistência e combates, mesmo no quadro da *Retirada do Cabo de São Roque*, onde uma derrota para os holandeses na travessia do rio São Francisco, se converte em paisagem heróica (GARCEZ, 2022, p. 174-175).



Figura 13 - Esculturas dos bandeirantes Fernão Dias e Raposo Tavares. Pinturas *Ciclo da caça ao índio* e *Retirada do Cabo de São Roque*. Fonte: wikipedia.org.

E, por fim, no salão nobre, as mais famosas pinturas do acervo, compondo uma sucessão de episódios alusivos ao processo de independência, motivo principal da construção do edifício-monumento. São elas, *Príncipe D. Pedro e Jorge Avilez a bordo da fragata União* (1922) e *Sessão das Cortes de Lisboa* (1922), ambas de Oscar Pereira da Silva e a famosa pintura de Pedro Américo, *Independência ou Morte!* (1888), ícone do imaginário sobre a independência do Brasil (BITTENCOURT, 2022, p. 80).

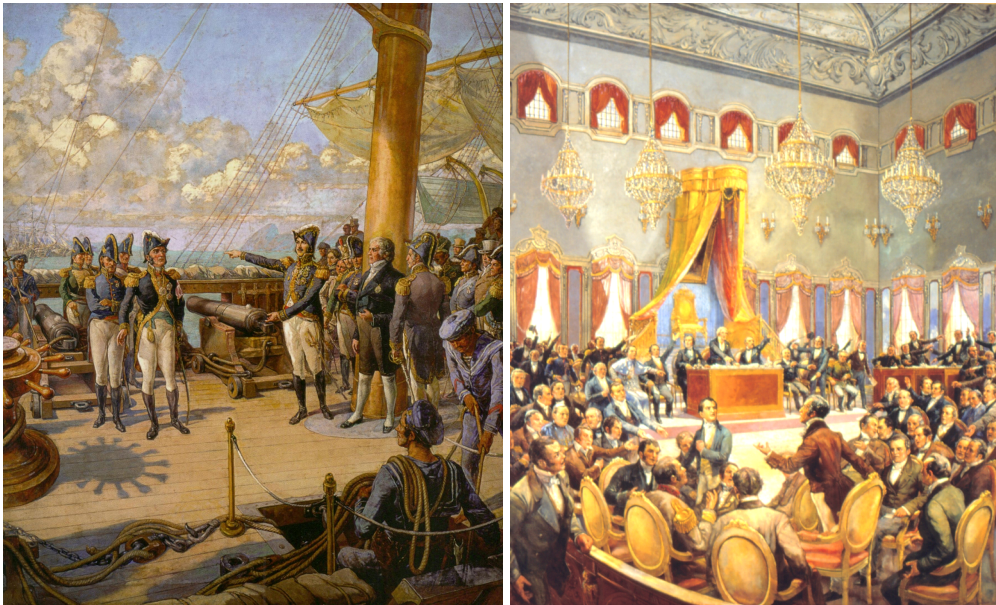


Figura 14 - *Príncipe D. Pedro e Jorge Avilez a bordo da fragata União* (1922) e *Sessão das Cortes de Lisboa* (1922). Oscar Pereira da Silva



Figura 15 - *Imagem Independência ou Morte!* (1888). Pedro Américo.

O Museu do Ipiranga passou a fazer parte da paisagem da cidade e da vida do paulistano e algumas obras entraram no imaginário da população brasileira, tanto das pessoas que tinham a oportunidade de visitar o museu, como dos que estudaram nos livros didáticos de história, ao longo dos séculos XX e XXI.

Desde a reabertura no dia 06 de setembro de 2022, a entrada do público é gratuita⁵⁶, bastando somente adquirir os ingressos através do site do Museu e desde

⁵⁶ Segundo a direção do Museu Paulista, a partir do dia 13 de junho de 2023, a entrada não será mais gratuita.

então, o público vem demonstrando, via as redes sociais, as suas impressões sobre o “Novo Museu do Ipiranga”, como ele está sendo chamado.

A construção do imaginário acerca do museu rendeu comentários, no mínimo curiosos, de ausência de objetos que nunca ou que não fazem mais parte do acervo da instituição ou de memórias de histórias que nunca aconteceram no edifício-monumento. Cito alguns desses depoimentos retirados de uma rede social bastante conhecida no Brasil:

“Visitei o museu neste domingo. Decepção total! Onde está o acervo da independência? Não fui até lá para ver bateadeira, liquidificador e geladeira do tempo do onça. Fui com a intenção de mostrar aos meus netos um pouco da nossa história e não foi isso que encontrei”.

“Acabei de sair do museu e saí muito decepcionada!! Visitei o museu há uns 10 anos atrás e consegui ver td referente nossa história, tds os detalhes da vida dos imperadores, vestimentas, camas, utensílios do dia-a-dia, porcelanas muito mais... Hj pra minha surpresa, tinha até latinha de bombom sonho de valsa exposta! As crianças de hj não terão a oportunidade de conhecer todo acervo histórico. Lamentável”

“Hoje o museu tem uma coleção de ferro de passar, liquidificador e potes de biscoitos? Fala sério cadê os quadros? A sala de armas?”

“O que aconteceu com aquelas carruagens, roupas, móveis, objetos e outros de Dom Pedro e sua família que eram o grande atrativo do antigo museu? Fui hoje para matar as saudades dos tempos que ia ao museu na excursão da escola e senti falta desses”

“O Museu do Ipiranga já era!!! Acabaram com os itens mais importantes q podíamos ver”

“Lamentável a postura dos curadores do Museu. Pq tem um agulheiro que eu compro HOJE em qq bazar? Pq tiraram os temas da independência, família real, descobrimento, dos bandeirantes (tudo superficial e irrelevante), pra expor liquidificador?”

Ao chegar no museu, o visitante recebe um Guia de Visitação, em que orienta onde estão as onze exposições que ocupam os salões do Museu Paulista. São elas: Para Entender o Museu, Uma História do Brasil, Passados Imaginados, Mundos do Trabalho, Casas e Coisas, Coletar: Imagens e Objetos, Conservar: Brinquedos, Territórios em Disputa, Catalogar: Moedas e Medalhas, Comunicar: Louças, A Cidade Vista de Cima.

Em recente entrevista ao programa Provoca! da TV Cultura, o historiador e um dos curadores do Museu, Paulo Garcez, ao ser perguntado pelo apresentador Marcelo Tas, se alguém ficou chateado com a nova interpretação do museu, deu a seguinte resposta:

Acho que sempre tem. A ideia de que um museu deve permanecer com um memorial das elites, é algo que está muito disseminado em vários setores da sociedade, que no fundo não percebem que elas também tem o direito à memória e de estarem representadas no museu, para que a gente possa pensar sobre essas memórias historicamente⁵⁷.

2.2 - “Um museu deve ser, antes de tudo, casa de educação”⁵⁸: A gestão de Sérgio Buarque de Holanda no Museu Paulista nos anos 40 e 50.

Para a escrita desta parte do capítulo, me baseio nos estudos da historiadora Giselle Laguardia Valente que fez uma profunda pesquisa acerca da administração de Sérgio Buarque de Holanda no Museu Paulista entre 1946 e 1956 em sua tese de doutorado em 2009 pela UNIRIO. A tese teve como título “As missões culturais de Sérgio Buarque de Holanda (1946-1956)”, analisando os relatórios anuais durante sua gestão, presentes no Serviço de Documentação Histórica e Iconográfica do Museu Paulista, localizado no bairro do Ipiranga em São Paulo.

Enfatizo que o meu interesse é entender a popularização do Museu Paulista na gestão de Sérgio Buarque de Holanda, que o levou a dar o nome da instituição e a supervisionar o programa de rádio estudado nesta dissertação.

Com a aposentadoria de Taunay em 1945, o Museu Paulista passa a ser dirigido por Sérgio Buarque de Holanda a partir de março de 1946. Sérgio Buarque vinha de trabalhos no Rio de Janeiro, com o ministro Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Instituto Nacional do Livro e na Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional (VALENTE, 2009, p. 111). Segundo sua esposa Maria

⁵⁷ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GsiKXL4jopw>. Acesso em: 07/06/23.

⁵⁸ Frase atribuída a Edgard Roquette-Pinto, publicado no Relatório Anual do Museu Nacional (RAMN), de 1956.

Amélia, foi Sérgio Buarque que pediu para sugerirem seu nome para a direção do Museu Paulista, junto ao interventor federal José Carlos de Macedo Soares.

No jornal *Correio Paulistano*, em março de 1946, seu amigo, o escritor José Lins do Rêgo comentou a troca de Sérgio Buarque, da então capital federal Rio de Janeiro, para o retorno a sua terra natal, São Paulo e rasga elogios à administração anterior de Afonso Taunay:

O Sr. José Carlos de Macedo Soares, deu uma solução magistral à sucessão do mestre Afonso de Taunay, no Museu Paulista. Para substituir a sabedoria sólida do grande erudito, foi procurar na nova geração um homem, que reúne as melhores qualidades para o cargo. (...) O mestre Taunay dera a grande casa de ciência toda a sua vida (...) Alguém chamara-o de São Cristovão da nossa história. Porque o que ele realizou com as Bandeiras e com o Café, fora mesmo um serviço de gigante. Tudo o mestre Taunay sabia e publicava. O Museu Paulista em suas mãos, se transformara num centro de pesquisas que se irradiava pelo país inteiro. (...) Para nós aqui no Rio, o caso se afigura como o de um verdadeiro saque. Sérgio já era nosso, apesar de todo o seu paulistismo de quatrocentos anos (...) O Sr. José Carlos de Macedo Soares, nos arrebatou um titular de seleção nacional. É verdade que cavou para o Museu Paulista o homem perfeito para a função (...).⁵⁹

Já no seu primeiro ano de gestão, Sérgio Buarque, identificou alguns problemas de ordem no corpo técnico de funcionários. Dessa forma, em seu primeiro relatório anual, se define os objetivos do Museu Paulista: “O Museu Paulista tem por objetivo recolher, estudar, classificar, conservar e manter em exposição pública, os elementos de notória importância para a História, Etnologia, Numismática e Lingüística, especialmente do estado de São Paulo.”⁶⁰ Com isso, foram criadas funções remuneradas para as seções técnico-científicas “visando ao estabelecimento de condições para expor ao público aquelas que o diretor considerava “as preciosas coleções etnográficas” do Museu Paulista” (VALENTE, 2009, p. 118).

⁵⁹ JORNAL CORREIO PAULISTANO. Ano 92, Edição 27.602, 22/03/1946, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_09&pasta=ano%20194&pesq=S%C3%A9rgio%20Buarque%20de%20Holanda&pagfis=27707. Acesso em: 02/06/23.

⁶⁰ VALENTE, 2009, p. 118. Relatório Anual do MP, ref. ao ano de 1946 – APMP/FMP L 30. p. 04

Ainda sobre o Relatório Anual de 1946, além de detalhar a aquisição de diversos objetos para o acervo do museu, como por exemplo relíquias da Guerra do Paraguai - pistolas, espadas e uma bandeira do império que estava em um navio brasileiro, cadeirinhas de transporte do início do século XIX, armas imperiais do Segundo Reinado entre outros, Sérgio Buarque apresentou números importantes de aumento de visitantes, em relação aos três últimos anos, passando de cerca de 230.000 para quase 270.000 visitantes ao ano. O que explica a criação de novas estratégias para manter ou aumentar o público.

Sérgio Buarque vai insistir na necessidade de investir na formação de monitores para “tornar mais acessíveis ao interesse e ao conhecimento do público as coleções expostas” (VALENTE, 2009, p. 122), podendo ser estudantes da Universidade de São Paulo ou de escolas secundárias, na criação de folhetos com a explicação do acervo exposto, na abertura diária do museu, exceto às segundas-feiras e em uma melhor distribuição dos acervos nas salas de exposição, como por exemplo quadros e objetos relacionados ao mesmo fato, para facilitar o entendimento do público.

Dentro dessas novas estratégias, segundo Valente, o relatório de 1946 de Sérgio Buarque, deixa claro o seu “projeto museal educativo”, tendo o visitante como um alvo importante: “para proporcionar ao público mais viva impressão das coleções expostas e ao mesmo tempo, tornar verdadeiramente instrutivas as visitas ao estabelecimento”⁶¹.

A estratégia de atrair mais visitantes funcionou e o Museu Paulista teve recorde de público nos anos 50. No Relatório de Atividades de 1952 Sérgio Buarque, ao apresentar os números de visitantes de 1948 a 1952, reforça que a suas novas estratégias tiveram êxito:

o número de visitantes do Museu Paulista superou, este ano, o de todos os outros anos, desde a sua fundação, o que pode ser comprovado pelas cifras correspondentes à afluência durante os últimos cinco anos que houve considerável aumento na visita pública:

⁶¹ VALENTE, 2009, p. 122. Relatório Anual do MP, ref. ao ano de 1946 – APMP/FMP L 30 p. 27

Ano	Visitantes
1948	244.680
1949	255.697
1950	272.828
1951	329.892
1952	388.278 ⁶²

O aumento significativo de visitantes ao museu, ocorre exatamente no momento em que as políticas de acesso ao Museu Paulista, conforme o Relatório Anual de 1946, começam a ser colocadas em prática, desde a ampliação do acervo até o aumento da equipe técnica especializada. Além disso, a participação do diretor Sérgio Buarque de Holanda como supervisor do programa *Museu do Ipiranga* na Rádio Bandeirantes, pode ter contribuído para a divulgação e aumento do público, visto que os anos de 1951 e 1952, período de duração do programa, foram os anos de maior visitação ao Museu Paulista.

2.3 - Conceitos de História e Museu produzidos e divulgados no programa.

Quando tive acesso a uma pequena parte dos roteiros do programa com a família do Osvaldo Moles e dos fragmentos de áudios com o Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes, me chamou a atenção a ausência de histórias que contassem sobre o acervo presente no Museu do Ipiranga, conforme anexo I (p. 126), isso não significa dizer que outros programas não tenham abordado parte do acervo.

Ao longo da pesquisa, passei a me deter na ideia de que o uso da marca Museu do Ipiranga, podia ser interessante, tanto para o próprio museu, que se beneficiaria com uma divulgação de longo alcance e, até onde se sabe, gratuita e para a Rádio Bandeirantes que levaria para o seu *script*, um dos mais importantes intelectuais do país, e como foi analisado no capítulo anterior, levando para o grande público, um formato de programa inédito nas rádios paulistanas, em que a academia

⁶² Relatórios de Atividades do Museu Paulista, ano de 1952, Arquivo Permanente do MP, p. 05

se une à linguagem popular, conseguindo agradar ao público das mais diversas camadas sociais. De todos os 11 roteiros lidos, só encontrei apenas um programa que aborda uma parte do acervo do Museu.

No dia 28 de junho de 1951, uma quinta-feira, ia ao ar o segundo programa *Museu do Ipiranga* na Rádio Bandeirantes. A descrição feita do *trailer* e do programa de estreia, no capítulo 1, nos trouxe uma noção da proposta do programa e do seu formato. Temas históricos se misturavam com curiosidades, com temas musicais e literários. E nos demais programas, essa fórmula foi mantida.

Em especial neste programa, um dos assuntos abordados foi sobre Santos Dumont. No *Guia da Secção Histórica do Museu Paulista*, publicado pelo então diretor Affonso de E. Taunay em 1937, ele escreve o seguinte:

Sala B9, “Sala Santos Dumont” e corredor anexo. Nesta sala ha o vultoso e precioso material, evocador da vida e da gloria de um brasileiro universal: Alberto dos Santos Dumont (1873-1932), a quem as experiencias, sobre a dirigibilidade dos balões e o vôo com aparelhos mais pesados que o ar, immortalisaram, como é sobejamente sabido. Todo o acervo ahi reunido foi doado ao Museu Paulista pelos herdeiros de Santos Dumont, seus irmãos e sobrinhos, que com a maior generosidade, offertaram ao patrimonio do Estado de S. Paulo objectos inapreciavelmente preciosos⁶³.

Affonso Taunay, descreve cerca de 40 itens do acervo, entre eles, algumas condecorações, maquetes dos dirigíveis, material de escritório, seu inconfundível chapéu *Panamá*, diversos quadros em sua homenagem e até um busto do romancista francês Victor Hugo, feito pelo seu amigo, o escultor Rodin.

⁶³ TAUNAY, Affonso de E. *Guia da Secção Histórica do Museu Paulista*. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1937. p. 95

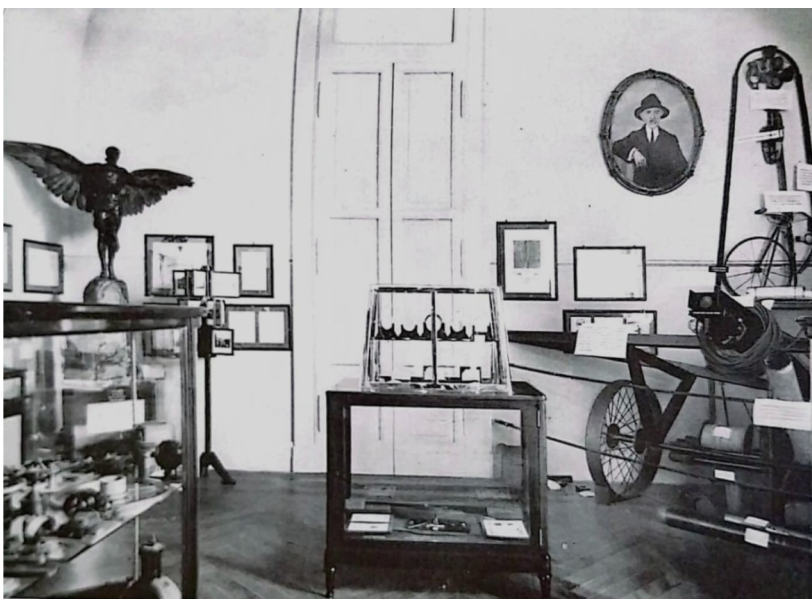


Figura 16 - Sala B9 - sala dedicada aos objetos doados de Santos Dumont. (Taunay, 1936, p. 37)

De todo esse acervo presente no Museu Paulista, o programa abordou um “autêntico” desenho do primeiro dirigível de Santos Dumont. Seguindo o modelo da estreia, o segundo programa começou tocando o *jingle* do “Conhaque que é um verdadeiro monumento”, apresentou Osvaldo Moles e o maestro Benjamin Silva.

Em seguida, diferentemente do programa de abertura, o rádio-ator Dárcio, no papel de narrador apresenta de forma mais efusiva o diretor do Museu do Ipiranga, deixando de lado a formalidade da estreia: “É com satisfação que apresentamos, neste programa, o nome de Sérgio Buarque de Holanda, como seu supervisor e colaborador. Sérgio Buarque de Holanda é um dos mais destacados nomes dos círculos intelectuais do Brasil e é o diretor do Museu do Ipiranga.”

Essa apresentação se repetirá, de forma parecida em alguns outros roteiros. Por vezes chamando Sérgio Buarque de escritor, outras vezes de jornalista, outras de historiador, ou de todas elas ao mesmo tempo.

Após a “Voz da História” explicar o significado da expressão “como um príncipe”, que veio de uma chacota da pintora Madame Le Brun, que fora obrigada a ouvir o irmão de Luiz XVI, o Duque de Provença, cantar por horas seguidas enquanto posava para a pintora e quando perguntada se tinha gostado da sua voz, a resposta veio em forma de deboche que foi entendida pelo garboso duque como um elogio: “como um príncipe”, o Cicerone do Museu do Ipiranga apresenta ao ouvinte: “o autêntico desenho do primeiro dirigível construído por Santos Dumont”.

A chamada serviu de mote para que uma triste história fosse narrada sobre um dia na vida de Santos Dumont. E para narrar essa história, um convidado muito especial, o escritor, tradutor e biógrafo de Santos Dumont, Raul de Polillo⁶⁴, que foi interpretado pelo rádio-ator Aramis. Depois da entrada da rádio-atriz Estela na personagem a Voz da História narrar o início da triste história: “Foi numa noite de inverno, em Paris, no ano de 1900. Santos Dumont estava com pneumonia...A febre subia a 39 e meio...40... E deixemos que alguém nos narre o que foi essa passagem da história”, foi a vez do rádio-ator, Aramis, assumir o personagem Raul de Polillo.

Com uma música triste ao fundo para dar mais dramaticidade à cena, a narração começa: “Santos Dumont passou a noite e o dia inteiros com febre, com fraqueza, com delírios...Nessa tarde, não suportando mais a ânsia de produzir, de plasmar alguma coisa, de tornar realidade a ideia que o perseguia tomou resolução derradeira” Daí em diante uma história de superação foi narrada até o desfecho de um final feliz: “Santos Dumont, já quase à morte, tinha também feito romper uma nova aurora para o mundo. Tinha construído um dirigível, baseado na indeformabilidade dos triângulos, tão perfeito na sua estrutura que acabou sendo o pilar básico de toda aviação do futuro”. Imediatamente a triste música se vai e uma nova história é narrada.

Nesse caso, observamos que o desenho de Santos Dumont pode ter sido tomado como uma espécie de “objeto gerador”, na acepção de Francisco Régis Lopes Ramos (2011). Ao mesmo tempo que é divulgado como acervo do Museu do Ipiranga, despertando o interesse dos ouvinte em conferi-lo *in loco*, é mote para contar um fato biográfico do “pai da aviação” no Brasil.

Interessante perceber nessa parceria da Rádio Bandeirantes com o Museu Paulista, a utilização do nome do museu como título do programa. Provavelmente, para Osvaldo Moles, um homem de rádio e um intelectual-mediador, temas que trataremos no capítulo seguinte, um programa com a intenção de levar “conhecimento e alegria”, como a música de abertura sinaliza, associar a ideia de conhecimento com uma instituição que se consolidou, na gestão de Sérgio Buarque, como um local de excelência em pesquisa e estudos nas mais variadas ciências, daria a credibilidade necessária para a manutenção do programa por um bom tempo.

⁶⁴ Raul de Polillo (1898-1979) nasceu em São Paulo, filho de pais italianos. Jornalista e crítico de arte, trabalhou em diversos jornais em São Paulo. Foi também o primeiro tradutor para o português do Decameron, de Boccaccio. Polillo publicou ainda Retrato vertical (1936), livro sobre aviação civil e sobre a paisagem brasileira, e a biografia Santos Dumont gênio (1950).

Afinal de contas, se analisarmos o tema de abertura do programa, as ciências citadas estão todas presentes no Museu Paulista, desde o seu primeiro diretor Hermann von Ihering, que implantou a zoologia, passando pelo Affonso Taunay, que consolida a instituição como um centro de pesquisa e introduz as primeiras seções de história, até Sérgio Buarque de Holanda, que transforma o museu em um museu de história. “História, Filosofia, Teatro, Ideologia, Antropologia, Filosofia, Egíptologia, Geologia, Anatomia, Patologia, Poesia e Astronomia”, estão todas lá e agora, também no rádio, aguçando a curiosidade do ouvinte, ao mesmo tempo que convida a conhecer o local de “ensinamento e alegria”.

2.4 - “Ensino e alegria” em outros programas de rádio.

Em 1940 lá no morro começaram o recenseamento (...)
(Recenseamento. Assis Valente, 1940)

O trecho da música retratada por Assis Valente e gravada por Carmen Miranda, mostra uma cena que se tornou bem comum nos início dos anos 40 no Brasil, a presença do recenseador. O último censo no Brasil havia acontecido em 1920 e o de 1940 era o quinto e o primeiro organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶⁵.

Pela primeira vez, o censo procura colher informações da presença de aparelhos de rádio nos domicílios dos brasileiros. Os números não são animadores, segundo Lia Calabre “o setor radiofônico crescia ainda de forma muito desigual entre as diversas regiões do Brasil” (CALABRE, 2002, p. 27), mas ao mesmo tempo, o rádio apresenta um potencial de crescimento, que foi confirmado nos anos 50. Dois fatores foram determinantes para a consolidação do rádio como um instrumento de massa.

Em primeiro lugar a estatização, durante o governo de Getúlio Vargas, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1940. Ao mesmo tempo que empresas norte-americanas como *General Electric*, *RCA Victor*, *Coca-Cola* e *Standart Oil*,

⁶⁵ Disponível em:
<https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/historico-dos-censos/censos-demograficos.html>. Acesso em 02/06/2023

através do *Birô Interamericano*⁶⁶, começam a usar o rádio para divulgar o estilo de vida do estadunidense, baseado no consumo.

Segundo os estudos da jornalista Sônia Virgínia Moreira em *O Rádio no Brasil*:

o rádio, obviamente, era o veículo mais cobiçado pelos novos anunciantes. A Coca-Cola investe uma quantia significativa no programa *Um Milhao de Melodias*, para introduzir seu refrigerante no Brasil (...) os patrocinadores passam a ter suas marcas e produtos associados aos títulos dos programas: Teatro Good-Year, Recital Johnson, Programa Bayer e Calendário Kolynos (...) ⁶⁷.

Os sucessos dos programas de auditório, de humor, das radionovelas, além dos shows ao vivo nos auditórios lotados com transmissão das rádios, alavancaram as vendas de aparelhos Brasil afora. Aproveitando-se da grande capacidade do rádio de formar públicos, muitos programas surgiram seguindo essa linha do programa *Museu do Ipiranga*, mesmo antes do “estouro” do rádio, como o grande veículo de comunicação na primeira metade do século XX.

Seguindo uma ordem cronológica, vou brevemente analisar alguns programas de caráter educativo, que foram importantes nos meus estudos para a construção deste trabalho. São eles: *A Hora das Crianças* (1927 a 1932), transmitido na cidade de Berlim, escrito, dirigido e narrado por Walter Benjamin, *Vovô Ceará*, de 1935, criado por Eusébio de Sousa e transmitido pela Ceará Rádio Clube, *Curiosidades Musicais* (1938-1941), criado e apresentado por Almirante, transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, *Em visita ao Museu Imperial* (1946-1947), transmitido pela Rádio Roquette-Pinto e, por último o *História de Chinelos* (1952-1955), uma criação do “imortal” da ABL⁶⁸ o jornalista Viriato Corrêa.

2.4.1 - Walter Benjamin e suas crianças - cultura, história, política, economia, tecnologia.....numa produção radiofônica

Em Berlim, entre 1927 e 1932, o filósofo alemão Walter Benjamin apresentava nas rádios locais o programa *Aufklärung für Kinder*. As narrativas

⁶⁶ Criado pelo presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, o Birô Interamericano, buscava promover a aproximação econômica e cultural do país com seus vizinhos da América Latina.

⁶⁷ MOREIRA, Sandra Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Rio Fundo, 1991. p. 24

⁶⁸ Terceiro ocupante da 32, eleito em 14 de julho de 1938.

radiofônicas voltadas para o público infantil, abordava os mais diversificados assuntos.

Infelizmente nenhum áudio foi conservado dos programas e apenas 29 textos foram encontrados e que serviram de base para a publicação do livro “A Hora das Crianças: Narrativas Radiofônicas de Walter Benjamin”.

Os textos, mesmos voltados para o público infantil, deixam claros a crítica que Benjamin faz à história oficial de caráter positivista, priorizando os grandes heróis e as guerras e deixando de lado a história social, diminuindo a importância das culturas, crenças e tradições das mais diversas civilizações:

Quando era jovem, aprendi História lendo o Neubauer⁶⁹, que ainda deve existir em muitas escolas, talvez hoje um pouco diferente do que era antes. Na época o que mais me chamava atenção era que as páginas eram divididas em caracteres grandes e pequenos. As páginas com caracteres grandes falavam de príncipes, guerras, tratados de paz, alianças, datas etc., coisas que tínhamos que decorar, e eu não achava muita graça. Em caracteres pequenos vinham as páginas com a, assim chamada, história das civilizações, contando sobre os costumes e tradições das pessoas em tempos antigos, suas crenças, sua arte, ciência, suas construções etc. Aquilo não era preciso decorar, bastava ler, o que era muito mais divertido (BENJAMIN, 2015, p. 181).

Ao falar dos indivíduos silenciados pela história, Benjamin “escova a história a contrapelo”⁷⁰, ou seja, ele se dirige às crianças para contar histórias do cotidiano, trazendo um outro ponto de vista, diferente da história oficial.

Assuntos como peças de teatro, livros, brinquedos, tragédias, catástrofes e tantas outras, ganham vida para os pequenos, pois o que chama a atenção nos textos narrados é a preocupação de incluir curiosidades como forma de atrair a atenção do espectador, como por exemplo, no capítulo que ele narra sobre a Bastilha (antiga prisão nacional da França), em que além de contar a história da sua construção, conta casos de prisioneiros famosos como o homem da máscara de ferro, que acabou virando uma das lendas mais famosas do lugar.

⁶⁹ Livro de ensino de história utilizado na Alemanha, assim chamado em referência ao seu autor, Friedrich Neubauer (1861-1953), pedagogo alemão.

⁷⁰ Cf.: In Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232

O autor aproveita a oportunidade para refletir sobre a função das prisões: “Muito tempo antes da Revolução Francesa, porém, já estava viva na mente dos grandes pensadores a ideia de que uma punição deveria ter como fim o aperfeiçoamento do culpado”. (BENJAMIN, 2020, p. 169)

Segundo o filósofo alemão Rolf Tiedemann, que escreveu a Nota à edição alemã do livro, em 1985, Walter Benjamin “revela um pedagogo tão discreto quanto engenhoso que, assumindo o lugar de narrador, leva adiante o Iluminismo” (BENJAMIN, 2020, p. 07). Termo este presente no nome em alemão do programa *Aufklärung*, que pode ser traduzido como “esclarecimento”, “descoberta” ou “Iluminismo”.

2.4.2 - No Ceará, um intelectual vira vovô para falar com as crianças

Em 1913, Eusébio de Sousa⁷¹, elaborou o *Catecismo constitucional do estado do Ceará*, para ser usado pelas crianças das escolas públicas no ensino. O *catecismo* nada mais era que um manual sobre Geografia do Brasil e do Ceará, conceitos de nação, formas de governo e outras questões cívicas. A já adulta República, ainda engatinhava nas ideias de amor à pátria, como bem escreveu Dr. Alves Barbosa no prefácio do manual de Eusébio de Sousa: “ (...) há carência que a noção de pátria espalhe-se pelo nosso povo (...), é que nós precisamos de homens e os homens só os serão se de creança, lhes for ensinado o papel que deverão representar mais tarde no mundo político” (SOUSA, Apud HOLANDA, 2005, p. 23).

Mais adiante, em 1935 pela Ceará Rádio Clube, Eusébio de Sousa, que já trabalhava como diretor do Museu Histórico do Ceará, começa a produzir um programa voltado para o público infantil em que o personagem Vovô Ceará, contava histórias para a criançada:

Boa tarde, meus caros amiguinhos. É VOVÔ CEARÁ quem fala. Vem cumprir o prometido: palestrar sobre coisas do Ceará de antanho, do Ceará de outras eras, do tempo de nossos avoengos (...) Façam de conta que vocês são meus netinhos. Isto – é bem de ver – com a devida permissão da mamãe e do papai. Por meus netinhos, pois, é que doravante

⁷¹ Eusébio de Sousa (1883-1947), jornalista, historiador, magistrado e escritor. Nascido em Pernambuco, se mudou para o Ceará, após se formar em Direito em 1908.

passam a ser tratados. Valeu? (SOUSA, Apud HOLANDA, 2005, p. 24).

Segundo Cristina Holanda “o programa pretendia divulgar e incentivar, entre os ouvintes mirins, das primeiras séries escolares, o gosto pela História local” (HOLANDA, 2005, p. 30). O programa, que era veiculado aos domingos - o que dá a entender que também era para a toda família, tinha como objetivos, segundo o próprio Eusébio: “estimular os pequenos ouvintes (...) ao cultivo da nossa história regional, com um intuito, sobremodo patriótico, de ainda tornar o estudo dessa mesma história mais atrativa às pessoas (...)” (SOUSA, Apud HOLANDA, 2005, p. 30-31).

Mais adiante, reforça Cristina Holanda, um fascículo com os quatro primeiros roteiros foram publicados, exaltando o processo inicial de colonização do Ceará pelos portugueses, reforçando a fé católica com ilustrações da imagem de Nossa Senhora da Esperança, que supostamente teria acompanhado a esquadra de Pedro Álvares Cabral. Em outro roteiro, Eusébio de Sousa exalta o conquistador Pero Coelho e conclama para as crianças:

(...) como bons patriotas que presumo serem os meus netinhos, eu os concito a de pé, por alguns segundos, com a maior reverência, prestemos (...) uma homenagem póstuma ao notável colonizador que tentou fundar, com inauditos esforços, uma capitania no Ceará. (SOUSA, Apud HOLANDA, 2005, p. 48)

Assim como Sérgio Buarque de Holanda, Eusébio de Sousa também foi diretor de um museu dedicado à história, no caso específico do estado do Ceará. Além disso, diferentemente do seu colega do Museu Paulista, Eusébio de Sousa, produzia e apresentava o programa.

2.4.3 - As curiosidades do Almirante⁷²

No dia 15 de março de 1941, a Revista Fon-Fon, publicou o discurso que Aníbal Costa fez na noite de entrega do prêmio “Bronze Artístico de Fon-Fon” para a Rádio Educadora do Brasil. No seu discurso, Aníbal não poupou elogios às produções radiofônicas do país.

Sem nenhum “complexo de vira-latas”⁷³, Aníbal afirmou que em termos de “radiatro”⁷⁴, o Brasil “não fica inferior a qualquer outro país (...) Não será vaidade nacionalista afirmar que o nosso país é o *leader* em radiatro (...) Que programa estrangeiro tem o valor das “curiosidades musicais” do Almirante?”⁷⁵

O *Curiosidades Musicais* foi criado como um quadro para o *Programa do Casé* em 1934, mas no ano seguinte a Rádio Transmissora o transformou em um programa semanal. Em 1938, já na Sociedade Rádio Nacional, que ainda não havia sido adquirida pelo governo de Getúlio Vargas⁷⁶, Almirante fazia a sua estreia, escrevendo, produzindo e apresentando diretamente do auditório na Rádio no famoso edifício A Noite na Praça Mauá, Centro do Rio de Janeiro, sendo pioneiro no programa de rádio montado, ou seja, com produtor, orquestra, locutor e radioatores.

⁷² Apelido de Henrique Foreis Domingues, considerado a “maior patente do rádio brasileiro”.

⁷³ Expressão criada por Nelson Rodrigues às vésperas da estreia da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1958 na Suécia: “Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”.

⁷⁴ Teatro de peças exclusivamente escritas para o rádio.

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&Pesq=%22curiosidades%20musicais%22&pagfis=105243>

⁷⁵ REVISTA FON-FON. ANO XXXV, Nº 11, 15 DE março de 1941, p. 16. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=%22curiosidades%20musicais%22&pagfis=104494>. Acesso em 15/06/2023.

⁷⁶ Inaugurada em 1936, a Sociedade Rádio Nacional, foi comprada pelo governo Getúlio Vargas em 1940, se tornando a mais importante emissora de rádio do país.



Figura 17 - Auditório da Rádio Nacional nos anos 50. Acervo/Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

O programa contou com diversos patrocínios ao longo da sua existência, entre eles o Cassino da Urca, a Philips e o sabonete Eucalol, até acabar em 1941. O sucesso foi tão grande, que meses após a estréia, o programa passou a ser bi-semanal, como noticiou o Jornal A Noite: "Curiosidades musicais às segundas e quintas-feiras. O sucesso do programa do Almirante exigiu duas audições semanais"⁷⁷.



Figura 18 - Almirante ouvindo o "repente" de um violeiro nortista durante um desafio e ladeado pelos concorrentes ao programa⁷⁸.

⁷⁷ JORNAL A NOITE, Ano XXVII, Nº 9476, 29 de junho de 1938, p.2. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&Pesq=%22curiosidades%20musicais%22&pagfis=55172. Acesso em: 13/06/23.

⁷⁸ Acervo da Biblioteca Nacional digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/musica-henrique-foreis-domingues-o-almirante-a-mais-alta-patente-do-radio/>. Acesso em: 13/06/23.

No *Curiosidades Musicais*, Almirante abordava temas relacionados à música e ao folclore – como os capoeiras da Bahia, os desafios do Norte, o bumba meu boi, cantigas de reisado, congadas e até o Hino Nacional. Pesquisando em jornais, crônicas, estudos científicos e até em contribuições dos ouvintes “sem a pretensão de ensinar, nem de fazer rir (...) as explicações mais minuciosas é para que as pessoas entendam e possam se distrair (...) as piadas contadas são para amenizar as explicações mais áridas (...)”⁷⁹, estratégia parecida com a do *Museu do Ipiranga*, em que é bastante comum, nos roteiros escritos por Osvaldo Moles, a inserção de humor como forma de atenuar temas mais densos.



Figura 19 - Gravação no estúdio da Rádio Nacional do programa *Curiosidades Musicais* em 20/06/1938.⁸⁰

Ao longo das minhas pesquisas, pude perceber que o Almirante, de certa forma, pode ter sido uma fonte de inspiração para o Osvaldo Moles criar os seus programas. No capítulo seguinte deste trabalho, sobre a trajetória de Moles, descrevo que algumas das suas produções, ao longo dos anos 50, tiveram semelhanças com os programas do Almirante, produzidos nos anos 40, ao abordarem temas educativos mirando públicos de diversas camadas sociais.

2.4.4 - Um museu para professores

O Anuário do Museu Imperial de 1946, apresenta no item XXI da seção Noticiário, a criação de um programa cultural na Rádio Roquette-Pinto do Rio de Janeiro, um curso direcionado a professoras, com o objetivo de prepará-las para orientar grupos escolares.

⁷⁹ ALMIRANTE, 1939: AER197, lado B, Apud, LIMA, 2008/2009, p. 3.

⁸⁰ Coleção Almirante. Acervo do MIS-RJ. Acesso: 03/06/2023.

O curso emitia certificado e 70 funcionários ligados à educação podiam participar, entre eles professores, bibliotecários e funcionários do Ministério da Educação e Saúde. A encarregada do curso era a professora de Conservação Haydée Di Tommaso Bastos, que construiu o curso com 13 palestras. São elas: O papel do Museu Imperial na vida moderna; A criação do Museu Imperial (histórico, finalidades); O edifício, sua documentação; A importância histórica da Casa de D. Pedro II; Técnicas de Museus (sua arrumação, normas e princípios . organização); Gravuras; A ourivesaria no Brasil; Ordens honoríficas brasileiras; Armas e Bandeiras do Brasil; Mobiliário brasileiro; Porcelanas; Vidros e cristais e Uniformes militares brasileiros.

Para atender a um público ainda maior, a Rádio Roquette-Pinto ficou responsável pelas transmissões, a partir do dia 20 de julho de 1946, às quintas-feiras no horário das 20 horas, do programa *Em visita ao Museu Imperial*, um oferecimento da Prefeitura do Distrito Federal, através do seu Secretário de Educação Dr. Fioravanti Di Pietro em parceria com a direção da rádio. O anuário finaliza a notícia informando que “O assunto dessas palestras, após a sua irradiação, foi o reproduzido (SIC), no Jornal do Comércio”⁸¹.

Diferentemente dos outros programas abordados neste trabalho, o *Em visita ao Museu Imperial*, possuía um caráter de complementação da formação do profissional, tendo um programa de curso, uma coordenadora e era voltado especificamente para um determinado público e o seu mantenedor era o próprio poder público, que identifica no rádio uma importante ferramenta de difusão de uma educação formal.

⁸¹ ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, Petrópolis, 1946, p. 274-275..

2.4.5 - As “pílulas” de conhecimento de Viriato Corrêa

Com os patrocínios do sabonete Linda Ross “o menos dispendioso dos sabonetes de qualidade” e da brilhantina Glostora “menino, para ser elegante e distinto, use Glostora no cabelo”, foi ao ar em 1952, pela Rádio Nacional, o programa *História de chinelo*, idealizado por Viriato Corrêa⁸², mais conhecido por ser autor de livros infantis como *História do Brasil para crianças* de 1939, *As belas histórias da História do Brasil*, de 1948 e o *Curiosidades da História Brasileira*, de 1952.



Figura 20 - Capa do livro *História do Brasil para crianças* de Viriato Corrêa.⁸³

Com a intenção de levar ao grande público histórias pequenas, porém curiosas no sentido do conhecimento e do saber, Correia questionava os historiadores que faziam o que ele vai chamar de “História de coturnos”: “Enobrecida pela profunda erudição de Capistrano de Abreu, de Porto Seguro, de Teodoro Sampaio, Basílio Magalhães, Rocha Pombo, Rodolfo Garcia, etc” (FERNANDES, 2009, p. 266, Apud VIRIATO, 1965). Correia estava falando aos pesquisadores que escreviam para os seus pares, deixando de lado o grande público, que não tinha acesso a esse tipo de informação.

⁸² Viriato Corrêa (1884-1967), eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1938,

⁸³ CORRÊA, Viriato. *História do Brasil para crianças*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1939, 7ª edição.

Para contrapor essa história que não chega ao grande público, inflexível e excessivamente acadêmica, Correia vai se utilizar de uma expressão usada por Monteiro Lobato em 1913, quando escreve para um amigo questionando o papel dos historiadores que calçam o coturno:

A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. Mas as memórias são a alcova, as anáguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal [...] da humanidade, a grande humanidade com h minúsculo (CAMARGOS, 2007, p. 9-10, Apud LOBATO, 1913)

Ao se referir a expressão “História de chinelo”, Correia está se referindo a “grande humanidade com h minúsculo”, ou seja, às pequenas, porém, importantes histórias:

trabalhada por Vieira Fazenda, Macedo, Luis Edmundo e tantos outros mais. [...] Os seus livros históricos são feitos com a única intenção de levar os conhecimentos ao conhecimento dos elementos populares. Sem explicações e atavios filosóficos. História pura, nua, acessível a todas as inteligências e que, por toda vida, fica na memória da criatura. Parece, à primeira vista, que a modalidade – de chinelo – seja uma modalidade inferior. Mas não é. A grande História se faz com os mosaicos da pequena história e é na composição desses mosaicos que a história vai quase sempre encontrar a razão e a explicação dos grandes acontecimentos (CAMARGOS, 2007, p. 9-10, Apud LOBATO, 1913).

O formato curto do programa e o fato de ser apresentado na Rádio Nacional, fez o programa chegar a importantes índices de audiência, conforme afirmou Angela de Castro Gomes:

Viriato pode experimentar esse fantástico vetor cultural que era o rádio dos anos 1950 para, nessa mídia, apresentar seus contos e crônicas históricas, a um imenso público ou, como gostava de dizer, para conversar com o povo brasileiro (GOMES, 2013, p.10).

Narrar o cotidiano foi, também, uma preocupação de Viriato. Sua narrativa apesar exaltar os grandes heróis da pátria, tinha espaço para personagens que estavam de fora da “História Oficial”, como líderes quilombolas e dos povos indígenas:

para Viriato, a história não se desenrola apenas no espaço do poder instituído, mas também no cotidiano, do qual emerge a ação de homens e mulheres comuns. Ao abordar o cotidiano, Viriato procura tornar mais interessante sua narrativa, ao mostrar os costumes, hábitos e modos de vida dos brasileiros em diferentes momentos de nossa história (FERNANDES, 2009, p. 268).

2.5 - Conclusão

O que observamos em comum entre os programas do *Vovô Ceará*, *Curiosidades Musicais*, *História de Chinelo*, *Aufklärung für Kinder*, *Em visita ao Museu Imperial* e *Museu do Ipiranga*, é a preocupação de importantes nomes de profissionais do rádio e homens de letras com o papel educativo deste veículo de comunicação, partilhando do pensamento de Edgard Roquete Pinto.

Como mais um exemplo, temos o programa *História da Literatura Brasileira* produzido também por Osvaldo Moles, na mesma época do *Museu do Ipiranga* e que contava com a colaboração de Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Jamil Haddad e do historiador Mário da Silva Brito – especialista no movimento modernista.

Além disso, a difusão desses programas de cunho educativo ocorreu em emissoras comerciais e de grande público, provando que era possível obter bons índices de audiência atraindo patrocinadores para associarem suas marcas à qualidade do “produto”. Uma prova disso é o programa *História de chinelo* que conseguiu reunir os principais artistas do *casting* da Rádio Nacional atraindo importantes patrocinadores, além de bons índices de audiência (GOMES, 2015, p. 224).

Outro aspecto semelhante desses programas é o trabalho com, o que poderíamos denominar atualmente, como um tipo de ensino de história não-formal, caracterizado pela informalidade e descompromissado com a formação do indivíduo no sentido sistemático. Segundo Moacir Gadotti:

a educação não-formal, é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p. 02).

Os programas poderiam entrar e sair do ar, sem o comprometimento da continuidade, por exemplo. Estavam muito mais preocupados em transmitir informação aos ouvintes.

Se por um lado encontramos características semelhantes entre os programas, por outro lado, não posso deixar de registrar as especificidades de cada um deles. O programa *Museu do Ipiranga*, por exemplo, procurava utilizar a combinação de linguagens consideradas mais atraentes do rádio nos anos 1950, quais sejam, o humor, a música e as interpretações radiofônicas, para levar ao ouvinte um programa divertido e, ao mesmo tempo, educativo, tratando de temas que as escolas e até mesmo os jornais, não tinham costume de abordar.

Para Osvaldo Moles, a presença da música e do rádio-teatro eram tão importantes que os principais atores e locutores da Rádio Bandeirantes participavam do programa, assim como a principal orquestra da Rádio, que compunha músicas exclusivamente para cada programa.

Já o *Curiosidade Musicais*, estava mais preocupado em levar ao público uma das principais marcas do povo brasileiro que era a sua multiplicidade cultural, mais especificamente as diversas manifestações musicais. Para isso, o programa alternava informação, história e música, tendo o próprio Almirante como apresentador, que através do seu vasto conhecimento, explicava aos ouvintes sobre ritmos regionais que não tinham acesso às grades de programação da maioria das rádios no Brasil.

Dessa forma, o *Curiosidades musicais* se transformou em uma referência no estudo da música no Brasil pelo seu pioneirismo e contribuiu para construção de uma identidade musical brasileira.

Em relação ao programa *História de chinelos*, Viriato Corrêa propunha um programa mais baseado na narrativa, mas também assumindo “o formato de *esquete* a exemplo de um minirradioteatro de um só ator, com encenações que podiam ser mais cômicas ou mais dramáticas” (GOMES, 2015, p. 223). Por ser um programa com cinco minutos de duração, suas histórias poderiam durar vários programas.

Como por exemplo, um dos seus temas prediletos, que era a Inconfidência Mineira, que chegou a ter uma série de programas (GOMES, 2015, p.232).

Walter Benjamin, em *Aufklärung für Kinder* prioriza os sujeitos silenciados e as suas trajetórias. Como o próprio costuma dizer, “escovando história a contrapelo”. Nos seus variados roteiros, notei a preocupação de sempre incluir algum tipo de reflexão, seja de valor moral ou pedagógico.

Já o *Vovô Ceará*, personagem de Eusébio de Sousa, tinha no público infantil seu alvo, assim como o programa de Walter Benjamin. Preocupado em difundir a História do Ceará, Sousa também tinha a preocupação de tirar do senso comum e ideia que a disciplina História era “árida e desinteressante” (SOUSA, Apud HOLANDA, 2004, p. 24).

Para isso, seu personagem incorporava um contador de história, ou de *causos*, e na tentativa de criar um clima mais intimista e amistoso, chamava os pequenos ouvintes de seus netinhos. Dessa forma, o rádio passa a ser um membro da própria família.

Por fim, *Em visita ao Museu Imperial*, era voltado para um público específico que, ao fazerem ou assistirem as aulas dos 13 cursos propostos, professores e funcionários do Ministério, estariam aptos a trabalharem como orientadores de grupos escolares no Museu Imperial. Neste programa o rádio surge como uma poderosa ferramenta de multiplicação de conhecimento.

A partir das semelhanças e diferenças dos programas acima citados, tenho como hipótese que o modelo de ensino de história que podemos identificar no *Museu do Ipiranga*, é o que Angela de Castro Gomes, ao analisar *História de chinelo*, chama de "história ensinável" (GOMES, 2015, p.219), e que se baseia, segundo ela, em "gêneros de “escrita de si”, como a memória e a biografia, especialmente a biografia histórica" (GOMES, 2015, p. 229). Esse conceito, consolidado nos anos 1950, encontra o espaço ideal dentro da estrutura radiofônica.

Acredito que essa consolidação foi fruto da credibilidade das pessoas que produziam e que colaboravam com a produção. Eram indivíduos qualificados e com suas carreiras consolidadas, requisitos necessários para atrair diretores das rádios, patrocinadores, artistas, técnicos e, finalmente, os ouvintes.

Como exemplo, o próprio Osvaldo Moles, que teria aproveitado os moldes do programa *Museu do Ipiranga* - que se encerrou em 1953, devido à saída de Sérgio Buarque de Holanda da Direção do Museu Paulista para assumir uma cadeira de

estudos brasileiros na Universidade de Roma - para investir em outra produção original, em 1952: *A História da Literatura Brasileira*.

Por fim, considero relevante, no desenvolvimento deste trabalho, estabelecer um diálogo com as discussões sobre a História Pública que pode ser entendida, de forma resumida, como

o trabalho fora da Universidade [que] pode se expandir, se popularizar, por meios dos arquivos, de museus, da fotografia, do cinema, da história oral, sem, no entanto, perder a seriedade e o seu compromisso com a produção de saberes (ALMEIDA & ROVAI, 2013).

O rádio pode ser entendido como um dos grandes responsáveis em difundir um tipo de “apresentação popular do passado” (LIDDINGTON, 2011, p. 34), o que, décadas depois veio a denominar-se História Pública. “As novas linguagens de comunicação e suportes (...) dinamizaram também a abordagem de temas históricos e a sua circulação” (FERREIRA, 2011, p. 208), com isso uma ampliação no processo educacional da sociedade foi sentida devido à ampla difusão dessas novas linguagens, mostrando o poder dessas mídias.

Capítulo 3 - Osvaldo Moles: a trajetória de um homem do rádio.

3.1 - “O rádio é o jornal de quem não sabe ler”⁸⁴

Teatro Municipal do Rio de Janeiro, noite de 07 de setembro de 1922. Depois de um dia agitado de eventos, com desfile de tropas, cumprimento das diversas Embaixadas Estrangeiras, do Corpo Diplomático, das Forças Armadas e de representantes do Congresso Nacional, finalmente o Presidente Epitácio Pessoa, inaugura a “Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (1822-1922)”.

O seu pronunciamento era muito esperado, nem tanto pelo o que ele tinha para dizer, mas pela grande surpresa que estava reservada para os convidados que lotaram as galerias do Municipal, mas, principalmente, para os que estavam do lado de fora, além dos moradores das cidades de Petrópolis, Niterói e São Paulo.

A empresa norte-americana Westinghouse Eletric Internacional, instalou uma estação de 500 watts no alto do Morro do Corcovado (que ainda não tinha recebido o Cristo Redentor) e 80 receptores para transmitir, via *telephones alto fallante*, o pronunciamento do Presidente, além da ópera *O Guarany* de Carlos Gomes, tocada pela Orquestra do Maestro Pietro Mascagni.

Estava lançada a “pedra fundamental” do rádio no Brasil. Para muitos pesquisadores, esta foi a primeira transmissão oficial⁸⁵.

No dia seguinte, *O Jornal*, assim descreveu a transmissão:

Foi, sem dúvida, a nota mais interessante das festas commemorativas do nosso Centenário, a instalação dos telephones alto fallante [...]. A marcha dos soldados, as vozes de commando, os discursos da inauguração da exposição e até as palestras do presidente com as altas autoridades eram transmittidas para o público pelos dois phones, aglomerando-se os populares em redor dos mesmos, para ouvirem, nos seus mínimos detalhes, tudo o que se passava no pavilhão das festas, na ocasião da cerimônia inaugural⁸⁶.

⁸⁴ ROQUETTE-PINTO, Edgard apud TAVARES, Reynaldo. Histórias que o rádio não contou. São Paulo: Negócio, 1997. p. 8.

⁸⁵ O padre Roberto Landell de Moura (1861 – 1928), em 1899, em São Paulo, e a Rádio Clube de Pernambuco, em abril de 1919, já tinham feito transmissões de rádio.

⁸⁶ O Jornal, Ano IV, Nº 1119, 8 de setembro de 1922, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=%22festas%20comemorativas%22&pagfis=47726. Acesso em: 16/04/23.

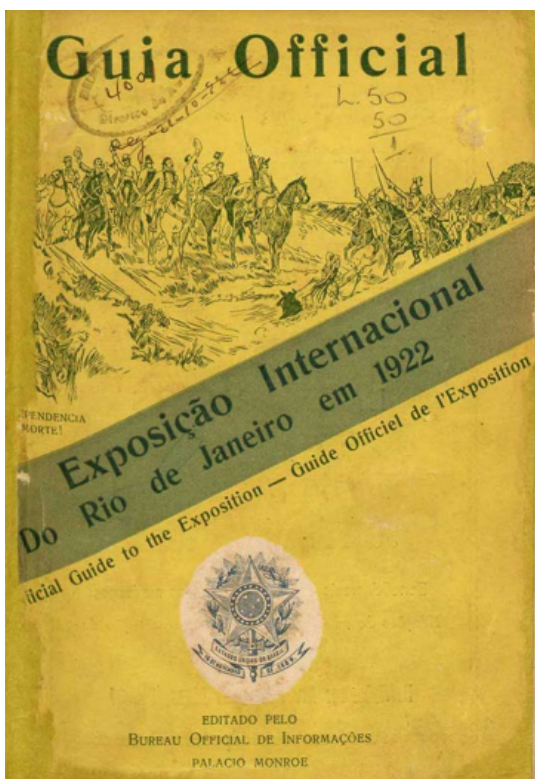


Figura 21 - Capa do *Guia Oficial da Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922*, tendo como imagem a pintura *Independência ou Morte* de Pedro Américo, que pertence ao Museu do Ipiranga.⁸⁷

O mesmo *O Jornal*, na semana seguinte, fez críticas à qualidade da transmissão e fez sugestões para melhorar a recepção do sinal (*O Jornal*, 14/09/1922, p. 6). O médico-legista Edgard Roquette-Pinto, que testemunhou a primeira transmissão oficial, em depoimento recolhido pela BBC, compartilhava da mesma opinião do *O JORNAL*:

É que, durante a Exposição do Centenário da Independência, em 1922, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiotelegrafia então realizadas pelas companhias norte-americanas Westinghouse, na estação do Corcovado [...]. Creio que a causa desse desinteresse foram os alto-falantes instalados na exposição. Ouvindo discurso e música reproduzidos no meio de um barulho infernal, tudo distorcido, arranhando os ouvidos, era uma curiosidade sem maiores consequências (BBC, 1988).

Deixando de lado os problemas apresentados, as transmissões causaram curiosidade nas elites que estavam dispostas a fomentar investimentos para a

⁸⁷ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon373452/icon373452.pdf. Acesso em 16/04/23.

melhoria das transmissões que vai se delineando cada vez menos como radiotelefonia ou radiocomunicação e cada vez mais como rádio. (FERRARETTO, 2014)

Roquette-Pinto, na coluna *Radiophonia* em 19/04/23, escreve sobre a importância que o rádio pode ter na formação da sociedade, devido ao baixo custo e ao poder de chegar em todos os lugares:

Por toda parte as maravilhas do telephonio sem fios empolgam o espírito das populações cultas. Meio de comunicação geral, barato e efficaz, como nenhum outro, representa na hora actual um dos maiores elementos do progresso, disseminando a cultura moral e intellectual por todos os cantos. Não faz concorrência ao telegrapho, nem mesmo ao telephonio commum. Destina-se a outros fins e sem paradoxo pode dizer-se que realiza no mundo intellectual o que a luz faz no mundo physico: penetra em todas as casas. levando a cada qual o serviço de informações uteis e actuaes, ensinando, educando ou deleitando. Numa sala, mesmo num grande theatro, uma conferência científica ou literaria, um concerto, serão ouvidos por algumas centenas de pessoas. Com o T.S.F.⁸⁸, toda gente estará ouvindo a mesma proveitosa lição ou gozando os mesmos doces acordes⁸⁹.

Em 1917, Roquette-Pinto publicou o livro *Rondônia*, aprofundando seus conhecimentos sobre a cultura dos povos originários do Norte e Centro-Oeste brasileiro. Talvez venha daí o seu desejo de utilizar o rádio para espalhar o conhecimento, diminuindo as desigualdades sociais, cada vez maiores no Brasil.

E no mesmo artigo, tece críticas ao poder público que não deu a devida importância e, conseqüentemente, não investiu na ampliação de estações e transmissores:

Com algumas centenas de mil réis, não haverá mais villa ou povoação isolada do resto do Brasil, graças aos modernos meios que dispõe o T.S.F. (...). Até agora esperei, em vão, que alguém mais autorizado quisesse fazer pela imprensa o trabalho de vulgarização da radiotelephonia que o momento nacional está exigindo. A' falta dos que sabem muito do assumpto aqui estou eu que quasi nada sei para auxiliar os nossos amadores incipientes e os que desejam ser. Estou

⁸⁸ Telegrafia Sem Fios.

⁸⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS, Ano XLVIII. Nº 89, 19 de abril de 1923. p. 02. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&Pesq=%22at%c3%a9%20agora%20esperei%20em%20v%c3%a3o%22&pagfis=8504. Acesso em 16/04/23.

convencido de que prestaremos um grande serviço ao Brasil procurando conhecer e divulgar os processos maravilhosos da T.S.F.⁹⁰.

No dia seguinte ao artigo publicado na Gazeta de Notícias, Roquette-Pinto e Henrique Morize⁹¹ fundam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, evitando assim, que as duas estações de rádio, vindas dos Estados Unidos para as comemorações, fossem desmontadas e retornassem para o país de origem:

No começo de 1923, desmontava-se a estação do Corcovado e a da Praia Vermelha ia seguir o mesmo destino, se o governo não a comprasse. O Brasil ia ficar sem rádio! Ora, eu vivia angustiado com essa história por que já tinha convicção profunda, do valor informativo e cultural do sistema, desde que eu ouvira as transmissões do Corcovado alguns meses antes, conforme já narrei mais de uma vez. Mas uma andorinha não faz verão. Resolvi interessar no problema a Academia de Ciências, que era presidente o nosso querido mestre Henrique Morize. Eu era secretário e foi assim que nasceu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1923 (ROQUETTE-PINTO apud. OLIVEIRA, 2009. Transcrição MICHELETTI).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha a educação como projeto. Com uma proposta de programas educativos diários, desde cursos de literaturas brasileira, francesa e inglesa, a aulas de história natural, física, química, italiano, francês, inglês, português, geografia, teatro e música, ocupando as lacunas deixadas pela escola tradicional. (RANGEL, 2010, p. 94).

⁹⁰ Idem ibidem

⁹¹ Henrique Morize (1860-1930), engenheiro, geógrafo e primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências.



Figura 22 - Gazeta de São Paulo, 04/12/33. p. 5⁹²

Com a influência europeia, as óperas e as músicas clássicas prevaleciam nas estações das rádios, reforçando que as programações eram para atender as elites, junto a isso, os altos custos dos primeiros aparelhos, apesar do ideal de Roquette-Pinto que pretendia uma rádio “educativa popular, de fácil acesso à maioria da população e com o rádio ajudando a resolver o problema educacional do país” (MOREIRA, 2000, p. 23).

No seu livro *Seixos Rolados (Estudos Brasileiros)* escrito em 1927, no capítulo *Cinzas de uma fogueira (Pelo Rádio – 1923-1926)*, o então diretor do Museu Nacional Roquette-Pinto, relata a sua experiência com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e vislumbra a possibilidade de uma rádio educativa que aceleraria o progresso, levando as populações mais carentes, principalmente do interior do Brasil, condições de acesso a formação e ao conhecimento:

Ha mais de três annos começamos a praticar aqui a radio-telephonia educativa. (...) já agora temos em mãos documentos que provam a perfeita possibilidade de executar, no Brasil, um grande plano de educação e de instrucção publica, mediante o telephonio sem fios. (...) Há, portanto, uma cento e cinquentá mil pessoas que ouvem diariamente as 5 nossas lições, conferencias, musica, Historia do Brasil,

⁹² JORNAL GAZETA DE SÃO PAULO, Ano 28, Nº 8.373, 04 de dezembro de 1933, p. 5. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&pesq=%22radios%20general%20electric%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=43008>. Acesso em: 16/04/2023.

Hygiene, conselhos uteis á agricultura, noticias cambiaes e commerciaes, notas de sciencia, etc. (...) alguns milheiros são homens e mulheres do povo que, sem saber ler, vão aprendendo um pouco. Temos tudo feito? – Que esperança! Estamos apenas no início do começo...⁹³.

O alto custo dos aparelhos e a burocracia para a instalação de receptores, tornava inviável a popularização do rádio, com essas justificativas, que Roquette-Pinto solicita ao poder público que as transmissões radiofônicas, para fins educativos, sejam financiadas pelo Estado.

No seu plano de radiodifusão educativa, está a criação de Rádio Escolas Estaduais, que teria a função de direcionar os seus programas educativos as cidades do interior, mas para isso os municípios teriam as Rádio Escolas Municipais, que fariam a transmissão dos conteúdos gerados nas Rádio Escolas Estaduais.

Além disso, Roquette-Pinto espera que cada importante membro da sociedade local, seja ele um juiz de direito, um médico, um escritor ou um músico, possa colaborar “em benefício da educação dos pobres” (ROQUETTE-PINTO, 1927), com estudos de História, Geografia, História Natural, aulas de higiene, música e canto.

Mas somente na segunda metade dos anos 40, que o rádio se consolida como fenômeno de massa, ligado à cultura popular urbana, vinculando principalmente radionovelas e canções. Até o final dos anos 1950, o rádio já passa a fazer parte do dia a dia das pessoas, “peça obrigatória em quase todos os lares, dos mais ricos aos mais pobres” (NAPOLITANO, 2008, p. 13). Com o passar dos anos, perde as raízes iniciadas por “moralistas e educadores mais sisudos, por um rádio educativo, veiculador tanto de uma cultura superior europeizada quanto da cultura nacionalista folclorizada” (NAPOLITANO, 2008, p. 14).

Dentro desse contexto de transição de uma rádio educativa, para uma rádio com uma programação mais diversificada, em que os locutores, chamados de *speakers*, buscavam uma intimidade maior com os seus ouvintes, chamando-os de “você” e “amigo”, que Osvaldo Moles, em 1937, chega a Rádio Tupi de São Paulo⁹⁴ que contava com o investimento da *General Electric* e com a direção do jornalista Assis Chateaubriand⁹⁵. Tinha início a longa trajetória de Moles pelas rádios paulistas.

⁹³ ROQUETTE-PINTO, E. Seixos rolados. Rio de Janeiro: Mendonça Machado, 1927, p. 231-241. Disponível: http://floboneto.pro.br/pdf/outrosdoc/04%20roquettepintoradioeduc_1927.pdf

⁹⁴ Inaugurada no dia 03 de setembro de 1937, como PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo.

⁹⁵ Assis Chateaubriand (1892-1968). Jornalista e Advogado, fundou o conglomerado Diários Associados, que contava com revistas, jornais, rádios de várias partes do Brasil e nos anos 50, fundou a primeira emissora de televisão no Brasil, a TV Tupi.

3.2 - “O malabarista da máquina de escrever”⁹⁶

3.2.1 - Introdução

Apresento aqui a trajetória de Osvaldo Moles desde o início nos jornais, onde começa a ter contato e a circular entre intelectuais paulistas e homens de negócio das mídias, passando pelo rádio, onde se consolida como um dos maiores produtores da sua geração⁹⁷ e até a sua chegada na televisão, onde participa de sua estruturação, buscando adaptar o modelo de negócio do rádio e levando alguns nomes de sucesso das rádios para a nova mídia.

Tomo como base os estudos de Jean-François Sirinelli, com relação às discussões sobre sociabilidades e intelectuais. Segundo Claudia Alves, no seu estudo sobre *Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação*:

Nas redes de sociabilidade, introduz-se o elemento da escolha. Se no itinerário intelectual, os encontros ocorreram por fatores alheios à decisão individual, a inserção em uma rede de sociabilidade resulta de um gesto voluntário. Denota, portanto, uma afinidade que é intelectual, mas também é política, no sentido mais amplo. Simpatias e hostilidades, amizades e rancores, solidariedade e competição mesclam-se nas configurações e nos deslocamentos que marcam as redes de sociabilidade. As redes de sociabilidade devem ser analisadas naquilo que cimenta as adesões e dissensões, que Sirinelli denominou como “microclima”. Nesse microclima, vale notar as relações de poder que atravessam essas redes de sociabilidade (ALVES, 2019, p. 35-36).

Estas hipóteses circundam a construção deste trabalho, no qual escolhi apresentar, a partir daqui, uma breve biografia do Osvaldo Moles e, no segundo momento, buscar compreender a teia social construída por ele, que Sirinelli vai chamar de redes de sociabilidades, para entender a sua proximidade com intelectuais que colaboraram na produção de alguns importantes programas de rádio produzidos por Moles.

⁹⁶ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p.310.

⁹⁷ “Toda geração é constituída de cortes decorrentes das mais diferentes fraturas que compõem o momento social: fraturas de classes sociais; de pertencimentos regionais; de faixas de escolarização; de identificações ideológicas; de práticas culturais etc.” (ALVES, 2019, p. 36)

3.2.2 - O começo nos jornais

Com 16 anos de idade, Moles começou sua trajetória nas redações dos jornais. Trabalhou como “sapo”⁹⁸ no jornal *Diário Nacional*⁹⁹, fundado pelo Partido Democrático de São Paulo em 1927, para ser oposição ao Partido Republicano Paulista da oligarquia cafeeira e contava com a colaboração de nomes como Sérgio Milliet, Mário de Andrade¹⁰⁰, Lasar Segall e Manuel Bandeira.

Em seguida, trabalhou como redator no *São Paulo Jornal*, onde ficou por pouco tempo, se mudando para Salvador para ser repórter no *Diário da Bahia*, antes de voltar para São Paulo, em 1934, para trabalhar no *Correio Paulistano* como repórter e redator.

Foi como redator que Moles assinou a capa do dia 25 de janeiro de 1936, na comemoração aos 382 anos da cidade de São Paulo. A matéria, chamada *São Paulo, por Oswaldo Moles*, reforça a ideia dos bandeirantes como heróis da cidade. São 32 desenhos de bandeirantes, com o carimbo da “Gravura do Correio Paulistano”, fazendo a moldura da capa, e ao centro um “grupo estatuário do Padre José de Anchieta catequizando uma indígena, componente do Monumento de Floriano Peixoto, que se encontra de frente ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro, obra do escultor patricio Eduardo de Sá”, escreveu Moles abaixo da imagem do padre e da jovem indígena.

E entre as imagens, um longo texto em forma de poema que começa citando o dia-a-dia dos povos indígenas: “O horizonte era calmo e tranquilo nas noites da floresta. Somente, por vezes, o altiplano inda virgem era turbado. O canto de guerra manchava o silêncio, e o guerreiro sem medo lá partia para a luta”¹⁰¹. Uma pequena estrofe lembra da chegada de africanos escravizados: “E depois, lá de terras distantes,

⁹⁸ Provavelmente o termo “sapo” é o equivalente aos dias de hoje ao termo “foca”, usado para designar os jornalistas novos.

⁹⁹ Os jornalistas Marrey Jr. e Paulo Nogueira Filho, foram os primeiros diretores do jornal. Apoiaram a Revolução de 30, comandada por Getúlio Vargas, mas acabou virando oposição após a nomeação do tenentista João Alberto, interventor de São Paulo. Dessa forma, o jornal apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932 e com a derrota, o jornal foi fechado no mesmo ano. (CAMPOS, Jr., 2009, p. 115)

¹⁰⁰ Sérgio Milliet e Mário de Andrade, expoentes do Movimento Modernista, participaram, nos anos 50, como consultores, do programa *História da Literatura Brasileira*, de Oswaldo Moles, na Rádio Bandeirantes.

¹⁰¹ CORREIO PAULISTANO, Ano LXXXII, Nº 24.494, 25 de janeiro de 1936, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22Oswaldo%20Moles%22&pagfis=10904. Acesso em 28/04/23.

vieram Banzó e Changô. Suas almas infelizes andam ainda dançando, no oceano esmeraldino dos cafezaes”¹⁰²

Da metade do texto em diante, Moles apresenta a chegada dos bandeirantes: “Um dia, manhã de janeiro, um sol escaldante lambia com língua de fogo, a vegetação. No topo da serra surgem homens brancos de vestes diferentes, botando nos olhos dos índios nativos, a expressão espantada”¹⁰³

E finaliza exaltando a cidade: “Foi assim que se formou São Paulo, a babel dos estrangeiros de todas as pátrias onde as chaminés por dias inteiros, jogam para o ar o penhacho cinzento da fumaça, symbolo da producção. E a garoa, de noite, brinca de bolha de sabão na ponta dos arranhas-céos”¹⁰⁴.

¹⁰² Idem

¹⁰³ Idem ibdem

¹⁰⁴ Idem ibdem



Figura 23 - Capa do jornal *Correio Paulistano*, 25 de janeiro de 1936.

E foi também no *Correio Paulistano* que Moles conheceu sua futura esposa, Maria de Lourdes Oliveira Ramos, conhecida como Anita Ramos, crítica de cinema e pioneira na imprensa feminista paulista, sendo autora das colunas “Cinematographia” e “Página Feminina” (MICHELETTI, 2014, Apud MICHELETTI, 2015, p. 107). Sobre a Anita Ramos, cabe ressaltar a sua importância para o jornalismo feminino de São Paulo.

Em depoimento a Maria do Carmo Fernandes, no jornal *Estado de São Paulo*, em 30 de janeiro de 1983, Anita Ramos fala que o redator-chefe Machado Florence lhe deu a incumbência de fazer a página feminina no *Correio Paulistano*: “Era a primeira página de um jornal paulista dedicada à mulher e eu só tinha como referência *O Jornal* do Rio de Janeiro. Nova, sem experiência jornalística, fui fazendo por minha conta e risco”¹⁰⁵. Na mesma entrevista, fala da sua experiência como crítica de cinema: “Eu não tinha método de análise, era muito intuitiva. Dificilmente errava quando dizia que um filme seria premiado”¹⁰⁶.

Anita Ramos, trabalhou ainda no *Diário da Noite*, no Departamento de Imprensa e Propaganda¹⁰⁷ (DIP), onde ajudou seu amigo Monteiro Lobato a fazer o seu jornal *JB* de circulação no interior de São Paulo: “Ele era um grande amigo, muito espirituoso e talentoso. Era também um ótimo pintor”¹⁰⁸, e na Secretaria da Fazenda, onde se desiludiu com a profissão por achar muito monótono e passou a se dedicar ao casamento com Osvaldo Moles.

A entrevista concedida ao jornal *Estado de São Paulo* em 1983, ocorreu em ocasião ao grande prêmio de crítica paulista, que recebeu em janeiro, dada pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), pelos serviços prestados como pioneira na crítica cinematográfica.



Figura 24 - O casal Anita Ramos e Osvaldo Moles. (MICHELETTI, 2015, p. 113)

¹⁰⁵ JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, Ano 104, Nº 33.098, 30 de Janeiro de 1983, p. 36.. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830130-33098-nac-0036-999-36-not/busca/Anita+Ramos>. Acesso em 28/04/23.

¹⁰⁶ Idem

¹⁰⁷ Órgão governamental criado em 27 de dezembro de 1939, durante a vigência do Estado Novo, com o objetivo de difundir a ideologia estado-novista e promover pessoal e politicamente o chefe do governo e bem como as realizações governamentais. (Fonte: Atlas FGV)

¹⁰⁸ JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, Ano 104, Nº 33.098, 30 de Janeiro de 1983, p. 36.. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830130-33098-nac-0036-999-36-not/busca/Anita+Ramos>. Acesso em 28/04/23.



Figura 25 - Capa de comemoração do 81º aniversário do Jornal *Correio Paulistano*. Na foto destaque para Osvaldo Moles e sua esposa Anita Ramos e ao centro, o político Adhemar de Barros¹⁰⁹, entre diversos jornalistas e políticos¹¹⁰.

O ambiente das redações dos jornais aproximou Moles de intelectuais e políticos. Mais tarde, alguns nomes farão parte de suas crônicas, como Adhemar de Barros, influente político paulista, que será chamado de “Dotô Vardemá, o promessinha”.

Para Celso de Campos Júnior, uma atração criada por Moles no *Correio Paulistano*, foi o trampolim para sua mudança para o rádio. Em janeiro de 1937, foi inaugurado a exposição “Mundos dos Brinquedos” que consistia numa grande mostra das últimas novidades de brinquedos, entre bonecas, bolas, bicicletas e tudo mais que atraísse as crianças, e consequentemente, os adultos. Moles, não só propôs a ideia da exposição, como também, propôs que o *Correio Paulistano*, vendesse uma cartela nas bancas, na qual as crianças precisariam juntar dez cupons, que seriam publicados pelo jornal. Ao completar a cartela, era só trocar por um bilhete numerado. O sorteio

¹⁰⁹ Adhemar de Barros (1901-1969), conhecido pelo “rouba, mas faz”, foi deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista, interventor federal em São Paulo, eleito duas vezes Governador do Estado de São Paulo e, em seguida, foi prefeito da capital (COTTA, 2008, p. 8)

¹¹⁰ JORNAL CORREIO PAULISTANO, Ano LXXXII, Nº 24.313. 27 de junho de 1935. Capa. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22oswald%20moles%22&pagfis=8228. Acesso em 28/04/2023.

daria como prêmio, parte dos brinquedos que estavam na exposição (CAMPOS JÚNIOR, 2014, p. 210)

Para incentivar que mais crianças participassem, Moles, em parceria com uma empresa de publicidade e a *Rádio Difusora de São Paulo*, criou o *Programma Infantil do Mundos dos Brinquedos*, que transmitia do parque da exposição programas diários. E foi assim que a coluna *Radiolândia* do jornal *Correio Paulistano*, descreveu a importância de Moles para o sucesso do evento:

Oswaldo Moles revelando-se numa outra actividade, que não a de jornalista, serve como *speaker*, com brilho, apresentando na maneira absolutamente nova, original, para anunciar perante o microphone, criando, pode-se dizer, uma nova escola, um estilo novo (...) Como se vê, mais uma vez a colaboração do jornal e do rádio produz excelente resultado. A campanha publicitária que vem sendo desenvolvida sob a orientação de Oswaldo Moles, que conta com eficiente auxílio da Continental Propaganda em combinação com o *Correio Paulistano*, vem alcançando um sucesso sem precedentes no rádio brasileiro¹¹¹.

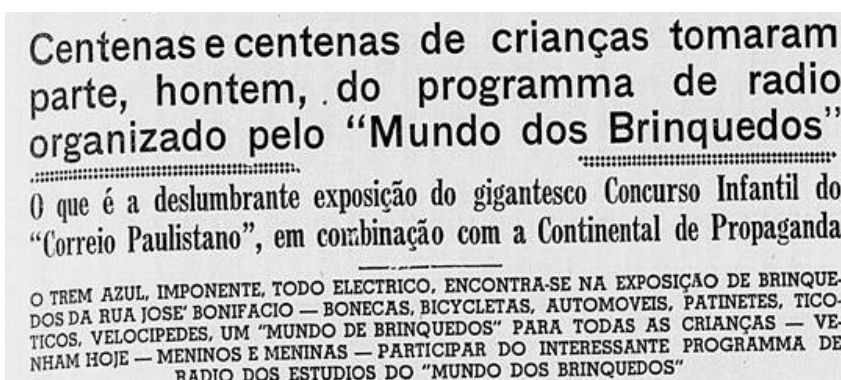


Figura 26 - *Jornal Correio Paulistano*, 26/01/37, p. 03.¹¹²

No mesmo ano, Assis Chateaubriand inaugura a Rádio Tupi em São Paulo e o convida para ser redator. Em boa parte das entrevistas, Moles sempre era perguntado se gostava de rádio e como entrou no rádio. E sempre com seu bom humor, procurava “explicar”, porque escolheu trocar o jornal pelo rádio.

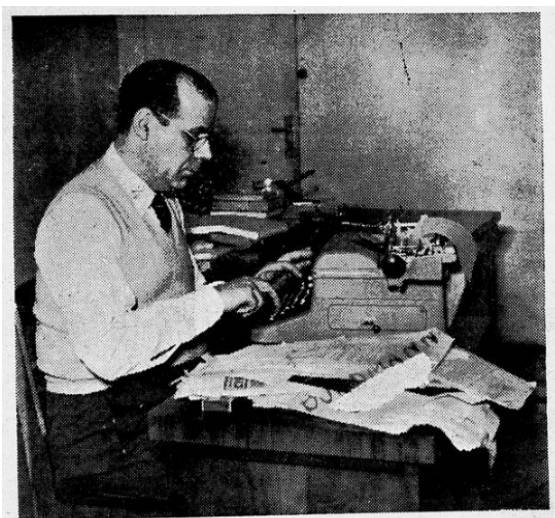
¹¹¹ JORNAL CORREIO PAULISTANO, 23 de fevereiro de 1937, Ano 83, Nº 24.821. p. 5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22Oswaldo%20Moles%22&pagfis=16786. Acesso em 30/04/23.

¹¹² JORNAL CORREIO PAULISTANO, 26 de janeiro de 1937, Ano 83, Nº 24.806. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22multidao%20de%20criancas%20e%20brinquedos%22&pagfis=16495. Acesso em 30/04/23.

Em entrevista a *Revista do Rádio* do Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1953, o já respeitado produtor e com diversos prêmios, assim explica sua chegada e quais foram seus primeiros trabalhos no rádio:

- Como foi que V. entrou no rádio?
- A porta era pequena demais... o porteiro queria cartão de visita pra botar na bandeja. Eu não tinha. Então, meti a cara na porta dos fundos... e comecei como locutor¹¹³.
- Quem é esse perna de pau que está falando aí? (disse o Antônio Hermann Dias Menezes¹¹⁴). O Perna de Pau era eu.
- E depois?
- Daí, fui para a redação. Minha primeira grande obra radiofônica foi um programa da então Casa Alemã, em que eu tinha de falar liricamente de tapetes e da baterias de cozinha. Ora, botar adjetivos em alumínio é duro. Tenho a impressão de que fracassei, porque o Mota Neto, que era o locutor, não ia muito com a cara dos meus “scrits” e mudava sempre... Não me restava nada a tentar no rádio... Então, me lembrei de fazer um programa de Carnaval. Fêz sucesso, porque eu cantava também. E a turma reconheceu que “o pior cantor do rádio” tinha talento para escrever humorismo.¹¹⁵



Osvaldo Moles escreve um programa, dos muitos que apresenta no rádio de São Paulo.

Figura 27 - *Revista do Rádio*, 17/02/53, p. 47

Aqui cabe ressaltar, que no dia 24 de outubro de 1936, ainda como redator do *Correio Paulistano*, Osvaldo Moles passa a compor a Comissão de Sindicância do *Centro Paulista de Chronistas Carnavalescos*, que tinha por objetivo “orientar o

¹¹³ Moles faz referência a sua experiência como locutor no “Programa Infantil do Mundo dos Brinquedos”, quando ainda era redator do *Correio Paulistano*.

¹¹⁴ Antônio Hermann Dias Menezes, era o superintendente do jornal *Correio Paulistano*.

¹¹⁵ REVISTA DO RÁDIO, 17 de fevereiro de 1953, Ano 6, Nº 180, p. 47. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pagfis=9121>. Acesso em 30/03/2022.

público e contribuir para que as festas tenham um ruidoso êxito e intensificar a propaganda para o Carnaval de 1937”¹¹⁶, assim noticiou o jornal *Correio Paulistano* no dia 20 de novembro de 1936.



Figura 28 - Osvaldo Moles é o primeiro em pé da esquerda para direita¹¹⁷.

Dessa forma, Moles se aproxima dos bailes e das festas de carnaval, conhecendo cantores e compositores. Na década seguinte, Moles participou da composição de diversas canções que fizeram muito sucesso no Brasil, como veremos mais adiante.

Na mesma *Revista do Rádio*, meses antes, em 23 de dezembro de 1952, Moles foi perguntado na coluna “Você gosta de Rádio?”, e eis o que ele responde:

O Rádio está no táxi, falando de futebol. No boteco em que se tomam café, lá está o Rádio, contando quanto pagou o Gualicho¹¹⁸. Se vou para casa com o objetivo de encontrar o “bíblico e sereno sossego”, lá está o rádio ligado num musical. Lá dentro, a moçada está ouvindo novela. Então a gente se fecha no quarto e o rádio do vizinho, em voz bem alta, no programa de calouros, apresenta um “imitador” de Vicente Celestino. Aí a gente sai de casa, pensando que este mundo está cercado de rádio por todos os lados. Vou pra

¹¹⁶ JORNAL CORREIO PAULISTANO, Ano 83 Nº 24.750, 20 de novembro de 1937, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pagfis=15328. Acesso em 01/05/2023.

¹¹⁷ Idem

¹¹⁸ Cavalinho de corrida argentino que custou, em leilão, Cr\$ 400.000,00 e deu de retorno aos seus proprietários Cr\$ 4.600.000,00

Rádio Bandeirantes, onde há sempre máquina de escrever de boca aberta...e aí de novo estou no Rádio. É o único lugar em que a gente se liberta. Como, pois, não gostar de se ele está em toda parte?¹¹⁹

3.2.3 - “Em ondas médias, em ondas curtas e frequência modulada pra você se lembrar de mim”¹²⁰: a chegada de Moles no rádio.

Após fundar, em 1935, a Rádio Tupi no Rio de Janeiro, Assis Chateaubriand, inaugura no dia 03 de setembro de 1937 a Rádio Tupi em São Paulo, numa parceria com a *General Electric* (GE) e com os sobrenomes mais famosos da elite paulistana, como os Martinelli, os Penteados, os Guinle, o conde Matarazzo e o conde Modesto Leal¹²¹: “Ostentando três estúdios e um enorme auditório, a Tupi paulista era a rádio mais potente da América Latina (...) que permitia ser ouvida em ondas curtas mesmo fora do país”. (MORAIS, 1994, p. 256). Chateaubriand, ampliava assim, o conglomerado dos *Diários Associados*, com jornais, revistas, emissoras de rádio, e nos anos 50, a primeira emissora de televisão do país, a TV Tupi.

Segundo Micheletti, a chegada de Moles na Rádio Tupi de São Paulo, acontece no mês seguinte da sua saída do *Correio Paulistano*, em setembro, depois de “uma demissão em massa dos redactores do Correio Paulistano”, conforme noticiou no dia 19 de agosto de 1937, o jornal *Estado de São Paulo*. (MICHELETTI, 2015, p. 141). Aproveitando a oportunidade, Chateaubriand contrata Osvaldo Moles, um jovem de apenas 24 anos para ser, como o próprio Moles descreveu, Fundador e Redator-Chefe¹²².

Na Rádio Tupi, Osvaldo Moles fica até o primeiro semestre de 1941, onde produziu o *Cinquentenário R. Monteiro* (1939), *Programa de Natal, Cocktail Musical* (1938). Apesar da tímida produção, Moles chama a atenção do diretor de

¹¹⁹ REVISTA DO RÁDIO, Ano 5, Nº 172, 23 de dezembro de 1952, p. 32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=8696>. Acesso em 30/03/2022.

¹²⁰ Canção *Para ouvir no rádio (Luciana)* de Jorge Ben Jor. Álbum “Solta o Pavão” de 1975.

¹²¹ Chateaubriand vai chamá-los de “os novos reis de Espanha, patrocinadores da aventura em que se meteram esses modestos Colombos do século XX que são os rapazes dos Associados” (MORAIS, 1994, p. 256).

¹²² Conforme o documento reproduzido por Bruno Micheletti, na sua dissertação de mestrado: Osvaldo Moles, o legado do radialista. Defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP em 2015, p. 51.

Rádio Record, Octávio Gabus Mendes¹²³, que oferece um contrato e um excelente salário para um jovem promissor de apenas 28 anos:

Este, porém, um reforço na acepção da palavra, com contrato assinado e um polpudo salário a que fazia jus como um dos nomes mais importantes do rádio à época: Osvaldo Moles. Com apenas 28 verões nas costas, o redator, diretor, produtor e programador tinha status de veterano na PRB-9 (CAMPOS Jr., 2009, p. 115).

3.2.4 - Moles e Adoniran Barbosa¹²⁴ se encontram na “Maior”¹²⁵.

De tanto leva *frechada* do teu olhar
 Meu peito até parece sabe o quê?
Táubua de tiro ao Álvaro
 Não tem mais onde furar
 Teu olhar mata mais do que bala de carabina
 Que veneno estriquinina
 Que peixeira de baiano
 Teu olhar mata mais que atropelamento de *automóver*
 Mata mais que bala de *revórver*
 (Tiro ao Álvaro, composição de Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa. 1960).

Tiro ao Álvaro, talvez seja uns dos maiores sucessos da dupla Moles e Adoniran Barbosa. Ficou famosa na voz da Elis Regina, com o próprio Adoniran, no último disco gravado em estúdio pela cantora em 1980¹²⁶.



Figura 29 - No cartaz de divulgação, Adoniran Barbosa aparece como *Charutinho*, um tipo criado por Osvaldo Moles.

¹²³ Octávio Gabus Mendes (1906-1946), foi ator, roteirista, diretor de rádio e cinema.

¹²⁴ Nome artístico de João Rubinato. Adoniran Barbosa (1910-1982) foi comediante, cantor, compositor e ator.

¹²⁵ “A Maior”, era um dos *slogans* utilizados pela Rádio Record de São Paulo (MICHELETTI, 2015, p. 145)

¹²⁶ Elis Regina morreu em janeiro de 1982. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/elis-1980>. Acesso em 01/05/2023.

Dupla esta que se conheceu em 1941, com a chegada de Moles na PRB-9 Rádio Record, quando Paulo Machado de Carvalho¹²⁷, diretor da rádio, fez uma proposta irrecusável para tirar Moles da Rádio Tupi: “No fim de 1941 fui para a Record, levado pelo Otávio Mendes. Trabalhava com ele fazendo novela e rádio-teatro. Acabei ficando só na Record, onde fiquei amigo do Osvaldo Moles¹²⁸”, disse Adoniran Barbosa em entrevista a Paulo Sérgio Machado e Cleonice Lima em 1978.

Na Rádio Record, segundo Micheletti, Osvaldo Moles produziu 43 programas, sendo 16 com a participação de Adoniran Barbosa, consolidando a parceria que renderia o apelido, pela *Revista It*, de o “milionário criador de programas”, para Moles e o “milionário criador de tipos” para Adoniran Barbosa. (CAMPOS JR, 2009, p. 162).



Figura 30 - Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa. Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012. Apud MICHELTTI, 2015, p. 146.

Foi no programa *A Semana em Revista*, que Moles passou a produzir, que ele observou a veia humorística do Adoniran. O primeiro personagem cômico do

¹²⁷ Paulo Machado de Carvalho (1901-1992), criou a TV Record. Ficou conhecido como o *Marechal das Vitórias*, pois chefiou as delegações da seleção brasileira nos títulos das Copas de 1958 e 1962.

¹²⁸ MACHADO, P.S.M.; LIMA, Cleonice. Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini. Nova História da Música Popular Brasileira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Adoniran foi o *Zé Cunversa*¹²⁹, um “pretinho” malandro que paquerava todas as mulheres da Barra Funda, criado para o humorístico *Casa da Sogra*, que inaugurou o espaço de estúdio na hora do almoço no rádio e teve ampla aceitação do público (CAMPOS JR, 2009, p. 118). Segundo Rogério Machado Braga, autor da dissertação *De João Rubinato a Adoniran Barbosa: a voz de uma cidade perdida*:

Com o sucesso da personagem, a dupla emplacou outros tantos, entre os mais famosos, *Charutinho* (caracterizado como um homem negro da periferia), *Moisés Rabinovic* (um comerciante judeu), Jean Rubinet (galã do cinema francês), Giuseppe perna fina (motorista de táxi italiano) e Mr. Morris (professor de inglês). Essa variedade de personagens também é um indicativo de que a cidade de São Paulo, durante esse período, se já se constituía como um espaço que congregava uma variedade significativa de tradições e heranças culturais de diversas origens (BRAGA, 2021, p. 32).



Figura 31- O polêmico cartaz de divulgação do programa *Casa da sogra*, onde os atores Adoniran Barbosa e Maria Amélia, estão com os rostos pintados de preto, com a expressão “os 2 black-out” da Record”, caracterizando a prática de *blackface*¹³⁰. (MUGNAINI JÚNIOR, 2002, p. 44)

¹²⁹ A personagem fez tanto sucesso na Rádio Record, que no disco que Adoniran lança em 1952, pela Continental, ao lado do seu nome assinando os sambas, aparece, entre parênteses, o nome do *Zé Cunversa*”.

¹³⁰ *Blackface* foi a A prática de pintar atores brancos de preto foi muito recorrente nos Estados Unidos durante mais de um século nos Minstrel Shows. Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Blackface>. Acesso em 02/05/2023.

3.2.5 - “Se a rádio não toca a música que você quer ouvir, é muito simples é só trocar a estação”¹³¹: Moles vai para a “Mais popular emissora paulista”

O ano de 1951, começa com a forte expectativa da posse de Getúlio Vargas, marcada para o dia 31 de janeiro, após vencer as eleições presidenciais em outubro de 1950 com 46,6% dos votos, derrotando seu principal adversário, Eduardo Gomes da União Democrática Nacional, que ficou com 28,3% dos votos¹³².

Enquanto isso no Theatro Municipal de São Paulo, no dia 05 de janeiro, a Associação de Empregados e Artistas da Rádio Record, vai entregar o prêmio mais importante do Rádio de São Paulo, o prêmio Roquette Pinto: “O *Troféu Roquette Pinto* foi criado em 1950, por iniciativa do radialista Blota Jr. para premiar os destaques do rádio paulista e a partir do ano de 1952, passa também a premiar os artistas da televisão brasileira. (MICHELETTI, 2015, p. 21). Moles, venceu em duas categorias: melhor redator humorístico e melhor programador.



Figura 32 - Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Apud MICHELETTI, 2015, p. 21

¹³¹ Canção *Se o rádio não toca* de Raul Seixas e Paulo Coelho. Gravada ao vivo em 1974 e lançada no álbum “Se o rádio não toca” em 1995.

¹³² Fonte:

<https://atlas.fgv.br/marcos/segundo-governo-vargas-1951-1954/mapas/eleicao-presidencial-de-1950>. Acesso em 03/05/2023.

No mês seguinte, em 19 de fevereiro, a Rádio Bandeirantes noticiava nos jornais de grande circulação de São Paulo, o que vão chamar de “a ofensiva da PRH-9”¹³³. A maior contratação entre as rádios do estado. A expectativa era grande acerca da chegada de Moles na tradicional rádio paulista.



Figura 33 - Propaganda de divulgação da Rádio Bandeirantes sobre a contratação da Oswaldo Moles.¹³⁴

Em 22 de fevereiro, o *Jornal de Notícias*, noticia a ida de Moles, que assinou contrato por dois anos, para a Bandeirantes. Mas que só estrearia no dia 08 de março. Sobre o que pretende apresentar, Moles fez mistério. Disse apenas que “será oferecido ao público ouvinte o trailer dos três programas que já estão prontos prontos para iniciar sua carreira no ar”¹³⁵. Um deles foi o programa *Ritorno da Rua Paula Souza*, patrocinado pelo *Sabão Tesouro, aquele que vale ouro*¹³⁶. No elenco, boa parte dos radioatores que meses depois participarão do *Museu do Ipiranga*.

O programa é uma mostra da liberdade que Moles terá para criar na Rádio Bandeirantes, como mostra um trecho do roteiro que se utiliza de cenas do cotidiano para criar uma atmosfera de lirismo em meio ao caos da uma grande metrópole:

¹³³ DIÁRIO DA NOITE, Ano XXVII, Nº 08026(A), 19 de fevereiro de 1951, p.4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22aguardem%20seus%20nos%20programas%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=20053>. Acesso em: 12/07/23.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano 5, Nº 1481, 22 de fevereiro de 1951, p. 7. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&pesq=%22oswaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16332>. Acesso em 01/03/23.

¹³⁶ O roteiro do programa de estreia de Moles na Bandeirantes, foi conseguido pelo jornalista Bruno Micheletti, junto a sobrinha-neta Beatriz Savonitti, que guarda boa parte do espólio do Oswaldo Moles.

Darcio: Muita gente diz que a Paula Souza é apenas uma Broadway dos cereais. É uma Wall Street das lentilhas e do sabão. Mas, senhores e senhoras, essa gente está muito enganada. A rua Paula Souza tem feijão... mas também tem sonho. Reparem bem se não é humana – humaníssima – uma rua que tem destino de gente: - vive, palpita, cresce, sofre, vibra... E quando a gente pensa que ela vai virar santa – SANTA ROSA = ela se suicida atirando-se ao Rio Tamandateí. Não. Nem só de batatas vive esta rua temperamental. Ela também vive de dramas, de comédias, de tragédias, de romancécos cotidianos... Por isso é que ...

Maristela: ... a esta tresloucada rua que se atira ao rio, no desespero de sua última curva, é que dedicamos um programa de rádio.

No dia da sua estreia, Edu, comentarista de rádio do *Correio Paulistano*, assim descreveu a importância de Moles para a emissora: “Hoje, Moles estreia na Bandeirantes. Continuará a ser o mesmo produtor de sempre, porque vontade, cultura, visão e conhecimento profundos de rádio não lhe faltam. Pode-se mesmo dizer que, com Moles, a Bandeirantes entra numa nova fase”¹³⁷.

A chegada de Moles na sua nova casa, parece lhe dar um novo ânimo como ele afirmou para o colunista Mário Júlio do *Jornal de Notícias*: “A Bandeirantes é uma estação que me parece uma das mais avançadas de São Paulo, principalmente porque seus dirigentes e os seus dirigidos querem uma coisa acima de tudo: fazer bom rádio.”¹³⁸

Na Rádio Bandeirantes, segundo Micheletti, ele produziu 24 programas, além do *Museu do Ipiranga*, outros de muito sucesso foram *História da Literatura Brasileira*, *Terra dos Bandeirantes* e o *estalo de São Paulo*. Segundo a revista *Radiolândia* do Rio de Janeiro, no dia 25/06/1955, a saída de Moles da Bandeirantes, não foi nada amigável: “Notícia sensacional chega-nos de São Paulo, dando conta do pedido de rescisão de contrato formulado por Osvaldo Moles à direção da Bandeirantes, por divergências de ordem interna”¹³⁹.

¹³⁷ CORREIO PAULISTANO, Ano 97, Nº 24.114, 08 de março de 1951, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=5364. Acesso em 03/05/2023.

¹³⁸ JORNAL DE NOTÍCIAS, Ano V, Nº 1482, 23 de fevereiro de 1951, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&pasta=ano%20195&pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=16344>. Acesso em 01/03/2023.

¹³⁹ RADIOLÂNDIA, Edição 64, p. 9, 25 de junho de 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128848&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=2643>. Acesso em 03/05/2023.

Como esse tipo de história costuma render bastante, na mesma revista mas no dia 09/07/55, na coluna de fofocas, com o sugestivo nome de *Picadas e Venenos de São Paulo*, assinada pelo “Dr. Butantan”, a notícia é praticamente a mesma, mas contada de forma como sugere o título da coluna:

No barzinho, ouvi disfarçadamente dois artistas comentando o bode havido entre Osvaldo Moles e a direção da Bandeirantes. O que mais divertia ambos era recordar os palavrões que o Moles dirigiu ao prof. Baskaran¹⁴⁰, o avanço que ele deu sobre o Henrique Lobo quando este, sem saber do salseiro, abriu a porta e pôs um pé dentro da sala e enfim o galope que Julio Atlas deu escada acima (ou escada abaixo, não me lembro), fugindo à butântanica língua do velho programador.¹⁴¹

3.2.6 - “Você não vale nada mais eu gosto de você”¹⁴² : “A TV nasceu morta!”

Em 1952, ainda na Rádio Bandeirantes, Moles foi perguntado pela *Revista do Rádio* se a televisão vai substituir o rádio. A resposta dele, um homem forjado no rádio, foi de atacar a nova mídia que tinha acabado de chegar no Brasil pelas mãos de Assis Chateaubriand, seu antigo chefe: “O rádio sempre esteve moribunduzinho, Mas, ainda em sua agonia, sempre teve fases importantíssimas. Em compensação, se o rádio está sempre morrendo e resistindo, a TV já nasceu morta. Quem não tem vida própria, quem nunca teve vida própria, nasceu morto, é claro.”¹⁴³, se referindo aos escassos programas de sucesso na TV e a falta de qualidade técnica e de mão-de-obra qualificada.

Segundo Amara Rocha: “Ao contrário do rádio, que tinha grande alcance, as primeiras transmissões de televisão chegavam a um raio de cem quilômetros e os

¹⁴⁰ Prof. Baskaran, nome do psicólogo argentino Carlos Pedregal, Júlio Atlas, Henrique Lobo e Osvaldo Moles criaram o Sistema RB-55, criando uma nova forma rápida e dinâmica para os comerciais da emissora. (MICHELETTI, 2015, 176-177).

¹⁴¹ RADIOLÂNDIA, Edição 66, p. 32, 09 de julho de 1955. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128848&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=2779>. Acesso em 03/05/2023.

¹⁴² A canção *Você não vale nada*, de Dorgival Dantas, fez muito sucesso no Brasil, em 2009, com a banda *Calcinha Preta*.

¹⁴³ REVISTA DO RÁDIO, Ano 5, Edição 156, p. 47, 08 de setembro de 1952. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=7873>, Acesso em: 03/05/2023.

programas eram muito voltados para a região de onde partia a transmissão” (ROCHA, 2007, p. 129)

Na Record, Moles trabalhou por duas vezes. A primeira de 1941 a 1951 e a segunda vez, entre 1955 a 1967. Depois de tanto criticar a televisão, Moles acabou sendo seduzido, pela “máquina de fazer doido”, carinhoso nome que Sérgio Porto deu para a televisão, em seu livro FEBEAPA (Festival de Besteiras que Assola o País)¹⁴⁴, e ficou trabalhando tanto na rádio como na TV Record.

Com o passar do tempo, Moles foi mudando sua opinião sobre a televisão. O que antes eram opiniões que desprezavam o crescimento da TV no Brasil, passou a ser de aceitação. Em 1956, em plena transição entre o rádio e a televisão, Moles responde para o seu colega Mário Júlio na *Revista do Rádio*, enquanto produzia para a TV Record¹⁴⁵ o programa *Eu sou você*: “Quanto a mim, considero que televisão, para o produtor, é a coisa mais dura que Deus criou, aliás, o diabo. Televisão é isto: - é o diabo!... Mas eu, que tenho 20 anos de prática de inferno, estou procurando me adaptar à nova fogueira”¹⁴⁶. No ano seguinte, outra opinião de Moles, demonstra a sua mudança no jeito de pensar a nova mídia: “A Televisão matará o Rádio?” Pergunta a *Revista do Rádio*. Moles retruca: “respondo com outra pergunta - o rádio matou o jornal?”¹⁴⁷

A *Revista Manchete*, inclusive, fez questão de fazer uma matéria rasgando elogios a Osvaldo Moles e afirmando que além “de um programador com recursos inesgotáveis e dono de um estilo personalíssimo. (...) Ganha o maior salário do rádio paulista (Cr\$ 100.000,00)”¹⁴⁸.

No retorno para a Record, Moles volta a trabalhar com Adoniran Barbosa, com destaque para o programa *História das Malocas*, que começou no rádio e teve sua versão para televisão dirigida por Randal Juliano. Cabe ressaltar, que *História das Malocas*, foi o programa de maior sucesso e mais duradouro de Osvaldo Moles,

¹⁴⁴ Sérgio Porto ficou conhecido pelo seu heterônimo *Stanislaw Ponte Preta* e publicou o livro em 1966 que era uma coletânea de crônicas sobre a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), escritas no jornal *Última Hora*.

¹⁴⁵ Fundada em setembro de 1953 por Paulo Machado de Carvalho.

¹⁴⁶ REVISTA DO RÁDIO, Ano 9, Edição 370, p. 39, 13 de outubro de 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=19357>. Acesso em 04/05/2023.

¹⁴⁷ REVISTA DO RÁDIO. Edição 383, p. 39, 12 de janeiro de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=20059>. Acesso em 03/05/2023.

¹⁴⁸ REVISTA MANCHETE, Edição 194, 07 de janeiro de 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22osvaldo%20moles%22&pagfis=12864>. Acesso em 04/05/2023.

tendo sua estreia em 1956 e terminando em 1967. O programa fez tanto sucesso que havia uma disputa pelo patrocínio entre a fábrica de televisores Mullard e o laboratório Raul Leite (CELSO JR, 2009, p. 321).

Em 1967, no auge da sua carreira, Anita Ramos, sua esposa, ouve um barulho de tiro, quando corre para ver, Osvaldo Moles está ferido na cabeça e com uma arma na mão. No hospital, os médicos constataram traumatismo craniano. Um dos seus amigos mais próximos, o futuro governador de São Paulo Laudo Natel, descreveu que em uma das visitas ao Moles no hospital, ele perguntou o que tinha acontecido. E em um dos raros momentos de lucidez, a resposta veio através de mímica: “o radialista estendendo as mãos com os dedos em formato de “L”, apontando para a sua cabeça e puxando um dedo, como quem dispara um gatilho de uma arma de fogo” (MICHELETTI, 2015, p. 202). Algumas semanas depois, Moles não resistiu e faleceu no dia 11 de maio.



Figura 34 - Nota da família no obituário do Jornal Estado de São Paulo.¹⁴⁹

O inquérito instaurado concluiu que a causa da morte foi registrada como suicídio:

Inquérito 318/67. MM. Juiz: Conforme se verifica das provas existentes nos autos, ocorreu, na verdade, suicídio. Nêsse sentido a farta prova testemunhal e pericial, especialmente os depoimentos da esposa (fls. 39) e irmã da vítima (fls. 44). Dessa maneira, inexistindo indícios da ocorrência de crime ou de responsabilidade de terceiros pelo evento, requero o arquivamento do inquérito. São Paulo, 25 de setembro de 1967. Alberto Carlos de Saboia e Silva, Promotor Público¹⁵⁰.

¹⁴⁹ ESTADO DE SÃO PAULO, Ano 88, Edição 28.270, 13 de junho de 1967. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670613-28270-nac-0001-999-1-not>. Acesso em 02/06/2023.

¹⁵⁰ Cópia da “Certidão de Arquivamento” do inquérito 318/67 que atribui suicídio à causa da morte de Osvaldo Moles. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. (MICHELETTI, 2015, p. 202).

Os mesmo jornais, que tanto noticiaram os trabalhos de Osvaldo Moles, não deram nenhum destaque para a morte do radialista, talvez pelo tabu que era cometer um suicídio. Chegava ao fim a carreira de um dos mais importantes homens do rádio no Brasil.

3.3 - “Se alguém perguntar por mim, diz que fui por aí”¹⁵¹

3.3.1 - Moles como um “intelectual-mediador”

Pierre Bourdieu ao analisar o universo do jornalismo, afirma que este sofre pressão do campo econômico, em busca dos altos índices de audiência (BOURDIEU, 1997, p. 77). Se pensarmos no rádio, podemos traçar paralelos, no que diz respeito a esse campo de disputa, ou seja, o que determina o sucesso de um programa, não seria a sua qualidade e sim a sua capacidade de atrair o público, seja o ouvinte que está do outro lado da “latinha” e do público que forma fila na porta da rádio, para ver de perto seus ídolos, e conseqüentemente, chamar a atenção dos patrocinadores.

Daí a importância de pessoas capazes, não de romper, mas de procurar diminuir esta pressão, buscando conciliar interesses comerciais com programas de teor educativo, procurando atrair o grande público. Assim, é importante analisar de que forma a rede de sociabilidades do Osvaldo Moles contribuiu na sua trajetória, desde as redações dos jornais, passando pelos auditórios das rádios e chegando nos anos iniciais da televisão no Brasil, ao ponto de compreender seu interesse por programas como *Museu do Ipiranga*, que sem um apelo mercadológico, conseguiu a sua inserção no meio radiofônico e a chancela de importantes intelectuais.

Moles participa ativamente da evolução da comunicação no Brasil, sendo um dos primeiros comunicadores multimeios no país, trabalhando em revistas, jornais, teatro, cinema e televisão. Em relação ao rádio, cabe ressaltar que foi um fenômeno de massa a partir dos anos 1940, transformando-se no grande mediador da cultura brasileira. Segunda Marcos Napolitano:

Não se pode dizer que o rádio era um fenômeno apenas das classes populares urbanas e que na década de 1950 chegaria aos camponeses com maior intensidade. Até o final dos anos 1950, ele era uma peça obrigatória em quase todos os lares,

¹⁵¹ Canção *Diz que fui por aí* de Zé Keti e Hortêncio Rocha, composta em 1964.

dos mais ricos aos mais pobres. Fenômeno de massa desde os anos 1930, base da expansão da rica cultura musical brasileira, a radiodifusão sofreu um grande processo de massificação a partir do final da Segunda Guerra Mundial. (NAPOLITANO, 2014, p.13).

Assim, o resgate das experiências radiofônicas produzidas por Osvaldo Moles compreende ser relevante para a evolução da linguagem do meio no Brasil, em especial em São Paulo, onde fez toda sua carreira.

Hermínio Sacchetta, escritor e membro do Partido Comunista, assim o descreve no prefácio do livro de crônicas *Piquenique Classe C*, lançado em 1962, por Osvaldo Moles:

Na verdade, Osvaldo Molles reata o fio da literatura popular, que se insinua em Antonio de Alcantara Machado¹⁵² e busca “racionalizar-se” no intelectualismo do valoroso Mario de Andrade para, logo, romper-se num populacheirismo primitivo de semiletrados, que se esbardam nas liberalidades pioneiras desses dois escritores. Em “Piquenique Classe C” legitima-se a literatura “popular”, em suas expressões formais e de conteúdo (...) Mestre Mário de Andrade, por seu turno, nunca chegara a “mistificar”, convincentemente, seu aristocracismo de espírito, preocupado, a todo instante, e de cima, com pesquisas formais de renovação linguística. E a despeito de seu cálido e boníssimo coração, quando faz literatura “popular”, como Antonio de Alcantara Machado, não consegue ocultar os punhos de renda do escritor para elites (SACCHETTA apud. MOLES, 1962, p. 14-15).¹⁵³

Em mais de 20 anos de serviços prestados ao rádio paulistano, Moles criou diversos personagens, idealizou e escreveu roteiros de centenas de programas, lançou dezenas de atores e atrizes, colocou letras em diversas canções (ver anexo IV na p. 128) e usou o rádio para aproximar a cultura popular e a cultura das elites, como bem lembrou Sacchetta no prefácio do livro.

Seus programas atingiram importantes índices de audiência, tanto na Rádio Record, quanto na Rádio Bandeirantes, o que lhe dava credibilidade para buscar patrocinadores para os mais variados programas criados por ele, desde rádios-novelas, passando por humorísticos e chegando aos programas educativos.

¹⁵² Antônio de Alcântara Machado (São Paulo, 1901 – Rio de Janeiro, 1935) foi um jornalista e escritor ligado ao Modernismo, conhecido principalmente por retratar o universo dos imigrantes italianos e as primeiras gerações de seus descendentes em São Paulo.

¹⁵³ MOLES, Osvaldo. *Piquenique Classe C: crônicas e flagrantes de São Paulo*. São Paulo, Boa Leitura Editora, 1962.

No caso dos programas educativos, Moles conta com a assessoria e supervisão de muitos intelectuais paulistanos, como Sérgio Milliet, Jamil Haddad, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, este último amigo de boemia:

Outros nomes que devem ser mencionados são os de Oswaldo Molles, Thalma de Oliveira e Tulio de Lemos. O primeiro foi um produtor de profunda identificação com sua cidade, como o escritor Mario de Andrade, seu companheiro de boemia. Seu trabalho de crítica social e através de programas célebres como “História das Malocas”, ele retratava a vida e as personagens de São Paulo, nas vozes de Adoniran Barbosa, Maria Amélia e José Rubens. (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 44).

Essa interlocução com intelectuais também ocorre no caso específico do Programa Museu do Ipiranga, cuja ênfase, conforme destacado em capítulo anterior, esteve na divulgação da história e das concepções de museu e patrimônio, por meio do rádio. Oswaldo Molles, produtor cultural integrado a uma rede de sociabilidade de intelectuais comprometidos com a produção historiográfica, como o historiador Sérgio Buarque de Holanda, encontrou no programa uma caminho de divulgar a história de forma a despertar o interesse dos ouvintes por ela, aportando em linguagem simples e formato lúdico, conforme analisado no capítulo 1 deste trabalho.

Dessa forma, podemos “classificar” Oswaldo Moles como um intelectual-mediador, categoria utilizada por Angela de Castro Gomes para definir:

práticas de mediação cultural, especificamente desenvolvidas por sujeitos históricos identificados como intelectuais. Na acepção mais ampla, são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideais, diretas ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (GOMES, 2016, p. 9-10).

Em consonância com essa categoria, Moles se utiliza, do rádio para cumprir a função que décadas atrás era o desejo de Roquette-Pinto, ou seja, de uma rádio que levasse conhecimento ao público. O sucesso de Moles nessas empreitadas, como o

Museu do Ipiranga e a História da Literatura Brasileira, por exemplo, foi fruto da credibilidade das pessoas que produziam e que colaboravam na supervisão e na produção. Eram indivíduos qualificados e com suas carreiras consolidadas, requisitos necessários para atrair diretores das rádios, patrocinadores, artistas, técnicos e, finalmente os ouvintes, como explica Micheletti acerca dos programas citados:

Acostumado com os sucessos dos humorísticos populares, os anunciantes olhavam com certa desconfiança aquele programa duvidando do seu sucesso, porém com a boa audiência do programa "Museu do Ipiranga", Osvaldo Moles conseguiu convencer os diretores da Caixa Econômica Estadual de São Paulo a financiar a literatura transmitida via *broadcast* (MICHELETTI, 2015, p. 200-201).

Em relação aos ouvintes, o grande mérito de Moles, ao se aproximar da intelectualidade paulistana, não era só buscar uma chancela das autoridades nos assuntos, mas também atrair um público letrado, unindo através das ondas do rádio, com as camadas mais populares que procuravam programações com uma linguagem própria marcadas por expressões, gírias e situações cotidianas às suas experiências de vida:

O mediador cultural, em especial aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de *experts*, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo. Ou seja, ele se torna um profissional especializado em atingir um público não especializado (GOMES, 2016, p. 19).

3.3.2 - As redes de sociabilidades de Osvaldo Moles

No dia 13 de fevereiro de 1952, o jornal *Folha Manhã*, publicou uma reportagem sobre a homenagem a Dermeval da Costa Lima, o novo diretor da rádio Excelsior de São Paulo, entre os convidados, destacamos Henrique Foreis Domingues, mais conhecido como Almirante, “a mais alta patente do rádio” e ao seu lado Osvaldo Moles.



Figura 35 - Jornal Folha da Manhã, 03 de fevereiro de 1953.¹⁵⁴

O fato do Osvaldo Moles estar ao lado do Almirante, é bastante significativo, visto que nos anos 50, o Almirante já era a maior referência do rádio no Brasil, devido aos programas de grande sucesso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, além de seu perfil multifacetado como cantor, compositor, narrador e de toda sua vivência no rádio, praticamente desde o surgimento das primeiras estações nos anos 20.

Alguns programas criados por Almirante, também possuíam esse caráter educativo que vimos em alguns programas do Osvaldo Moles. Orlando de Barros, assim definiu: “Ainda que Almirante tenha atuado numa impressionante diversidade de gêneros de programas, logo tornou-se conhecido pelo caráter educativo que imprimia a seu trabalho” (BARROS, 2014, p. 95).

Dessa diversidade de programas, podemos citar o *Curiosidades Musicais*, que foi ao ar pela Rádio Nacional entre 1938 e 1941. No programa, Almirante abordava temas relacionados à música e ao folclore – como os capoeiras da Bahia, os desafios do Norte, o bumba meu boi, cantigas de reisado, congadas e até o Hino Nacional. Pesquisando em jornais, crônicas, estudos científicos e até em contribuições dos ouvintes “sem a pretensão de ensinar, nem de fazer rir (...) as explicações mais

¹⁵⁴ JORNAL FOLHA DA MANHÃ, Ano 27, Nº 8.543, 03 de fevereiro de 1952, p. 03. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=29137&keyword=%22osvaldo+moles%22&anchor=4554453&origem=busca&originURL=&pd=c7c482ced1cc68cd706fbb0ae8b968b6>. Acesso em 07/05/2023.

minuciosas é para que as pessoas entendam e possam se distrair (...) as piadas contadas são para amenizar as explicações mais áridas (...)”¹⁵⁵. Com a narração do próprio Almirante, o *Curiosidades Musicais* foi pioneiro no programa de rádio montado, ou seja, com produtor, orquestra, locutor e radioatores.

De certa forma, Moles, ao produzir o *Museu do Ipiranga* também procurava o humor para “amenizar as explicações mais áridas”, assim como utilizou orquestra, locutores e radioatores, apesar de afirmar no *jingle* de abertura que “há ensinamento e alegria”. É bem possível que os programas do Almirante tenham servido de inspiração para as produções de Osvaldo Moles.

No dia 15 de março de 1953 o jornal *Folha da Manhã*, publicou uma coluna com o título “Os escritores e o candidato”. O texto escrito por H.S. com fotos de Alfredo, fala sobre uma reunião organizada na casa de José de Barros Martins¹⁵⁶ e esposa, junto com o escritor Jamil Haddad que: “articularam um encontro entre a inteligência da terra e Francisco Antonio Cardoso e Fernando Nobre Filho”¹⁵⁷, então candidatos a prefeito e vice-prefeito pelo PTB, respectivamente, para as eleições de outubro contra Jânio Quadros, que acabou vencendo o pleito.

O encontro contou com a presença algumas dezenas de intelectuais paulistas, entre eles, destacamos os ‘modernistas de 22’, o poeta Menotti Del Picchia e o escritor Sérgio Milliet, o Maestro Camargo Guarnieri, a escritora Maria de Lourdes Teixeira, o diretor de teatro Miroel Silveira, a cantora Inezita Barroso¹⁵⁸ e Osvaldo Moles.

¹⁵⁵ ALMIRANTE, 1939: AER197, lado B, Apud, LIMA, 2008/2009, p. 3.

¹⁵⁶ José de Barros Martins, foi um dos mais importantes editores de livros do Brasil. Dono da Editora Martins.

¹⁵⁷ JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, Ano 28, Nº 8.885, 15 de março de 1953, p. 06.. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=29479&keyword=%22osvaldo+moles%22&anchor=4563379&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=a39eed4ffe5ed3300e3bbc66b2aa77bb>. Acesso em: 07/05/2023.

¹⁵⁸ Inezita Barroso, foi uma cantora, atriz, apresentadora de rádio e televisão. Ficou famosa por cantar músicas sertanejas.



Figura 35 - “Os escritores e o candidato”. Jornal Folha da Manhã, 15/03/53.

A presença de Moles em um evento político, reforça a ideia de uma pessoa que circula entre a intelectualidade paulistana, sendo vista como pertencente a este grupo. Cabe ressaltar, que Moles, desde dos anos 40, aproximou-se de uma outra linguagem artística: o cinema nacional, ampliando ainda mais sua rede de sociabilidades.

Para a Cinédia¹⁵⁹, fez roteiros e argumentos nos seguintes filmes: *Caídos do Céu* de 1946 (com parceria de Herivelto Martins), com a direção de Luís de Barros. Neste filme tem uma canção dele em parceria com Hervê Cordovil chamada *Nêgo*. *Beijo Roubado* de 1950, com direção de Leo Marten e *Carnaval em lá maior* de 1955, com a direção de Adhemar Gonzaga¹⁶⁰.

Em 1953 recebeu o Prêmio Saci de cinema do Estado de São Paulo, pelo argumento e a adaptação do filme *Simão, o Caolho* (em parceria com Miroel Silveira), que contou com a presença do presidente Getúlio Vargas na apresentação oficial no Palácio do Catete em 1952. No ano seguinte ao prêmio, escreveu o roteiro do filme *Mulher de verdade* (em parceria com Miroel Silveira), estrelado pela atriz e cantora Inezita Barroso.

O envolvimento de Moles com o cinema nacional e a força do seu nome na rádio paulista, fez com que ele participasse de um seleto grupo de intelectuais que vão assinar um documento endereçado ao presidente Getúlio Vargas sobre a crise no

¹⁵⁹ Cinédia. Produtora cinematográfica brasileira fundada em 1930, por Adhemar Gonzaga.

¹⁶⁰ Fonte <http://www.cinemabrasileiro.net/cinedia.html>. Acesso em 02/05/2023.

cinema brasileiro: “Amigos do cinema nacional, apelamos para vossencia no sentido de serem concedidas as justas vantagens e proteção que possibilitarão à nascente indústria do Cinema Nacional o seu surto em prol do movimento cultural do país. Com protestos da mais alta consideração e voto de feliz Ano Novo.”¹⁶¹

Assinam, também, o documento, 47 figuras públicas das mais relevantes para as artes no Brasil, podemos citar entre elas: Ary Barroso, Millôr Fernandes, Camara Cascudo, Nelson Rodrigues, Caribé, Assis Valente, Sérgio Porto e Fernando Lobo.



Figura 37 - Estatueta em bronze esculpida por Victor Brecheret, entregue a produção do filme *Simão, o Caolho*. (MICHELETTI, 2015, p. 180). Acervo pessoal de Beatriz Savonitti.

Durante as pesquisas no acervo de Osvaldo Moles, sob os cuidados da sua sobrinha-neta, Beatriz Savonitti, me deparei com uma parte do argumento de um filme para Cinédia de 1938, chamado “O milagre da professora Sagramor”, que fazia parte da campanha contra o analfabetismo.

O que me chamou a atenção, é que este roteiro é assinado por Jean Bazin e estava junto a diversos outros documentos do Osvaldo Moles, como roteiros, fotografias e recortes de jornais. Não vou entrar em detalhes sobre o conteúdo da obra, mas o que estava sob a posse da família, eram 5 páginas do argumento, sendo elas: três páginas datilografadas (páginas 1, 2 e 19) com o trechos do argumento da história, a capa e uma carta de próprio punho assinada pelo autor, autorizando a Cinédia de utilizar da forma que bem entender a obra.

¹⁶¹ Essa carta foi publicada no CORREIO PAULISTANO, Ano 100 N° 29.980, p. 02, 01 de janeiro de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=19105. Acesso em 03/05/2023.

Nas três páginas do argumento, existem correções de erros de português, feitas à caneta. No avanço da pesquisa, não consegui descobrir como os fragmentos do argumento do filme foram parar nas mãos do Osvaldo Moles. Minha hipótese é que o autor tenha entregue para Moles fazer as correções e observações.

Porém, na reta final da dissertação, encontrei no site do Projeto Portinari, uma correspondência datada de 19/07/47, escrita de próprio punho por Jean Bazin (a assinatura confere com a do argumento do filme) para o pintor Cândido Portinari. O teor da carta aparenta a ideia de uma relação muito próxima dos dois, inclusive ele cita o Germain, que tinha acabado de se casar com uma moça por nome de Suzanne.

De acordo com Maria Sabina Uribarren, que escreveu o artigo intitulado: *Parcerias e aspectos materiais da primeira edição dos livros sobre o barroco brasileiro de Germain Bazin*, Jean Bazin, jornalista correspondente da Agências Havas e Reuters, era irmão do Germain Bazin¹⁶², casado com uma brasileira e morava no Rio de Janeiro. Além disso, “operou inúmeras vezes como elo entre o especialista (Germain Bazin) e os seus contatos brasileiros, agilizando a comunicação entre as partes e facilitando o encaminhamento de documentação para os seus livros sobre o barroco” (URIBARREN, 2022, p. 8).

Inclusive, Fernando Morais narra uma passagem no livro *Chatô, o Rei do Brasil*, que Germain Bazin mediou, em Paris, um encontro entre Assis Chateaubriand e um colecionador que lhe vendeu “um Manet, um Corot e um Renoir” para fazerem parte do acervo do MASP.

Apesar de não ser possível encontrar mais documentos, é possível entender que o argumento do filme esteja na posse de Moles, como um indício de Jean Bazin integrar a rede de sociabilidades de Osvaldo Moles.

Osvaldo Moles dá um grande salto em sua carreira, ao sair da maior emissora de rádio de São Paulo, que era a Rádio Record, e ingressar na Rádio Bandeirantes. Podemos afirmar que o programa *Museu do Ipiranga*, foi um dos principais responsáveis pela transformação do produtor de programas de grande sucesso, mas com pouco conteúdo cultural, para programas de grande sucesso e que levasse para o grande público, valiosas informações, conseguindo, dessa forma, aproximar-se de um grupo de intelectuais sem deixar de se comunicar com a linguagem popular, típica das rádios, se aproximando do desejo de Roquette-Pinto nos anos 20.

¹⁶² Germain Bazin, foi formado em História da arte em Paris. Entre 1950 e 1965 foi curador-chefe do Museu do Louvre e especialista no barroco brasileiro (URIBARREN, 2022, p. 7-8)

Quando perguntado se “Na Bandeirantes fez algum programa de classe?”, Moles reafirma que *Museu do Ipiranga e História da Literatura Brasileira*, estão entre os mais importantes que produziu¹⁶³ e cita a supervisão de importantes intelectuais de São Paulo, como Sérgio Buarque de Holanda. A importância de construir a rede de sociabilidades de Osvaldo Moles, é identificar em quais grupos ele circulava. A evidência dessa circulação entre reconhecidos intelectuais, reforça o argumento que afirma a sua prática como sendo a de um intelectual mediador, na medida em que promoveu aproximações entre grupos dos mais diversificados através de alguns de seus programas.

¹⁶³ REVISTA DO RÁDIO. Ed. 180. p. 47, 17 de fevereiro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&pesq=%22osvaldo%20moles%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=9121>. Acesso em 09/05/2023.

Conclusão

O escritor Humberto Sacchetta, no prefácio do livro de Osvaldo Moles, *Piquenique Classe C*, de 1962, o coloca entre os grandes cronistas do Brasil. Seus textos são um olhar atento às pessoas e ao crescimento da cidade de São Paulo:

Osvaldo Moles, quando cuida do fato, faz com que este se revele, em sua plenitude, através das próprias personagens. Porém se, não poucas vezes, foge, aparentemente, das solicitações do dia-a-dia, é para reconstruí-lo em quarta dimensão, num plano ideal que é a condenação do real. E, então, o faz com humorismo doloroso, transmitindo, também a esse respeito, mais do que os seus, os sentimentos dos deserdados das gafieiras e favelas, onde, na realidade, a escassez do pão, embora pareça estranhável, ainda é “compensada” por um incoercível lirismo, que se externa pelas escolas-de-samba e batucadas.

(SACCHETTA apud. MOLES, 1962, p. 14-15)

A mesma sensibilidade e atenção são identificadas em suas canções, também dedicadas ao cotidiano da cidade, que fizeram muito sucesso nas rádios, principalmente suas parcerias com Adoniran Barbosa. Um exemplo é a canção “Conselho de Mulher (Pogressio)” de 1952:

"Pogressio", "pogressio"
 Eu sempre "iscuicei" falar: "pogressio" vem do "trabaio"
 Então amanhã cedo, "nóis" vai trabalhar
 Quanto tempo “nóis” perdeu na boemia
 Sambando noite e dia, cortando uma rama sem parar
 Agora “iscuitando” o conselho da mulher
 Amanhã vou trabalhar, se Deus quiser, mas Deus não quer!

Os comentários de Sacchetta, assim como o trechinho da composição de Moles com Adoniran Barbosa são exemplos da diversidade de atuação deste intelectual no universo das artes e da comunicação. Ao longo da sua trajetória, desde repórter do Correio Paulistano até roteirista na TV Record, Moles foi criando personagens, escrevendo roteiros e dando vida a eles, através de seus programas. Está quase tudo lá. Ruas, bairros, pessoas que ele conviveu, suas memórias de infância e os personagens criados para o rádio e a televisão.

Assim como Viriato Corrêa e as suas “pílulas” de conhecimento do programa *História de Chinelos* e do Almirante no *Curiosidades Musicais*, o programa *Museu*

do Ipiranga, analisado neste trabalho é um pedaço da obra de Moles, que buscou atrair o público para o museu e instigar o interesse pela história. O caminho foi desconstruir a ideia monumental da História dos grandes fatos e heróis, assim como a do Museu do Ipiranga, construído para ser uma ode à nossa independência. Assim, compõe os seus programas com comentários de obras literárias, história de compositores; explica como a água chega nas casas das pessoas, sobre as festas populares no Brasil e até as curiosidades apresentadas no “programa rádio relógio”, trazendo aspectos do cotidiano e histórias pitorescas, usando a linguagem radiofônica (ver anexos I e II). Além de oferecer aos ouvintes histórias muito próximas do cotidiano deles, ao fazer referência a objetos e exposições, aguça a curiosidade do ouvinte em visitar o museu.

O programa é um indício de que não é de hoje o combate à História dos grandes acontecimentos políticos e militares, e da ideia de museu como lugar de relíquias de nobres, imperantes, heróis e pessoas da elite. Opõe-se, assim, à ideia criada pelo público, ao longo dos anos, do Museu do Ipiranga como uma das residências da Família Real, e que por isso objetos de uso pessoal dos imperadores e dos membros da realeza, deveriam estar expostos. Nos comentários nas redes sociais do Museu do Ipiranga, existe uma indignação da ausência de camas, objetos íntimos, carruagens e roupas, que no imaginário popular, em algum momento esteve exposto no museu, confundindo, como disse o professor Paulo Garcez em recente entrevista ao programa *Provoca* da TV Cultura, com o Museu Imperial na cidade de Petrópolis, este sim uma das residências da Família Imperial.

Atualmente, ao visitar o Museu do Ipiranga, uma parte dos objetos expostos, narram a “História de chinelos”, como as exposições “Casas e coisas” e “Mundos do trabalho”. Mas também contempla uma reflexão sobre a “História de coturnos”, presente nos quadros e esculturas das exposições “Uma história do Brasil” e “Passados imaginados”, que contribuíram para reforçar a ideia de um Museu ligado à história dos grandes feitos dos bandeirantes e da Família Imperial brasileira, que muitos visitantes ainda guardam na memória.

Os programas de rádio, analisados neste trabalho, foram organizados, escritos e, em alguns casos, apresentados, reforçando a ideia da presença de alguns homens do universo das letras e da academia, atuando como intelectuais mediadores. Nesse sentido, Moles não só atuou como um desses intelectuais, como se cercou de importantes nomes, como o próprio Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet,

Jamil Haddad e Oswald de Andrade, assim como também circulou pelo cinema, assinando roteiros de filmes, como *Caidos do céu* de 1946, em parceria com Herivelto Martins, *Simão, o caolho* e *Mulher de verdade* de 1952 e 1953, respectivamente, em parceria com Miroel Silveira.

Apesar das dificuldades encontradas ao longo da pesquisa que resultou na escrita desta dissertação, como o acesso restrito ao arquivo pessoal de Moles, sob a guarda da família, foi importante conhecer uma experiência radiofônica que pode ter contribuído para a construção de outra ideia de História e de Museu. Embora a documentação institucional do Museu Paulista não faça referência ao programa, tampouco a Osvaldo Moles, há informações sobre o aumento do número de visitantes no período em que o programa esteve no ar, nos levando a crer que houve relação entre uma coisa e outra.

Por fim, a autoridade maior do programa era a História, voz de mulher, responsável por dar a palavra final, comprovando ou corrigindo o que estava sendo tratado no *Museu do Ipiranga*. Foram cerca de dois anos, ocupando 30 minutos de um horário nobre da grade de programação da rádio Bandeirantes, que merecia um estudo mais aprofundado, o que procurei iniciar por aqui, compreendendo essa experiência como o que hoje denominamos “História Pública” e que tem ocupado espaço na TV, no cinema e na internet.

Fontes

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL. Ministério da Educação e Saúde. Petrópolis, 1946.

BRITISH BROADCASTING CORPORATION. O rádio no Brasil. Londres: Serviço Brasileiro da BBC, 1988. Série de programas de rádio.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. O rádio paulista no centenário de Roquette Pinto 1884-1984. São Paulo: CCSP, 1984.

CINEMA BRASILEIRO - <http://www.cinemabrasileiro.net/cinedia.html>

Correio Paulistano: 1935, 1936, 1937, 1946 e 1951.

Diário da Noite: 1951,

Jornal A Noite

Jornal de Notícias: 1951

Jornal Diário Nacional: 1927

Jornal do Commercio

Jornal Estado de São Paulo: 1938, 1967

Jornal Folha da Manhã: 1953

Jornal Folha da Noite:

Jornal Folha de São Paulo: 2022

Jornal O Governador: 1951

Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade. CENTRO CULTURAL SÃO PAULO.

O Jornal: 1922

Portal da Câmara dos Deputados

RÁDIO MEC. Verbetes do dicionário da FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/radio-mec>.

Radiolândia: 1955

Revista do Rádio: 1950, 1951, 1952, 1953, 1954 e 1955

Revista Manchete: 1955 e 1956.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP]. Caderno de Formação: Formação de Professores: Educação, Cultura e Desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp - Pró-Reitoria de Graduação, Univesp, 2010. v. 1. (Coleção Caderno de Formação, v. 1, bloco 1, módulo 2, n. 3). 184p.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”*. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013.
- ALVES, Cláudia. *Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação*. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27–55, 2019.
- BALDIN, Adriana de Freitas Acosta. A construção do edifício-monumento: materiais e técnicas construtivas. In: FERRAZ, Solange (COORD). *Para entender o Museu. Coleção Museu do Ipiranga 2022*. p. 36 a 49. São Paulo, EdUSP, 2022.
- BARROS, Orlando de. *Um debate sobre a índole do rádio nos tempos de Vargas: a “pedagogia do ar” de Almirante*. Revista Maracanan, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 94-117, dez. 2014.
- BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças – Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, NAU Ed., 2020.
- _____. *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- _____. *Sobre a televisão – a influência do jornalismo e dos jogos olímpicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, Rogério Machado. *De João Rubinato a Adoniran Barbosa: a voz de uma cidade perdida*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. A história das Coleções do Museu Paulista: Taunay e as de documentos para a história do Brasil In: FERRAZ, Solange (COORD). *Para entender o Museu. Coleção Museu do Ipiranga 2022*. p. 88 a 97. São Paulo, EdUSP, 2022.
- CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

- _____. Rádio: registro, informação e memória *In: MAGALHÃES, Aline Montenegro, BEZERRA, Rafael Zamorano e BENCHETRIT, Sarah Fassa (ORGS). Museus e Comunicação – exposições como objeto de estudo.* Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2010. P. 35-45.
- CAMARGOS, Márcia. *Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato.* São Paulo, Moderna, 2007.
- CAMPOS JUNIOR, Celso de. (ORG). *Recado de uma garoa usada: flagrantes de São Paulo e crônicas sem itinerário. Osvaldo Moles.* São Paulo, Garoa Livros, 2014.
- _____. *Adoniran – uma biografia.* 2ª Edição. São Paulo, Editora Globo, 2009
- CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda.* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 306-340, ago. 2018.
- COTTA, Luiza Cristina Villaméa. *Adhemar de Barros (1901-1969): a origem do “rouba, mas faz”.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- DUNAWAY, David King. *Rádio, história oral e história pública.* *In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e SANTHIAGO, Ricardo (ORGS). História Pública no Brasil – Sentidos e Itinerários.* São Paulo, Letra e Voz, 2016. P. 165-172.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1994.
- _____. *Mozart. Sociologia de um gênio.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 1995.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil contada às crianças: Viriato Correia e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961).* Tese de doutorado, 2009. USP. São Paulo.
- FERRARETTO Luiz Arthur. *De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil.* Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.3, n.1, jan.2014-jun/2014.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *Cinema, Educação e História Pública* *In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (ORGS). Introdução à História Pública.* São Paulo, Letra e Voz, 2011. P.207-223.

- GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não-formal*. Disponível em https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305943/mod_resource/content/1/Educao_Formal_Nao_Forma_2005.pdf. Acesso em 03/07/2020.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro, KODAMA, Kaori, FONSECA, Maria Rachel Fróes da. *Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, p. 593-600, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/YSb994PgNBnjG7PCCmpCb6L/?lang=pt>. Acesso em 05/04/23.
- GOMES, Angela de Castro. *A escrita da história nos palcos - Teatro histórico e crítica literária na Marquesa de Santos*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, p. 669-698, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/mv884NmDwmp6zypzfs4j3fb/?lang=pt>. Acesso em 06/04/23.
- _____. *História de chinelo: o ensino de história através do rádio no Brasil dos anos 1950*. In: ROCHA, Helenice, MAGALHÃES, Marcelo, GONTIJO, Rebeca (ORGS). *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2015. P. 217-234.
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- HOLANDA, Cristina Rodrigues. *A construção do Templo da História – Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)*. Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em História Social na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.
- _____. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2005.
- LIMA, Guiliana Souza de. *História de outros carnavais: a construção da história da música popular brasileira na narrativa radiofônica de Almirante*. Disponível http://www.memoriadamusica.com.br/site/images/stories/Historia_de_Outros_Carnavais.pdf. Acesso em 02/07/2020.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*. *Ciências e Letras - revista da faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, jan. -jun. 2000.

- MOLES, Osvaldo. *Piquenique Classe C: crônicas e flagrantes de São Paulo*. São Paulo, Boa Leitura Editora, 1962.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, EDUSC, 2004.
- MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. Ed. Companhia das Letras. Rio de Janeiro. 1994.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. 3rd ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda e ARAUJO, VALDEI Lopes de. (ORGS) *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro, FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 105-126 (2002-2003). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5383/6913>. Acesso em 02/06/23.
- MARINS, Paulo Garcez. O museu da paz: Sobre a pintura histórica no Museu Paulista durante a gestão Taunay. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (COORD). *O Museu Paulista e a gestão de Afonso Taunay: escrita da história e historiografia, séculos XIX e XX*, p. 159-191, São Paulo, Museu Paulista da USP, 2017.
- PEIXER ABREU NEVES, A. C. *Memórias de experiências e a cultura escolar da escola pública de Itoupava Norte no período da nacionalização do ensino – 1940*. Faces da História, v. 6, n. 1, p. 182-202, 21 jun. 2019.
- QUEIROZ, Caroline Trapp de. *Infância nas ondas do rádio: um convite à leitura das peças radiofônicas de Walter Benjamin*. Disponível em: http://desidades.ufrj.br/bibliographic_info/a-hora-das-criancas-narrativas-radiofonicas-de-walter-benjamin-de-walter-benjamin-traducao-de-aldo-medeiros/.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto – o museu no ensino de história*. Chapecó, Argos, 2004.
- _____. *Uma questão de tempo: os usos da memória nas aulas de história*. Caderno Cedec, Campinas, vol.30, n. 82, p. 397-411, set.-dez. 2010.
- RANGEL, Jorge Antonio. Coleção Educadores MEC - Roquette-Pinto. Recife, 2010, Ed. Massangana.

- ROCHA, Amara. *Nas ondas da modernização – o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970*. Rio de Janeiro, Aeroplano. 2007.
- ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. *Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos*. Revista USP, [S. l.], n. 56, p. 10-15, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p10-15. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33800>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- ROQUETTE-PINTO, E. *Seixos rolados*. Rio de Janeiro: Mendonça Machado, 1927, p. 231-241.
- SILVA, Cristiani Bereta da. e ZAMBONI, Ernesta (ORGS). *Ensino de História, memória e culturas*. CRV, Curitiba, 2013
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- SOUSA, Eusébio de. *História do Ceará para crianças (contada pelo rádio)*. Fortaleza: [s.n.], fasc.1, 1936a. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2005. P 30-31.
- URIBARREN, M. S. *Parcerias e aspectos materiais da primeira edição dos livros sobre o barroco brasileiro de Germain Bazin*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 30, p. 1-50, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/183173>. Acesso em: 8 maio. 2023.

Lista de anexos

ANEXO I - Temas abordados nos demais roteiros:

Data que foi ao ar	Temas abordados
28/06/51	<ul style="list-style-type: none"> . Explicação da expressão “como um príncipe”. . A história de Demóstenes, orador grego. . As inspirações de Beethoven para compor. . A construção do dirigível de Santos Dumont. . Análise da obra “Crime e Castigo” de Fiódor Dostoiévski. . “O capítulo da estupidez humana”, com Platão, Diógenes, Arquimedes, Thomas Edson e Alexandre Dumas
12/07/51	<ul style="list-style-type: none"> . História do jogo de xadrez. . História sobre Chopin. . A tomada da Bastilha. . Análise da obra “Os motivos do lobo”, de Ruben Dario.
19/07/51	<ul style="list-style-type: none"> . A história das bebidas alcoólicas no mundo. . “Os documentos das burrice humana” . Análise da “mais terrível peça de Sartre”: o Diabo e o bom Deus. . Nomes estapafúrdios no Brasil.
26/07/51	<ul style="list-style-type: none"> . As origens do futebol. . “Um pouco da vida de Chopin” . Análise da peça teatral “Ligados” de Eugene O’neill . Apresentação e história da música Mãe Preta do maestro Benjamin Silva Araújo e Luiz Peixoto.
02/08/51	<ul style="list-style-type: none"> . História da mentira. . História de Giuseppe Verdi. . Análise de uma obra de Alejandro Casona . Leitura de um trecho de uma peça teatral de Tristan Bernnard
09/08/51	<ul style="list-style-type: none"> . Os enganos dos locutores e atores de rádio. . A história de Carlos Gomes . Análise da obra “Os Maias” de Eça de Queiróz.
16/08/51	<ul style="list-style-type: none"> . Análise de algumas palavras do nosso idioma. . Como Euclides da Cunha sabia usar as palavras. . A história de Giacomo Puccini. . Análise da obra “O belo indiferente” de Jean Cocteau.

ANEXO II - Temas abordados nos fragmentos dos áudios

1951	. História das festas de São João, seus costumes e crenças. . “Em que um homem gasta o resto do tempo na sua vida?”
1951	. História sobre a “hora certa”. . Crônica pitoresca da cidade de São Paulo: a água encanada na cidade”. . História sobre o Rio São Francisco.

ANEXO III - Audiência do programa nos anos de 1951 e 1952

ANO	MESES	20:30 às 20:45	20:45 às 21:00
1951	Julho/Agosto	1,5%	2,4%
1951	Agosto/Setembro	0,7%	1,4%
1951	Setembro/Outubro	1,3%	2,1%
1951	Outubro/Novembro	1,2%	2,3%
1951	Novembro/Dezembro	1,6%	1,8%
1951/52	Dezembro/Janeiro	2,0%	1,6%
1952	Janeiro/Fevereiro	2,5%	2,7%
1952	Fevereiro/Março	3,3%	2,5%
1952	Março/Abril	2,6%	3,3%
1952	Abril/Maio	1,6%	3,3%
1952	Maio/Junho	1,4%	3,6%
1952	Junho/Julho	2,4%	2,6%
1952	Julho/Agosto	3,1%	1,4%
1952	Agosto/Setembro	0,8%	1,1%
1952	Setembro/Outubro	1,1%	2,7%
1952	Outubro/Novembro	1,7%	1,1%
1952	Novembro/Dezembro	2,4%	1,5%
MÉDIA		1,83%	2,0%

ANEXO IV - Composições de Osvaldo Moles com seus parceiros.

Música	Compositores	Ano de gravação
Nego	Osvaldo Moles / Hervê Cordovil	1946
Feliz Ano Novo	Osvaldo Moles / Chico	1952
Joga a chave	Osvaldo Moles / Adoniran Barbosa	1952
Conselho de mulher (Progrêssio)	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles / João Belarmino dos Santos	1952
Bola no barbante	Osvaldo Molles/Sylvio Mazzuca	1953
Noite de luz	Osvaldo Moles / Franz Gruber	1953
Bandinha do Eldorado	Osvaldo Moles / Renato de Oliveira	1954
Nego “difíci”	Osvaldo Moles / Hervê Cordovil	1956
Pafunça	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1958
Dor de “catuvelo”	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1959
Sai água da minha boca	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1959
Dente de ouro	Osvaldo Moles / Hervê Cordovil	1959
Segura o apito	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1964
Mulher, patrão e cachaça	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1968
Casamento do Moacir	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1968
Mimoso Colibri	Osvaldo Moles / Hervê Cordovil	1951

Chora na rampa	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1971
Tiro ao Álvaro	Adoniran Barbosa / Osvaldo Moles	1960
Letra de Samba	Osvaldo Moles / Hervê Cordovil	s/d

